



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

*Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais residentes no
Pará*

Keila do Socorro da Silva Rebello

Belém- PA

2012



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais residentes no Pará

Keila do Socorro da Silva Rebello

Dissertação de Mestrado apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Regina Célia Souza Brito. Área de Concentração Ecoetologia.

Belém - PA

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da UFPA- Belém- PA

Rebello, Keila do Socorro da Silva

Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais residentes no Pará / Keila do Socorro da Silva Rebello; orientadora, Prof^a. Dr^a. Regina Célia Souza Brito – 2012.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, 2012.

1. Relação homem – mulher - Pará. 2. Psicologia genética. I. Brito, Regina Célia Souza, orient. I. Título.

CDD 22. ed.: 158.2098115



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais
residentes no Pará

Candidata: Keila do Socorro da Silva Rebello

DATA DA DEFESA: 26/04/2012

RESULTADO: _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Souza Brito (UFPA)- orientadora

Prof. Dr. Professor André Luiz Ribeiro Lacerda (UFMT) - membro

Prof.^a Dr.^a Marilice Fernandes Garotti (UFPA) - membro

Prof.^a Dr.^a Manuela Beltrão Cavaleiro de Macedo (UFPA)- suplente

“O amor é o terreno do encontro evolucionário, onde homens e mulheres baixam suas armas”.
(David Buss, 2000)

INDICE

1. Resumo.....	i.
2. Abstract.....	ii
3. Apresentação.....	iii
4. Introdução	1
4.1. Objetivos gerais.....	16
4.2. Método geral.....	17
4.3. Limitações.....	21
5. Capítulo 1.....	22
5.1. Introdução.....	22
5.2. Método.....	31
5.3. Resultados.....	34
5.4. Discussão.....	37
5.5. Referências.....	42
6. Capítulo 2.....	45
6.1. Introdução.....	46
6.2. Método.....	54
6.3. Resultados.....	55
6.4. Discussão.....	60
6.5. Referências.....	64
7. Discussão Geral.....	68
8. Referências	72
9. Anexos	79
Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	81
Anexo 2: Questionário Socioeconômico.....	83
Anexo 3: Questionário MARQ.....	86
Anexo 4: Parecer do Comitê de Ética do CCS-UFPA.....	114

Lista de Figuras:

Capítulo 1:

Figura 1: Índices de similaridade na avaliação de satisfação dos casais entre as escalas.....	35
Tabela 1. Questões da Escala MARQ.....	31
Tabela 2. Escores convertidos por sexo da escala a partir das respostas dos participantes.....	32
Tabela 3. Índices de satisfação entre os casais.....	36
Tabela 4. Correlações entre as escalas dos casais.....	37

Capítulo 2:

Figura 1: Escores da satisfação dos participantes nas escalas conforme o sexo...55	55
Tabela 1. Distribuição da renda por sexo.....	56
Tabela 2.. Distribuição da religião por sexo.....	56
Tabela 3. Escores brutos da satisfação dos participantes	57
Tabela 4. Descrição dos níveis de significância entre os sexos nas escalas de satisfação.....	58
Tabela 5. Coeficientes de correlação de Spearman, p valores e variação explicada entre as escalas de homens e mulheres.....	59

AGRADECIMENTOS

Considerando-se que meu interesse por desenvolver este projeto de pesquisa começou em meados de 2008 e que minha vida pessoal foi afetada por tantos percalços e perdas, eu gostaria de começar agradecendo à minha querida orientadora por toda a paciência e que teve comigo para conseguir com que este projeto fosse “parido”. Perder meu pai, além do meu avô e de minha tia, que foi uma de minhas melhores amigas e minha grande incentivadora.

Além deste apoio emocional, só aumentou minha admiração pelo seu imenso saber e sensibilidade. Espero um dia ser pelo menos um terço do que você é como ser humano e como pesquisadora, obrigada por tudo. Aquele primeiro email que você me respondeu marcando nossa primeira conversa certamente mudou a minha vida. Todas as pessoas deveriam ter assegurado o direito de cursar uma pós-graduação de qualidade, nossa visão sobre o mundo, sobre a vida e como cidadãos se amplia extraordinariamente.

Estendo minha gratidão aos nobres colegas do GEAPE e à professora Alda, que também me acolheram com igual carinho e solidariedade. Ao Mauro Junior, dedicarei um parágrafo posterior. Ao GEAPE também por todos os almoços, por todas as leituras e discussões, pelas contribuições no trabalho propriamente, no treino das apresentações, enfim. Sei que faço parte de um grupo seletivo e exigente de pesquisadores e devo parte da qualidade do meu trabalho à apreciação criteriosa de vocês.

Gostaria de agradecer imensamente aos casais que gentilmente participaram deste projeto de pesquisa, pois chegar ao centésimo questionário foi extremamente difícil, considerando-se a quantidade de maridos/parceiros que se recusaram a participar, considerando-se que em nosso país simplesmente a consciência de que todos nós (cientistas e não cientistas) temos responsabilidade/possibilidade de contribuir para o progresso da ciência é algo quase utópico. Fiquei extremamente emocionada com seus depoimentos a respeito dos questionários (embora eu não seja a autora deles), tanto com os que elogiaram quanto com os que reclamaram, espero que um dia eu possa encontrar com Russell e Wells para transmitir este feedback. Agradeço seus votos de sucesso saibam que isto não seria possível sem o precioso apoio de vocês. Graças a vocês eu pude sobreviver aos “nãos” que recebi e ao transtorno agudo de ansiedade que sofri durante a coleta.

Para chegar até os casais, precisei do enorme apoio dos meus colegas do GEAPE (especialmente Thaís, Aline, Manuela, Vivianni, Mauro Junior, Vanessa, Manuela, Susanne, Cibele, Paula, Fernanda, Marilu), que me apoiaram não só neste como em todos os momentos da pesquisa, obrigada por tudo meus queridos; assim como o apoio dos meus colegas de trabalho da Secretaria de Estado de Assistência Social do Estado (Sueli Mendonça, Elinete Marques, Telma Rabelo, Vilma, Graça, Helessandra, Letícia, Clodoaldo, Anabela, Charles, Cecília), me perdoem se esqueci de algum nome. À Mislene Camelo, que me incentivou a voltar para o mestrado e entrar em contato com a professora Regina.

Às turmas da professora Manuela Cavaleiro de Macedo: alunos do curso de Letras, Pedagogia, Ciências Sociais e alguns alunos da Psicologia. Obrigada pelo enorme apoio de vocês na coleta e pelo carinho com que me receberam e atenderam ao meu apelo em suas aulas.

Aos meus amigos pessoais, Caetano Diniz, Andressa Dias André, Carla Nogueira, Helessandra Silva (que me “emprestou” inclusive sua irmã como auxiliar de coleta), Camila Macedo, Danielle Moura, Elecarla, especialmente Raylenne Cruz e a professora Manuela Beltrão (devo a ti 60% desta coleta). Dani, minha defesa não seria a mesma sem aquele domingo de treino e de apoio terapêutico em sua casa, sua amizade é um das maiores riquezas de minha vida. O mesmo estendo à Raylenne, minha amiga de todas as horas, mesmo quando eu estou ausente, te admiro muito!!!

Aos meus amigos do Centro Espírita Irmã Maria da Luz (Marise, Etienne, Armando, Sandra, Cristina, e todos), obrigada pela participação, pelo carinho e pela torcida.

Agradeço também aos gentilíssimos americanos, Sr Glenn e Sra Carol Weisfeld pela disponibilização dos instrumentos de pesquisa e pelo apoio e acompanhamento na administração do MARQ em terras brasileiras, além daquele delicioso jantar em Natal, espero revê-los brevemente no próximo encontro do ISHE. Da mesma forma, agradeço aos pesquisadores do Milênio, à Vitória Carvalho (BA), à Débora Barbosa(SP) por suas contribuições, assim como o olhar especial dos meus “banqueiros”, professora Marilice e professor André.

À secretaria do NTPC pela paciência quando eu estive imprimindo meus milhares de questionários. Aos amigos da SETER (Lúcia, Carlyle, Silvia Lidia, Cleidiane Sena). Aos meus professores do Núcleo (NTPC).

Menos o Mauro Dias Silva Junior, que está no Canadá...ops, que está em Oxford!!! Meu querido co-orientador, o que seria de mim sem tua orientação e enorme paciência diante de minha ignorância estatística (sem falar nas outras)? Não sei se serei capaz de cumprir os prometidos cinco anos de férias de mim, todavia, saiba que terá sempre minha admiração, como brilhante professor, pesquisador e como escritor. Obrigada por me aturar em todos os momentos, desde sua acolhida junto com a Manu em Natal, principalmente quando você foi para seu doutorado-sanduíche, diante das nossas dificuldade de fuso e do cansaço, ainda assim you're been there for me!! Todavia, foi preciso eu me pós-graduar para usufruir de todos estes momentos (vc é exigente hein?).

Minha amada família: minha mãe, Paula Rebello e Sérgio Rebello Filho (meus irmãos) me ajudaram a colocar a cereja no final do bolo, juntamente com meus cunhados Josiel e Larissa Dias André, conseguindo os últimos questionários para encerrar a coleta. Aos meus amados sobrinhos (João Augusto e Sérgio Neto) que me ajudam a compreender ainda mais o significado da imensidão do amor, sou alucinada por vocês desde o Pleistoceno, com certeza...assim como pelo Jorge Nascimento, meu companheiro de jornada desde tempos "imemoriais": compreendi claramente o papel da oxitocina e da vasopressina por tua causa. Obrigada por me aturarem por tanto tempo, eu os amo para todo o sempre.

Ao meu amado pai (in memoriam) Sérgio Rebello, meu grande incentivador, seu apoio e sua luta para que eu pudesse me graduar e "ser alguém" me colocaram aqui, diante dos meus sonhos. Obrigada por seu imenso amor, gostaria muito que o senhor estivesse aqui comigo hoje, para a gente sair pra comemorar em família, junto com a titia e com o vovô (ambos in memoriam também). Obrigada por todos os dias em que estivemos juntos e por ter me feito compreender que nem mesmo a morte é capaz de acabar com este sentimento GIGANTESCO e transcendental que pretendo estudar para sempre, que é o AMOR.

Estou convencida de que se Deus existe mesmo ele é o próprio Amor, por que quem teria criado algo tão poderoso e especial ao ponto de atravessar milhões de anos e até sobreviver até mesmo à partida física dos entes queridos? E acima de tudo, obrigada Pai Celestial, por fortalecer a minha fé na vida e através da Ciência. Por ter nos trazido Darwin, que nos permitiu enxergar no nosso lugar diante da natureza e da evolução.

Rebello, K.S.S. (2012). Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais residentes no Pará. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém, PA: Universidade Federal do Pará. 114 páginas.

RESUMO

Neste estudo investigamos as percepções que os casais têm de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial teórico utilizado neste trabalho, que se baseia fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os casais residentes na região metropolitana de Belém avaliam a qualidade de seus relacionamentos conjugais atuais, comparando as respostas dos membros da díade entre si e separadamente, por sexo. Utilizando a escala MARQ como instrumento de medida de satisfação conjugal, encontramos 86% dos casais satisfeitos com seus relacionamentos, cuja duração média foi 12,62 anos, a maioria oriundos da classe média. Analisada as respostas do casal, encontramos nas escalas de **ciúme, parceria e amor** os principais fatores para a satisfação conjugal. Analisadas separadamente, estas respostas indicaram que homens e mulheres avaliaram o **ciúme sexual, conciliação e problemas com o relacionamento** como fatores mais importantes para a satisfação conjugal. Analisando características sociodemográficas como faixa etária, renda e escolaridade, encontramos homogamia entre os casais mais satisfeitos. Os resultados encontrados fortalecem os pressupostos da Psicologia Evolucionista a respeito da onipresença do amor e do ciúme, como fatores de coesão dos hominíneos, especialmente na formação de pares, desde nossos ancestrais até a atualidade. Especialmente o mecanismo do ciúme estaria influenciando o comportamento amoroso de homens e mulheres paraenses. As pequenas diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento.

Palavras-chave: satisfação conjugal, homogamia, psicologia evolucionista

Abstract

We investigated perceptions of couples on their own marital relationships. According to Evolutionary Psychology, an evolutionary framework which supports this study, those perceptions are part of monitoring mechanisms of relationship satisfaction. Specifically, we aimed to investigate how couples hosted in the metropolitan region of Belém evaluate the quality of their current marital relationships, through the comparison between responses of each husband and wife. We used the MARQ questionnaire to assess their marital satisfaction, thus we found length of relationship was 12,62 years on average. Most couples were from middle class, 86% of them reported satisfaction in their relationships. Among the 12 scales of MARQ, scales of jealous, partnership, and love were more important for relationship satisfaction than others. When we analyzed participants' responses divided by sex, both husbands and wives evaluated sexual jealous, reconciliation and problems with partner as the most important factor for their satisfaction with relationship. Between those who have satisfaction in their relationships, we were able to find homogamy in their age, income range, and level of education. Results found support Evolutionary Psychology hypothesis about the omnipresence of love and jealous as mechanisms of pair bonding since our ancestors and nowadays. Among Northern Brazilians couples, it seems the jealous mechanisms are underlying their mating behavior. The small differences on evaluation of relationships between sexes did not impacted significantly on the satisfaction of wives and husbands in their relationships.

Key-words: marital satisfaction, homogamy, and evolutionary psychology

APRESENTAÇÃO

O presente estudo está dividido em duas sessões referentes aos principais objetivos da pesquisa. Cada sessão é composta por uma introdução específica ao objetivo abordado, uma sub-sessão de método (comum a todas as sessões) e uma sub-sessão de resultados e discussão, também específicos. As duas sessões são precedidas de uma introdução geral e sucedidas de uma discussão geral.

A primeira sessão descreve como os casais residentes no Pará avaliam em conjunto (como díade) a qualidade de seus relacionamentos atuais, assim como identifica os fatores que mais contribuem para a satisfação dos cônjuges, especialmente o papel da homogamia.

A segunda sessão descreve como homens e mulheres avaliam (como respondentes individuais) a qualidade de seus relacionamentos atuais, assim como identifica o papel do amor romântico na satisfação conjugal, considerando as variáveis investigadas na primeira sessão.

INTRODUÇÃO GERAL

De acordo com os pressupostos da Psicologia Evolucionista, alguns dos problemas enfrentados por nossos ancestrais no ambiente de adaptação evolutiva foram identificar um parceiro fértil, competir com rivais do mesmo sexo, ser atraente e ser selecionado pelo parceiro do sexo oposto, afastar os rivais do parceiro selecionado, prevenir a deserção deste, emitir os comportamentos sexuais e socialmente desejáveis para conceber e criar os filhos.

Tais problemas atuaram como pressões seletivas que resultaram na evolução dos complexos mecanismos adaptativos da psicologia humana destinados especificamente para a seleção de parceiros (Buss, 2007).

Estes mecanismos psicológicos foram selecionados por terem propiciado maior sucesso reprodutivo aos indivíduos. Provavelmente se consolidaram a partir do momento em que os hominíneos adotaram a postura bípede como forma de locomoção e postura e da subsequente expansão cerebral dos mesmos, o que culminou no impasse obstétrico. Em decorrência disso, nossos ancestrais que geraram filhotes imaturos, e cuja sobrevivência esteve diretamente relacionada ao intenso e longo período de investimento parental sobreviveram legando a nós estas características típicas (Lewin, 1995).

A intensificação da dependência do investimento parental necessário tanto à sobrevivência como ao desenvolvimento da prole exigiu altas demandas do tempo da mãe, a habilidade de coletar alimentos e de defender a si e a sua prole. A imaturidade do infante agiu como forte pressão seletiva para o cuidado biparental, e o apoio do pai facilitaria, assim, a sobrevivência da prole (Lewin, 1995).

Deste modo, aqueles que somaram seus esforços sob a forma de “pares” ou parcerias amorosas para cuidar da prole, obtiveram êxito na tarefa de transmissão de seus genes à posteridade. Assim, as diversas preferências na seleção de parceiros apresentadas atualmente por homens e mulheres e verificadas em diversas culturas, evoluíram ao longo do tempo evolucionário. Foi necessário que ambos os sexos aprendessem a identificar pistas nos parceiros de que eles poderiam assegurar seu sucesso reprodutivo.

Homens e mulheres: diferenças fundamentais na escolha de parceiros

Trivers (1972) propôs que os indivíduos do sexo que investe mais na prole tendem a ser mais seletivos ao escolher um parceiro. Os indivíduos do sexo que realiza

menor investimento parental na prole tendem a ser mais competitivos entre si e menos seletivos nesta escolha.

Como em nossa espécie, o sexo feminino realiza maior investimento parental desde a produção dos óvulos, os nove meses de gestação, parto e lactação, as mulheres não poderiam desperdiçar tempo e energia selecionando um parceiro que não as ajudasse nos cuidados parentais da criança.

Assim, a seleção favoreceu aquelas ancestrais que foram mais seletivas e preferiram parceiros que partilharam com elas e sua prole, tempo, recursos, alimentos e proteção, aqueles que permaneceram junto de si tempo suficiente para o crescimento de sua prole até que esta atingisse uma relativa independência materna (Buss, 2007). Pressupõe-se que estes mecanismos psicológicos, selecionados então, continuem ativos e guiem nossas escolhas atuais.

Entretanto, este investimento parental diferenciado em nossa biologia e comportamento configura-se mais equilibrado após o desmame dos filhos, pois pais e mães investem muito no sustento e na educação dos filhos, inclusive até a idade adulta em alguns casos, até que esta prole tenha condições de se auto-sustentar.

Dadas estas diferenças de investimento parental, homens e mulheres desenvolveram preferências por determinadas qualidades, em seus potenciais parceiros, em especial para parcerias de longo prazo (Li & Kenrick, 2006; Miner & Shackelford, 2010). As mulheres teriam preferência por parceiros com características relacionadas à obtenção de recursos como a inteligência, ambição, senso de humor, criatividade, com capacidade de protegê-la fisicamente, disposição para cooperar, confiabilidade, estabilidade e cujos valores e objetivos sejam compatíveis com os dela (Brito, Silva Junior & Henriques, 2009, Buss & Schmitt, 1993, Cruz, 2009, Sadala, 2005).

Os mecanismos psicológicos, responsáveis pela detecção de sinais adequados, emitidos por potenciais parceiros investidores, guariam os comportamentos femininos na escolha destes assegurando que seu esforço reprodutivo seja compartilhado com alguém que tenha condições de prover recursos para si e sua prole (Buss, 1989, 2003, 2007).

Os homens, por sua vez, demonstram preferência por características relacionadas à fertilidade em uma parceira amorosa, especialmente a juventude e a beleza física, geralmente relacionadas à simetria facial, pele limpa, saudável e uma razão cintura quadril adequada geralmente em torno de 0,7 (Buss & Schmitt, 1993, Buss, Shackelford & Leblanc, 2000).

A preferência dos homens por mulheres mais jovens para parcerias de longo prazo estaria relacionada ao potencial reprodutivo destas, conforme estudo transcultural realizado por Buss, Shackelford e LeBlanc (2000) em 37 culturas localizadas nos seis continentes, no qual foram entrevistadas 9.809 pessoas de ambos os sexos. Foram entrevistados 4.449 homens e 5.310 mulheres cujas idades variavam entre 17 a 30 anos, 66% deles estavam solteiros na época da pesquisa. Eles responderam um questionário com perguntas a respeito de sua idade atual, a idade que tinham quando do primeiro casamento, a idade do atual parceiro(a) e a idade do parceiro(a) quando do primeiro casamento, a preferência pela diferença entre a sua idade e a de seus parceiros(as) e o número de filhos que desejavam ter.

Os autores fortaleceram a hipótese inicial de que homens entrevistados que desejavam ter maior número de filhos tiveram maior preferência por mulheres mais jovens que aqueles que desejavam ter menos filhos, o que claramente associava a idade ao potencial reprodutivo das mesmas. Quanto mais velhos os homens, maior foi a diferença de idade detectada entre eles e suas esposas. O inverso não foi detectado entre os resultados sobre as preferências das mulheres entrevistadas, de acordo com a hipótese inicial dos autores (Buss, Shackelford e LeBlanc, 2000)

Buss (1989) já identificara em seus estudos que, homens e mulheres partilhavam características outras, além das específicas de cada sexo, citadas anteriormente, tais como gentileza, compreensão, inteligência e saúde, atração mútua e amor. Isto também sugere que ambos os sexos desejam características semelhantes ou homogâmicas, e também poderia ser considerado um indício de que ambos desejam estabelecer um compromisso duradouro, do contrário, não faria sentido a evolução destas preferências.

Shackelford, Schmitt e Buss (2005) encontraram, em um estudo longitudinal com jovens recém-casados, entrevistados no primeiro e no quarto ano de casamento, que preferências como boas perspectivas financeiras, boa aparência, estabilidade emocional e maturidade eram partilhadas e valorizadas por ambos os cônjuges, no início do relacionamento e que tais preferências mantiveram-se importantes mesmo até o quarto ano de casamento.

É provável que os mecanismos de preferências específicos de cada sexo atuem no início da seleção de um parceiro (quando não se tem certeza de que se deva investir na relação). Uma vez selecionados, a busca de similaridades seria um segundo passo, quando o parceiro decide que a relação estabelecida deve ser fortalecida, daí a importância de alguns objetivos serem fundamentalmente partilhados, o que culminaria

na relação de longo-prazo. Aprofundarei esta discussão a seguir quando abordar a importância da satisfação nos relacionamentos.

Uma vez estabelecida a parceria de compromisso, atentemos para a evolução das relações afetivas estabelecidas entre pares, da perspectiva das neurociências sobre as prováveis origens do amor, tido na literatura como um dos principais responsáveis pela manutenção das parcerias amorosas.

A evolução do cérebro que ama:

Fisher, Aron, Mashek, Li, Strong & Brown (2000, 2002) e Fisher (1998, 2000, 2004) relataram que os humanos possuem três sistemas neurais de natureza emocional/motivacional relacionados à reprodução: a luxúria, o amor romântico e o apego. O primeiro sistema neural, denominado de *luxúria (ou desejo sexual)*, ou seja, o anseio por recompensas sexuais prazerosas estaria associado primariamente aos hormônios sexuais, estrogênios e androgênios. Ele teria surgido e motivado nossos ancestrais a buscar essas recompensas, por meio de intercursos sexuais com qualquer parceiro.

Através do desejo sexual, nos engajamos em atividades sexuais e sua existência pode ser verificada pelo monitoramento do fluxo sanguíneo na genitália humana (Diamond, 2003). Conforme Buss (2007) e Fisher (2004), o desejo ou luxúria é ponto de partida do processo de selecionar um parceiro amoroso. As estratégias utilizadas neste processo serão bem ou mal sucedidas conforme preencham os desejos de um parceiro em potencial.

O segundo sistema, denominado de *amor-romântico*, popularmente conhecido como estado de paixão, caracterizado segundo Tennov (1979) por pensamento obsessivo no ser amado (pensamento intrusivo), desejo de união emocional com o parceiro ou potencial parceiro, que estariam associados à elevação dos níveis centrais de dopamina e norepinefrina e níveis reduzidos de serotonina (Bartels & Zecki, 2000; Fisher, 1998). Tennov (1979), Marazziti, Rossi e Cassano (1999) e Fisher (1995, 2004) calculam que a duração da paixão/amor romântico estaria entre dezoito meses e três anos. Este sistema teria possibilitado aos nossos ancestrais concentrarem sua energia, tempo e recursos em um único indivíduo por vez, prevenindo eventuais desperdícios no acasalamento.

O terceiro sistema, denominado apego seria caracterizado pela defesa de territórios, partilha de alimentos, manutenção de proximidade ao ser amado, ansiedade

de separação da figura de apego, laços familiares, entre outros comportamentos afiliativos (Fisher, 2000, 2004; Fisher e cols, 2002).

O sistema de apego entre homens e mulheres permitiu que desenvolvêssemos conexões afiliativas longas, que deram origem ao que hoje conhecemos como laços familiares entre os indivíduos. Também contribuiu para que os parceiros permanecessem unidos pelo tempo mínimo necessário para a geração e criação dos filhos resultantes de parcerias amorosas. (Fisher, 2000, 2004; Fisher e cols, 2002).

Este sistema estaria relacionado às sensações de paz, segurança e estabilidade, associadas aos neuropeptídios como a oxitocina e vasopressina, presentes em relacionamentos de longa duração. Vale considerar que a oxitocina também desempenha importante papel nos cuidados da mãe com o recém-nascido e em contatos sociais positivos, que reduziriam a ansiedade (Carter, 1992,1998).

Embora estes três sistemas possam atuar em conjunto, eles também podem operar de modo independente um do outro: podemos nos sentir atraídos e ter intercursos sexuais com pessoas sem desenvolver laços de apego (como na prática de sexo casual); desenvolvemos laços de apego com pessoas (amigos, por exemplo) sem intercursos sexuais com elas (Fisher, 2004, Buss, 2007).

A evolução desta sofisticada circuitaria neural estaria associada aos hormônios sexuais, aos diferentes neurotransmissores e aos aspectos comportamentais relacionados às estratégias reprodutivas de nossa espécie.

Bussab e Ribeiro (1998, 2002) e Bussab (2000) acrescentam que durante a evolução humana houve a seleção natural dos mecanismos que propiciaram o aumento da vinculação afetiva. John Bowlby (1989) ao elaborar sua proposta explicativa para o apego (Teoria do Apego) contribuiu para evidenciar que existe em nós uma predisposição natural para que nos vinculemos afetivamente. O autor conceitua o apego como um complexo sistema comportamental que mantém os infantes próximos aos seus cuidadores, o que contribuiu, em nosso passado evolucionário, para maximizar as chances de sobrevivência dos infantes.

O vínculo afetivo entre o infante e seu cuidador é intenso, de modo que a separação entre eles elicia sentimentos de ansiedade e estresse, enquanto que, ao contrário, a proximidade propicia sentimentos de conforto e segurança e que Bowlby chamou de apego. Carter (1998) chegou a hipotetizar que possa existir apego social na ausência do amor, mas a existência do amor sem apego parece pouco provável.

Bussab (2000) propõe que o vínculo afetivo se forme como consequência das interações afetuosas e lúdicas, desvinculado da satisfação de necessidades básicas como alimentação, por exemplo. Por isso, o apego é considerado um impulso primário e instintivo. Hazan e Zeifman (1999) e Diamond (2003) acreditam que o sistema de apego foi co-optado para o propósito de manter os parceiros amorosos juntos, facilitando o cuidado parental e maximizando suas chances de sucesso reprodutivo.

Deste modo, a tendência que nós, hominíneos temos a formar pares (ou pair-bonding) e nos vincularmos afetivamente a estes parceiros poderia ser considerados como uma exaptação da relação infante-cuidador (Diamond, 2003). O papel da oxitosina nos sentimentos de segurança e paz, desde o estabelecimento da relação mãe-bebê assim como no estabelecimento da relação amorosa adulta pode ser considerado um bom argumento a favor desta proposição.

Young, Wang e Insel (1998) relatam que ocorre o aumento da vasopressina (nos homens) e da oxitosina (nas mulheres) na corrente sanguínea humana após o orgasmo, descrevendo assim uma importante base neuroendócrina para a evolução da relação de apego amoroso adulto, geralmente apresentado sob a forma de relacionamentos monogâmicos.

Além dos cuidados biparentais terem sido forte pressão seletiva para a formação de parcerias em nossos ancestrais hominídeos, a perda dos indícios do cio da fêmea hominídea pode ter reforçado a vinculação dos pares e contribuído para o surgimento das uniões monogâmicas, conforme explicitaremos a seguir.

A monogamia como estratégia reprodutiva

A ocultação da ovulação da fêmea hominínea pode ter sido um fator decisivo para a permanência do macho junto a si. Permanecer junto a parceira seria uma forma de garantir a paternidade da prole resultante uma vez que não era mais possível identificar seu período fértil. Para ela, a permanência do macho seria um meio de assegurar a sobrevivência da sua prole por meio do investimento paterno, já que seu parceiro poderia contribuir com sua alimentação e proteção, conforme pode ter ocorrido com nossos ancestrais, no ambiente de adaptação evolucionária (Sousa, Hattori & Mota, 2009; Buss, 2003).

Schmitt (2005) afirma que os psicólogos evolucionistas discordam frequentemente sobre as estratégias fundamentais de seleção de parceiros. Zeifman

(1999) acredita que fomos modelados para a monogamia ao longo da vida (perene), uma vez que boa parte dos humanos a tenham adotado como estratégia reprodutiva. Miller (1999) acrescenta que o alto nível de altricialidade humana, em comparação aos outros animais, requer alto investimento parental e ocasiona o relativo atraso na maturação sexual na adolescência (em detrimento da maturação física) são bons argumentos em favor da estratégia monogâmica.

Contudo, Symons (1979), argumenta que fomos modelados para nos relacionar com mais de um parceiro ao longo da vida, seja em forma de poliginia (um homem viveria com várias mulheres) ou poliandria (uma mulher viveria com vários homens), ou seja, pela prática de relações extra-conjugais.

Schmitt (2005) indica que a estratégia mais comum de acasalamento em nossa espécie seria a monogamia, na qual dois parceiros (geralmente de sexos opostos) permanecem juntos colaborando no investimento na prole, sendo esta mais comum em ambientes com baixos níveis de patógenos e onde o homem contribui com maior frequência para o provimento das necessidades da família.

Fisher (1995) sugere que os padrões de desmame, o espaçamento entre os nascimentos, o divórcio e os “recasamentos” nos levam para o sistema de *monogamia seriada*, no qual os indivíduos investem em várias parcerias monogâmicas consecutivas, a partir do momento em que a relação estabelecida deixe de ser satisfatória.

Conforme análise de Schmitt (2005) tal estratégia propiciaria ao homem maior sucesso reprodutivo, que seria menor (ao menos quantitativamente) caso este permanecesse casado com a mesma mulher ao longo da vida. Ele também aponta que a existência do alto índice de relações extra-conjugais detectadas em diversos estudos transculturais, também apoia a hipótese da monogamia seriada.

Como seria possível manter junto de si o parceiro preferido, após a adoção da estratégia monogâmica? E quais teriam sido as vantagens adaptativas que isso teria proporcionado aqueles que assim o fizeram? A existência do apego e do amor pode contribuir para responder estas indagações.

O papel do apego no relacionamento amoroso adulto

Além de Hazan e Zeifman (1999) e Diamond (2003), Ainsworth (1989) reforçam a hipótese de que o apego adulto estaria relacionado ao apego infantil. Relatam que haveria uma relação entre a qualidade do apego desenvolvido na infância com o apego demonstrado na idade adulta. Segundo estes dois últimos autores, a

experiência pessoal com as figuras de apego primárias na infância seria a base para o modelo de funcionamento mental que guiarão o sistema de crenças e comportamentos do indivíduo, que por sua vez definiriam a qualidade dos seus futuros relacionamentos estabelecidos com outras pessoas, não se restringindo aos de natureza romântica.

Hazan e Shaver (1987), por sua vez, investigaram qual seria o papel do apego especificamente nos relacionamentos amorosos. Estes autores consideram que o amor romântico seria um processo de apego com laços sociais e emocionais extremamente complexos e que as experiências primárias (estilos de apego estabelecido na infância), seriam preditores para o estilo de apego romântico estabelecidos pelo indivíduo na idade adulta. Os estilos de apego estudados por eles foram basicamente os estilos infantis identificados por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978): os estilos seguro, ansioso-ambivalente e o evitativo. Estes estilos estabeleceriam a base da segurança na infância e também seriam estabelecidos, na idade adulta, com o parceiro amoroso.

Secult, Zayas e Hazan (2010) consideram que o vínculo de apego se manteria independentemente do nível de satisfação vivenciado no relacionamento e discutem o papel do apego no funcionamento conjugal. Para eles, nem todas as relações que os indivíduos desenvolverão ao longo da vida envolverão o apego.

A relação de apego é caracterizada quando o indivíduo busca manter a proximidade com o parceiro (1), quando tem a relação com o parceiro como fonte de segurança, especialmente quando ameaçado e/ou necessitando de conforto (2), quando usa a relação como base segura para explorar o mundo (3) e quando experimenta ansiedade de separação na ausência do parceiro (4).

Isto caracterizaria as relações de apego com nossos pais, amigos e parceiros amorosos. Especialmente a ansiedade de separação seria um forte marcador para a identificação da vinculação afetiva de crianças e adultos (Hazan & Zeifman, 1994; Hazan, Gur-Yaish, & Campa, 2004). No apego adulto, a manutenção de proximidade com a figura de apego se daria primariamente pela atração sexual, ao menos no início dos relacionamentos amorosos, sendo substituídos gradualmente ao passar do tempo pelo apego e cuidado mútuo (Hazan & Zeifman, 1994).

Secult e cols (2010) observam que, embora a teoria do apego tenha sido utilizada para compreender os laços românticos estabelecidos nas parcerias amorosas dos adultos, a maioria dos trabalhos tem focado prioritariamente a satisfação e que o papel dos processos de apego na qualidade conjugal tem sido pouco investigado. Eles ressaltam que o apego proporciona benefícios físicos e psicológicos tanto quanto ou além

daqueles proporcionados pela satisfação conjugal. Isto significa que os casais podem manter a parceria amorosa, em função do apego e não necessariamente em função dos altos índices de satisfação.

As principais implicações de se tomar o relacionamento erótico afetivo como uma relação de apego seria considerar que uma das suas funções básicas consistiria em regular o senso de segurança dos cônjuges, que lhes trariam benefícios físicos e psicológicos; este senso permitiria o aumento da exploração do ambiente fora da relação, por exemplo, na habilidade de alcançar suas metas pessoais. Talvez este senso de segurança seja tão importante na manutenção da parceria quanto a satisfação com o relacionamento.

As diferenças no estilo de apego adulto influenciariam os processos de apego relacionados ao ajustamento conjugal. Deste modo, o senso de segurança e proximidade, a regulação da fisiologia e do afeto e o aumento da exploração externa seriam típicos dos arranjos conjugais e não requereriam altos níveis de satisfação conjugal, o que não significa considerar que estes sentimentos ocorreriam em relações abusivas ou altamente estressoras. Ao contrário, haveria uma desregulação afetiva do indivíduo, decorrente de tais interações negativas (Secult e cols, 2010).

Além do apego, o cuidado e a sexualidade seriam os principais componentes do amor romântico e poderiam ser considerados preditores da satisfação e da qualidade do relacionamento (Hazan & Shaver, 1994, Feeney, 1999, Feeney & Noller, 1992).

A emergência do amor nos relacionamentos amorosos:

Conforme Buss (2006) o amor teria sido a solução para os relacionamentos de compromisso e, sua existência nos mesmos seria a melhor forma de assegurar a permanência do parceiro na relação. Deste modo, o amor teria as funções de prover acesso sexual ao parceiro, sinalizar fidelidade sexual do mesmo, promoveria exclusividade no relacionamento por meio das táticas de guarda (como por exemplo, o monopólio do tempo do parceiro e o ciúme sexual), bem como sinalizaria recursos relevantes para a reprodução, como sinais de investimento parental, satisfação sexual e emocional, etc... Estas funções do amor teriam um papel fundamental para a satisfação e na manutenção das parcerias amorosas.

Evidências de que o amor seria um complexo conjunto de adaptações, selecionado por ter auxiliado a resolver problemas específicos de sobrevivência e reprodução em nossa espécie poderiam ser encontradas na circuitaria cerebral proposta

por Fisher (1995, 2002, 2004) e entre os diversos estudos realizados por neurocientistas (Carter, 1998, Bartels & Zecki, 2000, Diamond, 2003) citados anteriormente.

Convém esclarecer que a perspectiva conceitual das funções do amor de Buss (2006) envolve a circuitaria completa de Fisher (1998), não restringindo-se portanto ao conceito restrito de amor-romântico, específico do segundo sistema da autora, apresentado neste trabalho.

Jankowiak e Fischer (1992), em estudo realizado em 166 culturas ao redor do mundo detectaram que em 87% delas há indícios da existência do amor romântico, o que seria um indício de que o amor tenha sua origem na filogênese da espécie humana. A principal evidência a favor da existência do amor ao redor do mundo são os arranjos formais de casamento conhecidos nas mais variadas culturas ao redor do mundo (Daly & Wilson, 1996, Fisher, 1995). Buss (1985) acredita que noventa por cento das pessoas no mundo casarão pelo menos uma vez em suas vidas e Fisher (1992) acrescenta que estes casamentos ocorrerão sob o sistema monogâmico.

Assim como Buss, outros teóricos acreditam que o amor romântico evoluiu como um dispositivo de compromisso que mantém os vínculos entre mães e pais e facilitaria o mútuo investimento na prole, pois ambos ampliariam o suporte alimentar e protetor dos mesmos e ambos seriam beneficiados reprodutivamente pela manutenção do compromisso, ampliando a probabilidade de sobrevivência dos filhos (Fisher, 1998, Kirkpatrick, 1998).

Pillsworth e Haselton (2006) e Gonzaga e Haselton (2007) acrescentam que o relacionamento de longo prazo teria evoluído fundamentalmente por ter facilitado o cuidado biparental da prole e o amor teria auxiliado a formação e manutenção dos vínculos afetivos, intitulado como “dispositivo de compromisso”.

A prole teria como benefícios de ter um pai auxiliando a mãe ao longo do seu desenvolvimento, por exemplo, o acesso a alimentos de maior qualidade e em maior quantidade, a melhor escolaridade e o conseqüente aumento da competitividade social, início tardio da puberdade feminina (Geary, 2000).

Ressaltemos que embora estes autores não façam uma relação teórica direta com a hipótese de que o amor seja uma relação derivada do apego, podemos identificar claramente as semelhanças entre suas proposições com as dos autores que o fazem, citados previamente no corpo deste trabalho.

Feeney e Noller (1990, 1992) e Feeney (1999) apontam o amor como suporte fundamental para a o bem-estar psicológico dos membros da família **e o relaciona aos**

altos índices de satisfação e para a estabilidade do casamento. O amor romântico seria então o “ímã” que teria contribuído para a evolução da monogamia em nossa espécie, sugerindo deste modo, conforme os trabalhos citados anteriormente, a universalidade deste mecanismo, como característica filogenética de nossa espécie e seu papel principal teria sido proporcionar a satisfação nas parcerias, contribuindo para a manutenção destas.

Convém fazermos uma análise mais ampla sobre o papel da satisfação para a manutenção das parcerias amorosas.

A SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO

Uma vez resolvido o problema de selecionar o parceiro desejado, os parceiros tiveram que enfrentar o desafio de manter o interesse deste na relação. As mudanças às quais estão suscetíveis os cônjuges em relacionamentos de longa duração podem causar problemas que (se mal administrados) podem resultar em na dissolução do relacionamento. E por que seria necessário que as pessoas obtenham satisfação em seus relacionamentos diante destes desafios? Manter a satisfação seria uma das estratégias utilizadas para evitar a deserção do parceiro, logo a satisfação conjugal é fundamental tanto para o início quanto para o fim de uma parceria amorosa (Buss, 2007).

Mas afinal o que é satisfação conjugal?

Diante da falta de consenso encontrada na literatura sobre o conceito da qualidade das relações conjugais (ou amorosas, ou ainda erótico-afetivas), Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2007) realizaram uma revisão literária objetivando mapear este conceito, por meio da análise das sete teorias sobre o tema: a teoria Comportamental (conforme Gottman, 1982), a Teoria das Trocas Sociais (segundo Levinger, 1965/1976), a Teoria da Crise (Hill, 1949), a Teoria Interacionista Simbólica (Burr, Hill, Nyer e Reiss (1979), A Teoria do Apego (por Bowlby, 1984), a Teoria dos Sistemas Familiares (Olson, Sprenkle e Russell, 1979 e Olson, 2000), a Teoria de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse (Karney & Bradbury, 1995).

Ao analisá-las, Mosmann e cols (2007) identificaram que as variáveis fundamentais que definem a qualidade conjugal relacionam-se aos recursos pessoais (gênero, raça, orientação sexual, personalidade) dos cônjuges (1), ao contexto de inserção do casal (2), por exemplo, nível socioeconômico, status, cultura e aos processos de adaptabilidade (3), considerando a qualidade como resultante do caráter

interativo e dinâmico do casal e, portanto, da avaliação que cada cônjuge tem do nível de qualidade que experimenta em sua união, caracterizando-a desta forma, como multidimensional.

Por isso, consideraremos que um relacionamento satisfatório é aquele no qual os benefícios nele obtidos são maiores que os custos, segundo a avaliação do casal (Buss, 2007). A discussão sobre o que é considerado custo ou benefício constitui tópico a ser abordado mais adiante neste estudo.

Este conceito multidimensional, baseado na percepção dos cônjuges, foi adotado neste trabalho bem como justificou a escolha do instrumento (Escala MARQ) que foi utilizado para medi-la e que será descrito posteriormente neste estudo (na seção Método).

Os benefícios do relacionamento satisfatório:

No ambiente de adaptação evolutiva, a união conjugal teria facilitado a procriação e os cuidados com a prole dos nossos ancestrais hominíneos. A satisfação conjugal seria importante para seu bom desempenho nestas tarefas e proporcionariam melhor adaptabilidade aos filhos resultantes destas uniões (Lucas, Parkhill, Wendorf, Imamoglu, Weisfeld, Weisfeld & Shen (2008), uma vez que os mesmos teriam herdado os mecanismos psicológicos de monitoramento da satisfação no relacionamento.

Lucas e cols (2008) concluíram que alguns aspectos da satisfação conjugal são culturalmente homogêneos, apoiando a hipótese da evolução filogenética dos mecanismos psicológicos para monitorar a satisfação no relacionamento. Eles aplicaram o Questionário de Relacionamentos e Casamento – MARQ – (Russell & Wells, 1993) em dois mil casais na Grã Bretanha, Turquia, China e Estados Unidos, cuja duração média de casamento era de onze anos.

O instrumento utilizado permitia avaliar aspectos da satisfação conjugal, e os resultados são decorrentes da comparação das respostas dos cônjuges. O mesmo é composto de doze escalas que avaliam diferentes aspectos do relacionamento.

Foram selecionadas para o estudo como medida de satisfação a Escala do Amor (desenvolvida para avaliar o apego romântico ou emocional entre os cônjuges) e a Escala de Parceria (que avalia o suporte e a comunicação entre eles). Todas as questões eram respondidas usando escala tipo Likert, de cinco pontos.

Analisadas conjuntamente, as respostas obtidas por meio destas duas escalas podem refletir os graus de satisfação dos cônjuges. As idades dos maridos foram, em

média, ligeiramente maior que as das esposas, o número médio de filhos por casal de mais de um filho.

Os resultados sugerem que os casais são similares entre si no amor romântico entre as culturas, mesmo naquelas em que os casamentos são arranjados. Isto reforça a teoria de que o amor romântico é um componente evoluído da satisfação conjugal, na medida em que ele facilita a procriação e a cuidados entre os pares, do mesmo modo que a onipresença da parceria entre os cônjuges, pois a comunicação e o suporte entre os mesmos atenderiam aos propósitos de cuidado entre eles e posteriormente com os filhos.

Estes resultados apontaram uma invariância estrutural na escala de amor e de parceira entre as quatro culturas pesquisadas, tanto entre os maridos e esposas de uma mesma cultura, quanto na comparação das respostas dos homens e das mulheres de diferentes culturas, dando suporte à hipótese de que existem componentes evoluídos filogeneticamente da satisfação conjugal, embora alguns aspectos destas medidas de invariância cultural possam, em parte, ser definidos unicamente por valores, expectativas e normas particulares sobre o casamento.

As pressões seletivas que favoreceram a comunicação entre os cônjuges também forneceram suporte aos filhos, portanto, é possível prever que casais com dificuldades na comunicação teriam maior probabilidade de enfrentar dificuldades na educação dos filhos e infligiriam custos ao relacionamento. O amor romântico requer alguns comportamentos de parceria que por sua vez são refletidos na satisfação dos cônjuges no relacionamento (Lucas e cols, 2008). Por exemplo, tem-se encontrado que a homogamia seria fundamental para a constituição de parcerias satisfatórias. Russell e Wells (1991) e Epstein e Guttman, (1985) sugerem que as pessoas tendem a selecionar parceiros similares em características como: a faixa etária, atratividade, classe social, inteligência, religião, educação, características físicas/raça, de personalidade, etc...

Russell e Wells (1991) apontam que quanto maior a similaridade/homogamia entre os cônjuges, melhor o relacionamento, considerando que a homogamia traria benefícios como a redução dos conflitos conjugais matrimoniais, pois as preferências compartilhadas seriam bastante semelhantes, assim como a interação familiar com a família extensa do casal, o que reduziria conflitos entre parentes, por exemplo.

Karney e Bradbury (1995) consideram que a satisfação conjugal é um importante preditor para a manutenção do relacionamento conjugal e por isso seria importante investigarmos os fatores que contribuem para a satisfação e aqueles que

contribuem para a deterioração das relações, de modo a auxiliar os casais, por meio de intervenções terapêuticas, de modo a prevenir a dissolução dos casamentos. Uma vez que casamentos felizes contribuem para o bem-estar dos casais, dos filhos e da sociedade em geral (Saxbe, Repetti, & Nishina, 2008). Relações felizes diminuem a probabilidade da ocorrência de crimes passionais (Sampson, Laub, & Wimer, 2006).

A satisfação conjugal e os aspectos culturais:

Os cônjuges avaliam a satisfação conjugal da relação monitorando seus custos e benefícios baseados em sua história de vida. Critérios socioculturais estabelecem normas, costumes e expectativas que têm impactos relevantes nas relações interpessoais, exercendo uma função adaptativa para os indivíduos, especialmente no relacionamento mais íntimo como é o caso do relacionamento conjugal. Desta forma, a satisfação de um membro do casal dependerá, em parte, do nível que seu casamento preenche as expectativas e obrigações cultural e socialmente determinadas.

Os critérios de satisfação, portanto, variam em alguma medida entre as culturas conhecidas. Na China, por exemplo, tais critérios incluem a geração de filhos (preferencialmente um filho homem) para assegurar os cuidados do casal na velhice e a chegada de uma nora pressupõe suporte desta aos sogros, tornando o casamento uma aliança entre duas famílias, muito além da união entre dois indivíduos (Dion & Dion, 1993). Já em culturas ocidentais industrializadas, os critérios de satisfação estão relacionados aos objetivos hedonísticos ou aos ideais de felicidade estabelecidos entre maridos e mulheres (Lalonde, Hynie, Pannu & Tatla, 2004).

Assim como a China, a Turquia mantém a tradição de casamentos arranjados entre as famílias (Imamoglu & Yasak, 1997), embora em ambos ocorra o casamento conhecido como de livre escolha, comum no Ocidente. Deste modo, além das diferenças interculturais, podem ocorrer diferenças dentre (intra) as culturas, nas quais maridos e esposas podem adotar diferentes critérios para a satisfação conjugal, influenciados pelos contextos sócio-políticos e culturais dos países onde estão inseridos (Lucas *e cols*, 2008).

Os custos infligidos ao relacionamento: fatores de insatisfação conjugal

Buss e Shackelford (2000) testaram a hipótese de que a satisfação conjugal seria um estado psicológico regulado por mecanismos capazes de monitorar os custos e benefícios de uma dada união e concluíram que os custos atuais do casamento estariam associados às determinadas características de personalidade dos cônjuges, às táticas de

retenção de parceiros e à suscetibilidade à manter relações extra-par, popularmente conhecidas como infidelidade. Para isso, entrevistaram 214 jovens casais heterossexuais norte americanos, casados há menos de um ano.

A infidelidade constituiria um dos custos ao relacionamento, pois uma parceira infiel poderia infligir ao homem o gasto de recursos em uma prole de um competidor e à mulher o risco de sofrer a divisão dos recursos do parceiro com outras mulheres, e ainda a deserção da relação de parceiros de ambos os sexos. Assim, podemos considerar a infidelidade como um preditor de baixa satisfação conjugal, diante dos custos que pode implicar ao relacionamento para ambos os sexos (Buss & Shackelford, 1997, 2000).

Pessoas casadas com cônjuges de características de personalidade dissimilares às suas tais como personalidade desagradável, inseguras, emocionalmente instáveis e dotadas de rigidez intelectual estão sujeitas a serem infligidas por maiores custos no casamento. A insatisfação feminina foi correlacionada positivamente com a desagradabilidade e instabilidade emocional do cônjuge. A insatisfação masculina foi correlacionada à baixa taxa de consciência (*conscientiousness*), fornecendo uma pista da infidelidade da esposa e seria um preditor confiável para a infidelidade conjugal feminina (Buss & Shackelford, 2000).

Podemos concluir então, que a infidelidade teria um impacto negativo no relacionamento, em termos mais generalistas, para ambos os sexos. Previti e Amato (2004) acrescentam que a infidelidade seria causa e consequência da deterioração do relacionamento.

Buss & Shackelford (2000) também identificaram como preditor para a insatisfação conjugal, a utilização excessiva de táticas de guarda, por exemplo, quando um dos cônjuges procura controlar ou monopolizar o tempo do seu cônjuge, fazer ameaças de infidelidade ou de punir infidelidade (motivadas geralmente por ciúme excessivo), por meio de manipulação emocional. Eles testaram a hipótese de que aqueles cônjuges que conseguiriam prever ou antecipar a infidelidade dos pares no relacionamento estariam menos satisfeitos sexual e emocionalmente que aqueles que não previssem ou se prevenissem da possível infidelidade.

Contudo, o fato dos sujeitos estarem casados há pouco tempo constituiu uma limitação para que os autores pudessem testar com eficácia esta hipótese, pois em geral os recém-casados estão mais satisfeitos em seus casamentos, não permitindo que os resultados sejam generalizados para parcerias mais longas.

Podemos concluir então, que a infidelidade teria um impacto negativo no relacionamento, em termos mais generalistas, para ambos os sexos. Seria interessante averiguar quais fatores podem ser associados à insatisfação em parcerias de longo prazo.

OBJETIVOS GERAIS

Considerando-se o referencial teórico apresentado sobre a importância do amor romântico, ao longo do tempo evolucionário, dentre outros fatores que foram fundamentais para o estabelecimento de relações afetivas de qualidade e que possibilitaram o sucesso reprodutivo de nossa espécie, esta pesquisa tem por objetivo verificar como os casais residentes na região metropolitana de Belém avaliam a qualidade de sua relação conjugal.

Dentre os casais que estão mais satisfeitos, identificar quais seriam os principais fatores que contribuem para esta satisfação e a manutenção de suas parcerias amorosas. Para isso, pretende-se responder às seguintes questões:

- De que forma os casais avaliam a qualidade de seus relacionamentos atuais?
- Quais seriam os principais fatores responsáveis pelos maiores índices de satisfação dos cônjuges?
- Qual o papel da homogamia para a satisfação conjugal?
- Quais seriam os principais fatores responsáveis pelos maiores índices de satisfação de homens e mulheres casados?
- Haveria diferenças entre os sexos nestes índices de satisfação com o casamento?
- Dentre homens e mulheres que estão satisfeitos, qual seria a importância do amor romântico nesta satisfação?

MÉTODO GERAL:

Participantes:

Os participantes foram cem casais heterossexuais (100 homens e 100 mulheres) que se declararem casados ou em união estável, residentes na região metropolitana de Belém.

Crítérios de Inclusão:

- Casais cujos cônjuges ou parceiros tinham idade superior a 18 anos
- Casais que coabitam há pelo menos três anos, para reduzir o efeito “lua-de-mel”.

O tempo mínimo de convivência foi estipulado em função de, neste período, ser maior a probabilidade da paixão estar próxima do fim (conforme Tennov, 1979, Fisher, 1998), pois haveria uma maior tendência das avaliações serem influenciadas positivamente por este aspecto, considerando-se a probabilidade de haver o declínio (do auge) da paixão decorrido este período.

Possivelmente os casais avaliariam seu relacionamento com menor tendência à diminuir os defeitos do outro, ao contrário do que seria característico do auge da paixão.

Material

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados computador, impressora, um software de análises estatísticas para análise dos dados, envelopes e folhas de papel A4, lápis, caneta e lacres.

Instrumentos:

a) Questionário de Casamento e Relacionamento (anexo 1) ou Questionário MARQ (Russell e Wells, 1993), já traduzido e testado por backtranslation em Belém do Pará. É uma escala composta de 184 questões em 12 sub-escalas (amor, valores, laços de família, companheirismo, atratividade, ciúme sexual, conciliação, problemas pessoais, problemas circunstanciais, problemas com o parceiro, problemas com o relacionamento).

Objetiva investigar os sentimentos e comportamentos de cada membro da díade voltados para si, para companheiro e para sua relação com o cônjuge. É um questionário auto-aplicável.

[Veja os objetivos de cada subescala:](#)

Escala do amor: contém questões que objetivam verificar a extensão da ligação emocional e amoroso do cônjuge ao seu parceiro.

Escala da parceria: indica o grau de entendimento e suporte no relacionamento e como ele é valorizado enquanto indivíduo naquele relacionamento, descrevendo o parceiro contribuinte social para o relacionamento, dividindo as preocupações com o cônjuge.

Escala de papéis: objetiva prover informações básicas sobre a divisão do trabalho dentro do relacionamento, especialmente as atividades domésticas e familiares, nesta escala, geralmente as diferenças sexuais são acentuadas.

Escala de valores: lida com as atitudes a respeito do casamento e dos filhos, se a pessoa tem um ponto de vista mais tradicional ou mais “moderno”.

Escala de laços de família: provê informações a respeito dos relacionamentos com os pais dos cônjuges na infância e a frequência de contato social com a família.

Escala de atratividade: contém questões que exploram a percepção do indivíduo quanto sua atratividade física, pela sua própria percepção, pela percepção do cônjuge e do que ele pensa que os outros pensam sobre sua aparência.

Escala de ciúme sexual: investiga a preocupação dos cônjuges com a fidelidade do parceiro.

Escala de conciliação: indica o nível de assertividade ou submissão dos cônjuges no contexto do relacionamento.

Escala de problemas pessoais: investiga problemas relacionados à forma como o cônjuge lida com seus sentimentos e preocupações no relacionamento.

Escala de problemas circunstanciais: explora de que forma circunstâncias externas como o dinheiro, condições de moradia e outros papéis na vida podem afetar o relacionamento.

Escala de problemas com o parceiro: indica os níveis de satisfação ou insatisfação com as características pessoais do cônjuge.

Escala de problemas com o relacionamento: reflete o nível de comprometimento do cônjuge com o relacionamento e provê bons indícios a respeito da estabilidade no mesmo.

Esta escala é fruto do trabalho dos autores no atendimento clínico de cerca de 1250 casais da Grã-Bretanha ao final da década de 80 e também foi utilizado como instrumento para medida multidimensional da satisfação conjugal em um estudo transcultural que envolveu cerca de 2000 casais na Grã-Bretanha, Turquia, China e Estados Unidos (ver Lucas e cols, 2008). É a primeira vez que foi utilizado no Brasil.

De acordo com peculiaridades de cada país no qual a mesma foi utilizada, a escala MARQ foi ampliada com questões que facilitassem o nível de compreensão dos respondentes. No Brasil, foi feita a inserção de duas perguntas: qual a origem da renda do participante (questão 8.1) e se o participante é adepto de alguma religião, e em caso positivo, há quanto tempo é adepto (questão 60.1).

Também foram feitas adaptações nas questões 118, cuja pergunta original era: seu parceiro toma você por certo? para a versão: seu parceiro lhe dá razão com frequência?, assim como na questão 131: você tem um emprego de período integral, para a versão: você tem um emprego de 8 horas? É a primeira vez que foi utilizada no Brasil.

Este instrumento foi utilizado para avaliar a satisfação com o relacionamento conjugal dos membros da díade, que seriam calculados por meio da comparação das respostas dos mesmos às doze escalas que compõem o instrumento.

Conforme a similaridade entre ambos seria atribuída uma pontuação/escore conforme descrito no Manual de Aplicação da Escala, atribuindo a estas respostas uma pontuação, variando de 1 a 7 pontos, sendo zero os casais extremamente insatisfeitos e sete para os casais extremamente satisfeitos.

Através desta apuração, poderíamos identificar de que forma os casais avaliam seus relacionamentos e identificar quais fatores mais contribuiriam para a satisfação do casal.

b) Visando identificar o nível **socioeconômico do casal**, para efeito de classificação da amostra, foi utilizada a Escala adaptada de Avaliação de Status Socioeconômico (anexo 2) ou Four Factor Index of Social Status de Hollingshead (1975), a qual já está padronizada para amostra brasileira, classificando a população entre o baixo, médio e alto níveis socioeconômicos, conforme Moinhos, Lordelo e Moura (2007).

c) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3): documento no qual os cônjuges registraram sua concordância em participar da pesquisa.

Ambiente:

A coleta foi realizada em horários e locais previamente escolhidos pelos participantes da pesquisa.

Procedimento:

Esta pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da UFPA, para aprovação e registro sob o número 104/2011 (anexo 4).

Os participantes foram abordados diretamente pela pesquisadora e posteriormente pelo método bola de neve (indicação).

A coleta foi realizada através do fornecimento dos instrumentos ao casal, que poderiam ser preenchidos na presença do pesquisador, para assegurar que não haveria comunicação entre os cônjuges no decorrer do preenchimento dos mesmos, bem como para esclarecer eventuais dúvidas e evitar que se extrviassem instrumentos e que os mesmos fossem preenchidos corretamente. Os instrumentos mantiveram a privacidade dos participantes, pois não foi necessária a identificação dos respondentes, excetuando-se o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (assinados com a rubrica dos mesmos).

Diante da grande taxa de recusa de participação na pesquisa (60% dos 100 primeiros questionários distribuídos), o método de abordagem direta foi alterado para a abordagem indireta. Foram selecionados aleatoriamente, em uma universidade pública, na área de Ciências Humanas, estudantes dos cursos de letras, psicologia, ciências sociais e pedagogia, aos quais foram convidados a auxiliar na coleta, entregando os questionários lacrados aos seus pais e solicitado que a entrega dos mesmos fosse realizada na semana seguinte, diretamente à própria pesquisadora.

Os auxiliares de coleta foram informados das instruções e dos cuidados a serem tomados, especialmente para assegurar a não comunicação entre os cônjuges durante o preenchimento dos questionários. A fim de otimizar a coleta, foram entregues cerca de 25 questionários por curso, totalizando 100 questionários. Deste total, 60 foram recebidos preenchidos, os demais foram recusados ou devolvidos em branco. Os quarenta restantes foram aplicados aos participantes pela própria pesquisadora e por auxiliares de pesquisa.

Cada membro do casal recebeu um questionário MARQ (anexo), separado em versão masculina e feminina (contendo as mesmas perguntas para ambos os sexos), dentro de dois envelopes, identificado externamente apenas com um número (casal 1, casal, 2, etc...). Um ou dois dos membros preencheram o questionário socioeconômico, preferencialmente antes de ambos preencherem o MARQ.

Cada membro deveria preencher individualmente o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Terminado o preenchimento dos instrumentos, os mesmos foram

envelopados e lacrados, e entregues à pesquisadora responsável pela coleta. O tempo prefixado para a coleta foi de uma semana para devolução dos envelopes, todavia, dada a extensão dos questionários e da quantidade de participantes, a mesma estendeu-se por quatro meses (de setembro a dezembro de 2011).

Considerando-se que a Escala MARQ seria utilizada pela primeira vez no Brasil, foi realizada uma coleta piloto, com cerca de 30 casais, para testar a compreensão do instrumento, após o backtranslation por nativo de língua inglesa.

Feita a coleta piloto e os ajustes que eventualmente se fizeram necessários, foi realizada posteriormente a coleta dos demais participantes. Eventuais demandas clínicas identificadas imediatamente após a coleta (exclusivamente as solicitadas pelos próprios casais) seriam indicadas ao serviço de atendimento psicoterapêutico da Clínica de Psicologia da UFPa, mas o referido procedimento não foi necessário e/ou solicitado.

LIMITAÇÕES:

A metodologia dessa pesquisa foi pensada de modo que a coleta de dados ocorresse com o maior número possível de participantes, especialmente diante da grande taxa de recusa dos casais a participar deste estudo. Assim, a maior parte deles foi oriunda dos pais de alunos da universidade pública onde foi feita a coleta. Além da taxa recusa, foi necessário direcionar os questionários a casais com nível de escolaridade acima do nível médio, dada a extensão e ao nível de dificuldade do questionário, considerando-se que ao longo da coleta, a interferência do ajudante de coleta ou do pesquisador deveria ser mínima, pois o questionário avalia a percepção dos indivíduos. Tal fator pode ter gerado um viés de grupo, ou seja, podendo explicar, ao menos parcialmente, os altos índices de similaridade entre os participantes.

Capítulo 1: Identificando a satisfação dos casais paraenses

Resumo:

Neste estudo investigamos as percepções que os casais têm de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial teórico utilizado neste trabalho, que se baseia fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os casais residentes na região metropolitana de Belém avaliam a qualidade de seus relacionamentos conjugal atual. Utilizando a escala MARQ, inédita no Brasil, como instrumento de medida de satisfação conjugal, encontramos 86% dos casais satisfeitos com seus relacionamentos, cuja duração média foi 12,62 anos, a maioria oriundos da classe média. O **ciúme, parceria e amor** foram apontados como principais fatores para a satisfação conjugal. Os índices de satisfação obtidos nas subescalas da parceria e do amor, segundo e o terceiro lugar dentre os demais índices, coincidem com os resultados encontrados nos EUA, China, Rússia, Grã-Bretanha e Turquia. Também identificamos a homogamia nas características bio-psicossociais dos cônjuges entre os casais mais satisfeitos. Os resultados encontrados fortalecem os pressupostos da Psicologia Evolucionista a respeito da onipresença do amor e do ciúme, como fatores de coesão dos hominíneos, especialmente a formação de pares, desde nossos ancestrais até a atualidade.

Ainda que milhares de anos tenham decorrido desde a seleção dos mecanismos do amor, do ciúme e do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/ conjugal, que resulta na satisfação, tais mecanismos continuam proporcionando adaptabilidade aos hominíneos na contemporaneidade.

Palavras-chave: satisfação conjugal, homogamia, psicologia evolucionista

São partes do ciclo vital dos seres vivos o nascimento, amadurecimento, reprodução e morte. Dentre todos estes processos, um dos mais complexos, considerando todos os custos biológicos envolvidos, seria a reprodução. As pessoas mobilizam boa parte de sua vida selecionando parceiros, que lhes proporcionem relacionamentos satisfatórios e que possibilitem gerar e educar filhos de tais uniões.

Uma vez selecionado o parceiro desejado, as pessoas tiveram que enfrentar o desafio de manter o interesse deste na relação. Manter a fidelidade sexual e emocional do parceiro teriam sido alguns dos desafios enfrentados por nossos ancestrais no ambiente de adaptação evolutiva. Para isso, homens e mulheres teriam empregado diferentes táticas de retenção do parceiro (Buss e Schmitt, 1993; Kaighobadi, Shackelford e Buss, 2009), uma vez que as pressões seletivas enfrentadas por eles foram distintas. Uma destas táticas teria sido a percepção do risco e/ou prevenção de infidelidade.

Diante destas pressões seletivas, mecanismos psicológicos como, por exemplo, o ciúme e o amor, foram selecionados e teriam sido transmitidos por meio das gerações, ao longo do tempo evolucionário e ainda estariam influenciando o comportamento amoroso humano na atualidade (Buss e Schmitt, 1993, Buss e Shackelford 2000, Buss e Haselton, 2005, Buss, 2007).

O alto investimento que o casamento usualmente requer, sugere que as pessoas estejam dispostas a mantê-lo, pelo menos enquanto estiverem satisfeitas.

O casamento é suscetível à mudanças que podem ocasionar problemas como, por exemplo, o adoecimento crônico de um dos cônjuges, modificações na vida financeira do casal, na rotina do casal com a chegada dos filhos (Mosmann e Falcke, 2011, Wendorf, Lucas, Imamoglu, Weisfeld e Weisfeld, 2011, Perlin, 2006).

Os cônjuges precisam aprender a administrá-las e assim evitar a manutenção de um relacionamento insatisfatório. A manutenção de uma relação satisfatória pressupõe a dedicação e atenção consciente dos parceiros ao relacionamento, monitorando continuamente seus custos e benefícios, o que regularia ou afetaria seus níveis de satisfação pessoal (1), da satisfação do parceiro (2) e da satisfação com o relacionamento (3).

Assim, os cônjuges investiriam conscientemente no relacionamento, procurando manter o amor e a felicidade conjugal.

Mas afinal o que é satisfação conjugal?

Consideramos um relacionamento satisfatório aquele no qual os benefícios obtidos são maiores que os custos (Buss, 2007), segundo a avaliação/percepção do casal. A discussão sobre o que é considerado custo ou benefício constitui tópico a ser abordado mais adiante neste estudo.

De modo semelhante, a Psicologia Evolucionista conceitua a satisfação conjugal como um **estado psicológico** regulado por mecanismos capazes de monitorar os custos e benefícios de uma dada união (Buss, 2007).

Este conceito multidimensional, baseado na percepção dos cônjuges, foi adotado neste trabalho bem como justificou a escolha do instrumento (Escala MARQ) que foi utilizado para medi-la e que será descrito posteriormente neste estudo (na seção Método).

Vejam os a seguir algumas consequências da satisfação para o relacionamento conjugal.

Os benefícios do relacionamento satisfatório:

No ambiente de adaptação evolutiva, a união conjugal teria facilitado a procriação e os cuidados com a prole dos nossos ancestrais hominíneos. A satisfação conjugal seria importante para seu bom desempenho nestas tarefas e proporcionariam melhor adaptabilidade aos filhos resultantes destas uniões, que herdaram os mecanismos psicológicos de monitoramento da satisfação no relacionamento (Lucas, Parkhill, Wendorf, Imamoglu, Weisfeld, Weisfeld & Shen (2008).

Feeney e Noller (1990, 1992) e Feeney (1999) sugerem que o bem-estar psicológico dos membros da família constituída pelo casal e que estariam intimamente relacionados ao amor, contribui significativamente para a satisfação e para a estabilidade no casamento.

Schimiti e Sarzedas (2008), em estudo realizado com 16 casais no Paraná, apontam o amor, o respeito, a intimidade e a partilha de objetivos em comum como fundamentais para a estabilidade no relacionamento conjugal. Os casais tinham pelo menos 5 anos de convivência, com ensino médio completo e residiam na região norte do Paraná.

Eles foram entrevistados em 2004, por meio de questionário contendo 13 questões, a maioria abertas (pesquisa quanti-qualitativa), enumerando o que consideravam mais relevante para a estabilidade do relacionamento. Aspectos como o

amor e o respeito foram apontados como os mais importantes fatores para manter o relacionamento conjugal, bem como relataram a falta de amor e a traição como aspectos mais importantes para desfazer o relacionamento.

Cassep-Borges (2010) e Masuda (2003) acrescentam que o amor e a satisfação devam ser estudados em conjunto para avaliar a (possível) associação entre eles.

As pressões seletivas que favoreceram a comunicação entre os cônjuges também forneceram suporte aos filhos, portanto, é possível prever que casais com dificuldades na comunicação teriam maior probabilidade de enfrentar dificuldades na educação dos filhos e infligiriam custos ao relacionamento. Sardinha, Falcone e Ferreira (2009) relataram que a empatia e a expressão de sentimentos foram positiva e fortemente correlacionadas com a satisfação conjugal, em estudo feito com 50 casais no Estado do Rio de Janeiro, com tempo mínimo de sete anos de casamento.

O amor romântico requer alguns comportamentos de parceria que por sua vez são refletidos na satisfação dos cônjuges no relacionamento (Lucas e cols, 2008). Por exemplo, tem-se encontrado que a homogamia seria fundamental para a constituição de parcerias satisfatórias. Russell e Wells (1991) e Epstein e Guttman, (1985) sugerem que as pessoas tendem a selecionar parceiros similares em características como: a faixa etária, atratividade, classe social, inteligência, religião, educação, características físicas (aparência), de personalidade, entre outras.

Shackelford (2001) aponta que a auto-estima seria um fator importante na satisfação conjugal. O autor realizou um estudo com 107 casais, cuja a média de idade das mulheres foi de 25 anos, e a dos homens, 27 anos, ambos casados em média, há um ano e oito meses, todos caucasianos (norte-americanos). Usou como instrumento a Escala Californiana de Auto-Avaliação (CSES, Phinney e Gough, 1984) que avalia a auto-estima dos indivíduos e é dividida em quatro dimensões: auto estima global ou satisfação consigo mesmo, auto-estima física, auto-estima social e auto estima intelectual. Além disso, entrevistou os casais para avaliar as fontes de aborrecimento com o cônjuge, sobre a infidelidade e a satisfação com o relacionamento. Os resultados indicaram que a auto-estima dos maridos foi mais alta que a das esposas nas quatro dimensões investigadas. A auto-estima de ambos os sexos foi positivamente correlacionada com a satisfação global, sexual e emocional dos casais.

Deste modo, o autor concluiu que a auto-estima auxiliaria os cônjuges a avaliar os custos da relação na qual estão envolvidos, na medida em que permite que eles avaliem seu valor potencial ou “de mercado”.

Russell e Wells (1991) apontam que quanto maior a similaridade/homogamia entre os cônjuges, melhor o relacionamento, considerando que a homogamia traria benefícios como a redução dos conflitos conjugais matrimoniais, pois as preferências compartilhadas seriam bastante semelhantes, assim como a interação familiar com a família extensa do casal e reduziria conflitos entre parentes, por exemplo.

Em estudo realizado por Scharamm, Marshall, Harris e Lee (2011), os pesquisadores investigaram a relação entre a homogamia religiosa e o ajustamento conjugal no oeste dos Estados Unidos. Eles entrevistaram 1.394 casais no primeiro casamento e 601 casais no segundo casamento. Os casais estavam casados há cerca de seis meses. A média de idade das esposas em primeiras núpcias foi de 23,42 anos, e a dos esposos foi de 25,39 anos. Já as esposas em segundas núpcias tinham idade média de 37,85 anos e os esposos em média de 40,22 anos.

Mais de 88% da amostra foi composta por participantes caucasianos. Como medida de satisfação/ajustamento no relacionamento eles utilizaram The Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS; Busby, Crane, Larson, e Christensen, 1995, uma revisão da DAS de Spaniel, 1976) e um pequeno questionário para verificar a religiosidade dos cônjuges.

Eles concluíram que os casais, tanto em primeira quanto em segundas núpcias que professavam a mesma religião eram mais satisfeitos no casamento comparados aqueles que professavam religiões divergentes (Scharamm e cols, 2011).

Lichter e Carmall (2008) encontraram resultados semelhantes em estudo com casais americanos de baixa renda, que partilhavam crenças e práticas religiosas, como importantes para ampliar a intimidade e a qualidade do relacionamento conjugal.

Wilson e Cousins (2003) desenvolveram uma medida de compatibilidade denominada “Quociente de Compatibilidade” com o parceiro, baseada na similaridade na personalidade, inteligência social, recursos sociais, atitudes, hábitos e preferências de leitura. Eles utilizaram este instrumento para medida de similaridade, juntamente com a Escala de Ajustamento Conjugal Locke-Wallace (como medida de ajustamento conjugal) com 115 casais heterossexuais no Reino Unido que estavam em processo terapêutico. A média de tempo de relacionamento foi de 17,65 anos e as médias de idade das esposas foi de 49,95 e dos esposos foi de 51,16 anos de idade.

Os resultados indicaram que os casais mais similares entre si gozavam de maior pontuação na escala de ajustamento conjugal e maior satisfação com seus parceiros, destaque-se que a maioria da amostra gozava de bom ajustamento conjugal.

Os autores sugerem haver uma tendência de “parceiros felizes” crescerem juntos, fazendo com que seus compromissos assumidos contribuam para o aumento da similaridade com o passar do tempo, o que também é denominado de “convergência” (Wilson e Cousins, 2003).

A homogamia nos níveis educacionais também é importante para a satisfação no relacionamento. Stutzer e Frey (2004), realizaram um estudo longitudinal, iniciado em 1984 e concluído em 2000, com cerca de 15.268 casais na Alemanha.

Eles identificaram que amplas diferenças no nível educacional dos parceiros têm impacto negativo na satisfação dos mesmos, lembrando que o índice de instrução geralmente está relacionado aos baixos rendimentos financeiros. Os casais de níveis de educação similar, que dividiam equitativamente as tarefas domésticas e de maior nível de instrução educacional estavam mais felizes na vida e no relacionamento amoroso.

Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), utilizando a escala de ajustamento diádico (DAS, Spaniel, 1976), investigaram casamentos de longa duração de 38 casais paulistas. A duração média dos casamentos foi de 29 anos, a idade dos cônjuges variou de 42 a 73 anos. Todos os casais tinham filhos, provinham de classe média alta, 90% deles eram católicos e nível de instrução educacional superior ou pós-graduados.

Tanto entre os cônjuges satisfeitos (maioria da amostra) quanto entre os insatisfeitos, foram apontados como principal motivo para o manutenção do casamento: o amor/proximidade emocional (1º), a convicção /valor de que o “casamento é uma parceria para a vida toda (2º), sentimento de responsabilidade pelos filhos (3º) e finalmente pela sinceridade dos cônjuges(4º), mesmo em momentos de crise (Norgren e cols, 2004).

Os resultados permitiram concluir que a satisfação dos cônjuges aumenta quando existe a proximidade emocional (o amor), a parceria (boa comunicação entre eles), a coesão, estratégias de resolução de problemas e a similaridade entre eles (partilha de valores, status econômico e partilha de crenças religiosas, etc).

Estudos indicam que alguns neurotransmissores, como a oxitocina e a vasopressina estariam envolvidos na satisfação conjugal.

Gouin (2009), em pesquisa realizada com 37 casais norte-americanos, que foram observados durante 24 horas no centro de pesquisa, ao responderem questionários sobre a qualidade conjugal, em conjunto com as esposas. Os níveis de oxitocina e vasopressina foram monitorados por coleta de sangue.

O pesquisador concluiu que a qualidade conjugal está relacionada aos níveis de vasopressina e oxitocina presentes no sangue. Foi observada correlação positiva entre os comportamentos positivos na interação do casal e os níveis de oxitocin, bem como houve correlação negativa entre os comportamentos negativos dos mesmos e os níveis de vasopressina, na corrente sanguínea dos participantes.

Karney e Bradbury (1995) consideram a satisfação conjugal um importante preditor para a manutenção do relacionamento conjugal e por isso seria importante investigarmos os fatores que contribuem para a satisfação e aqueles que contribuem para a deterioração das relações amorosas.

A satisfação conjugal e os aspectos culturais:

Os cônjuges avaliam a satisfação conjugal da relação monitorando seus custos e benefícios baseados em sua história de vida. Critérios socioculturais estabelecem normas, costumes e expectativas que têm impactos relevantes nas relações interpessoais, exercendo uma função de adaptabilidade ecológica para os indivíduos, especialmente no relacionamento mais íntimo como é o caso do relacionamento conjugal.

Assim, satisfação de um cônjuge dependerá, em parte, do nível que seu casamento preenche as expectativas e obrigações cultural e socialmente determinadas.

Nas culturas ocidentais industrializadas, os critérios de satisfação estão relacionados aos objetivos hedonísticos ou aos ideais de felicidade estabelecidos entre maridos e mulheres (Lalonde, Hynie, Pannu & Tatla, 2004).

Além das diferenças interculturais existentes, podem ocorrer diferenças dentre as culturas ou intraculturais, nas quais maridos e esposas podem adotar diferentes critérios para a satisfação conjugal, influenciados pelos contextos sócio-políticos e culturais dos países onde estão inseridos (Lucas e cols, 2008) e é possível que tais diferenças estejam relacionadas aos papéis sexuais estabelecidos culturalmente.

Perlin e Diniz (2005) concluíram que os homens têm níveis mais altos de satisfação que as mulheres no relacionamento amoroso. Elas entrevistaram 111 casais heterossexuais da cidade de Brasília- Distrito Federal, em que ambos os cônjuges tinham trabalho remunerado (funcionários públicos), entre 31 e 40 anos de idade, utilizando como instrumento de medida de satisfação a Escala de Ajustamento Diádico (DAS, Spanier, 1976), e embora a maioria dos casais estivessem satisfeitos com seus relacionamentos, as mulheres tiveram índices de satisfação inferiores aos dos homens.

Os resultados apontaram que 67% dos participantes da pesquisa estavam casados, em média, há 13,7 anos, mais de 70% deles tinham filhos do atual casamento e embora ambos trabalhassem, os homens contribuía com a maior parte da renda familiar. 49,8% das mulheres eram responsáveis pela maior parte das tarefas domésticas (contra 31,9% dos homens).

As autoras atribuem as diferenças nos níveis de satisfação à sobrecarga de papéis atribuídos às mulheres (mãe, esposa, dona de casa) bem como ao fato de as mesmas buscarem constantemente melhorias na qualidade de seu relacionamento, ao passo que os homens tenderiam ser mais acomodados neste aspecto e possivelmente estes diferentes níveis de exigência explicariam a menor satisfação das mesmas (Perlin e Diniz, 2005).

Considerar os aspectos bio-culturais relacionados à satisfação é importante para estabelecer preditores para o sucesso ou para o fracasso do relacionamento conjugal. Alguns importantes preditores para a insatisfação conjugal serão explicitados a seguir.

Os custos infligidos ao relacionamento: fatores de insatisfação conjugal

Buss e Shackelford (2000) testaram a hipótese de que a satisfação conjugal seria um estado psicológico regulado por mecanismos capazes de monitorar os custos e benefícios de uma dada união.

Eles concluíram que os custos atuais do casamento estariam associados às determinadas características de personalidade dos cônjuges, às táticas de retenção de parceiros e à suscetibilidade à manter relações extra-par, popularmente conhecidas como infidelidade. Para isso, entrevistaram 214 jovens casais heterossexuais, norte-americanos, casados há menos de um ano.

Os resultados da pesquisa indicaram que pessoas casadas com cônjuges de características de personalidade dissimilares às suas tais como personalidade desagradável, inseguras, emocionalmente instáveis e dotadas de rigidez intelectual estão sujeitas a serem infligidas por maiores custos no casamento.

A insatisfação feminina foi correlacionada positivamente com a desagradabilidade e instabilidade emocional do cônjuge. A insatisfação masculina foi correlacionada aos baixos índices de consciência (conscientiousness) da esposa, provavelmente relacionados à consciência de seus deveres de esposa e seriam preditores da infidelidade feminina (Buss & Shackelford, 2000).

Deste modo, a infidelidade constituiria um dos custos ao relacionamento, pois um parceiro infiel poderia infligir ao cônjuge a incerteza da paternidade ou divisão de seus recursos com outros parceiros (especialmente para as mulheres) ou mesmo a deserção do parceiro do relacionamento.

Assim, Buss e Shackelford (2000) consideraram a infidelidade como um preditor de baixa satisfação conjugal, diante dos custos que pode implicar ao relacionamento para ambos os sexos. Podemos concluir então, que a infidelidade teria um impacto negativo no relacionamento, em termos mais generalistas, para ambos os sexos. Previti e Amato (2004) acrescentam que a infidelidade seria causa e consequência da deterioração do relacionamento.

Shackelford, Goetz e Buss (2005) e Buss & Shackelford (2000) também identificaram como preditor para a insatisfação conjugal, a utilização excessiva de táticas de guarda, por exemplo, quando um dos cônjuges procura controlar ou monopolizar o tempo do seu cônjuge, fazer ameaças de infidelidade ou de punir infidelidade, motivadas geralmente por ciúme excessivo como também por meio de manipulação emocional.

Diante do exposto, pretende-se verificar quais fatores seriam preditores da satisfação em parcerias de longo prazo, na realidade paraense.

Neste estudo, pretendemos responder às seguintes questões:

- De que forma os casais paraenses avaliam a qualidade de seus relacionamentos atuais?
- Quais seriam os principais fatores responsáveis pelos maiores índices de satisfação?
- Os casais mais felizes são similares entre si?

MÉTODO:

Participantes, instrumentos e procedimento envolvidos neste estudo estão descritos na seção Método Geral, descrita anteriormente neste trabalho.

ANÁLISE DOS DADOS:

Tratamento dos dados da Escala MARQ:

Para apuração dos escores da Escala MARQ, primeiramente foi necessário selecionar as 61 questões do questionário original (vide anexo 5), dentre as 185 que constam do questionário utilizado na amostra brasileira, e organizá-las dentro das escalas das quais fazem parte. São elas:

Tabela 1: As 61 questões da Escala MARQ

Escalas	Numeração das perguntas
Papéis	131, 8 (reversa), 77 e 120 (reversa)
Valores	39, 60,129 (reversa) e 32
Laços de Família	15,158 (reversa) e 53
Parceria	9 (reversa), 37, 68 (reversa), 75, 84 (reversa), 125, 151(reversa), 147 e 155 (reversa)
Amor	12 (reversa), 43(reversa), 50, 55, 98, 128 (reversa), 132, 133, 139 (reversa)
Atratividade	65, 79 (reversa) e 140
Ciúme Sexual	19 (reversa), 149 e 76 (reversa)
Conciliação	28 (reversa) e 49 (reversa)
Problemas Pessoais	24, 34, 61, 92 e 141
Problemas circunstanciais	47 (reversa), 86 (reversa), 108 e 48 (reversa)
Problemas com o parceiro	48 (reversa), 90, 107 (reversa), 33 (reversa), 118 e 157
Problemas com o relacionamento	63, 67, 94, 101,103 e 112.

A escala MARQ é uma escala do tipo likert: boa parte das questões têm cinco opções de resposta (A, B, C, D ou E) e uma pequena parte das questões têm apenas duas opções de resposta (A- sim, B- não).

Cada resposta assinalada pelos participantes foi convertida em pontos da seguinte forma: A=1, B=2, C=3, D=4 e E=5; se elas fossem de ordem reversa, seriam convertidas da seguinte forma: A=5, B=4,C=3, D=2 e E=1. Já as questões com apenas duas opções de resposta foram computadas deste modo: A=1, B=2, sem itens reversos. Ainda de acordo com o manual, as respostas omissas deveriam ser convertidas em 3 pontos.

A soma das respostas dos participantes à cada escala geraria um valor que deveria ser convertido nos escores de satisfação (de 1 a 7), conforme descrito na tabela a seguir.

Tabela 2. Escores convertidos por escala a partir das respostas dos participantes.

Escola	1	2	3	4	5	6	7
Papéis	4-6	7	8-9	10-13	14-16	17-18	19-20
Valores	4-7	8-9	10-12	13-14	15	16	17-20
Laços de família	3-5	6-7	8-10	11	12	13	14-15
Parceria	9-20	21-28	29-34	35-38	39-42	43-44	45
Amor	9-23	24-31	32-37	38-41	42-43	44	45
Atratividade	4-8	9-11	12-13	14-15	16-17	18-19	20
Ciúme Sexual	3	4	5	6-7	8-9	10-13	14-15
Conciliação	2-3	4	5	6	7	8-9	10
Problemas pessoais	5-7	8-10	11-12	13-15	16-18	19-22	23-25
Problemas circunstanciais	4	5-6	7-8	9-10	11-13	14-16	17-20
Problemas com o parceiro	7-8	9-11	12-14	15-17	18-21	22-25	26-35
Problemas com o relacionamento	7-10	11-12	13-14	15-16	17-19	20-24	25-35

O manual da Escala MARQ sugere que os casais mais satisfeitos serão aqueles que obtiverem maior semelhança entre suas respostas, pois o mesmo é fundamentado na homogamia como critério de satisfação no relacionamento. Seus autores afirmam que a identificação das escalas/áreas do relacionamento problemáticas (ou seja, onde obtiveram baixa pontuação), é fundamental para auxiliá-los na superação de suas dificuldades (Russell e Wells, 1993).

Para efeito de análise, a **classificação dos participantes (N=200)** segundo seus *níveis individuais de satisfação*, neste estudo, estas sete faixas de satisfação foram subdivididas em **três faixas** (1, 3 e 5), sendo a **faixa 1**, considerada como a dos parceiros/casais **insatisfeitos** (cuja pontuação incluía os escores de 1 a 2 pontos); a **faixa 3** foi considerada a dos parceiros/casais **medianamente satisfeitos** (cuja pontuação incluía os escores de 3, 4 e 5 pontos) e por fim a **faixa 5**, a dos parceiros/casais **satisfeitos** (cuja pontuação incluía os escores de 6 e 7 pontos).

Para efeito de análise, a **classificação dos casais (N=100)** segundo seus *níveis de satisfação enquanto casal*, neste estudo, categorizamos os casais que obtiveram

diferenças entre si de **zero até três escalas** MARQ como **muito satisfeitos**. Aqueles que obtiveram diferenças entre si de **quatro a seis** escalas, foram considerados **medianamente satisfeitos** em seus relacionamentos e por fim, aqueles que tiveram **sete escalas** de diferenças entre si, foram considerados **os mais insatisfeitos**. É importante considerar que dentre as diferenças detectadas, em todas elas foram encontrados baixos índices de insatisfação (pontuação 1).

Tratamento dos dados sociodemográficos conforme a Escala de Avaliação de Status socioeconômico de Hollinshead (1975):

De acordo com o manual da Escala Hollinshead, a avaliação do nível de escolaridade levou em conta o número de anos de escolarização formal, e foi apurada em uma escala de 7 pontos (do ensino fundamental incompleto-1 a pós-graduação-7). O valor registrado foi multiplicado por três e este resultado indicaria o índice do indivíduo neste quesito.

O prestígio ocupacional foi apurado e tabulado em uma escala de nove pontos. Empregados não qualificados e empregados domésticos obtiveram a menor pontuação na escala (1), enquanto executivos e profissionais liberais obtiveram a maior pontuação da escala (9). O valor registrado foi multiplicado por cinco e este resultado indicaria o índice do indivíduo neste quesito.

Para avaliação do status socioeconômico, somamos os escores da escolaridade com os escores do prestígio ocupacional dos cônjuges para assim obtermos os índices de cada casal, escores que variam de 8 a 66 e que são distribuídos em cinco faixas (8-19, 20-29, 30-39, 40-54, 55-66).

Neste estudo, foram considerados casais de **baixo nível** socioeconômico aqueles cuja pontuação foi de **8 a 29** pontos; de **médio nível** socioeconômico aqueles cuja pontuação foi de **30 a 39** pontos e de **alto nível** aqueles que foram de **40 a 66** pontos.

Os dados foram analisados estatisticamente por meio do programa SPSS 18.0 (Statistical Package for the Social Sciences) com o uso de testes paramétricos e não paramétricos.

Para as análises dos dados foram usados testes estatísticos paramétricos de significância (teste t de Student para medidas independentes e de medidas emparelhadas) assim como o teste estatístico não paramétrico de correlação de Spearman.

Primeiramente foram realizadas análises descritivas dos dados socioeconômicos dos casais, em termos de médias, desvios padrão, medianas e modas. Sua descrição foi representada a partir de histogramas de frequência, de forma a visualizar a normalidade dos dados.

Posteriormente, foram realizados testes de correlação de Spearman para identificar o nível de similaridade das respostas das esposas e seus maridos.

RESULTADOS:

1.Descrição geral dos dados:

1.1 Caracterização dos casais participantes:

Os casais em união oficial constituíram 65,5% da amostra, 34,50% afirmam estar em união estável. O tempo de casamento foi, em média, 12,62 anos, (N=198, DP=9,574). Quanto à idade, a média dos homens foi de 39,92 anos (N=100, DP=10,446), sendo o mínimo de 23 e o máximo de 65 anos. Já a média das mulheres foi de 37,08 anos (N=100, DP=10,168), sendo o mínimo de 20 e o máximo de 62 anos.

As diferenças do N de participantes apontadas posteriormente nos resultados referem-se ao número de participantes que responderam às perguntas/escalas, portanto, as variações indicam as omissões dos participantes, pois o N deveria ser 100 (quando analisa as respostas do casal e 200 quando considera variáveis dos indivíduos (separados por sexo)).

Os casais com filhos constituíram 72,5% da amostra, sendo que destes, a média foi de dois filhos por casal (N=150, DP=1,167). O nível de escolaridade dos participantes foi de 43,5% de nível médio e técnico, 40,2% de ensino superior e 8,4% de pós-graduados (N= 179). No que se refere à renda, a média dos casais foi de R\$ 3.088, (N=65 casais, os demais não forneceram informação de sua renda, DP= 2535,00).

A renda mínima foi de 300 reais e a máxima de 21 mil reais. No que tange à religião, 93% dos casais declararam-se religiosos, sendo que entre estes, 65,1% professam o catolicismo enquanto 19,9% declararam-se evangélicos (N=186).

Em relação ao status socioeconômico, a média da amostra foi de 34,13 pontos (N=100, DP=17,725), o que, segundo a Escala Hollinshead (1975), corresponderia ao nível socioeconômico médio.

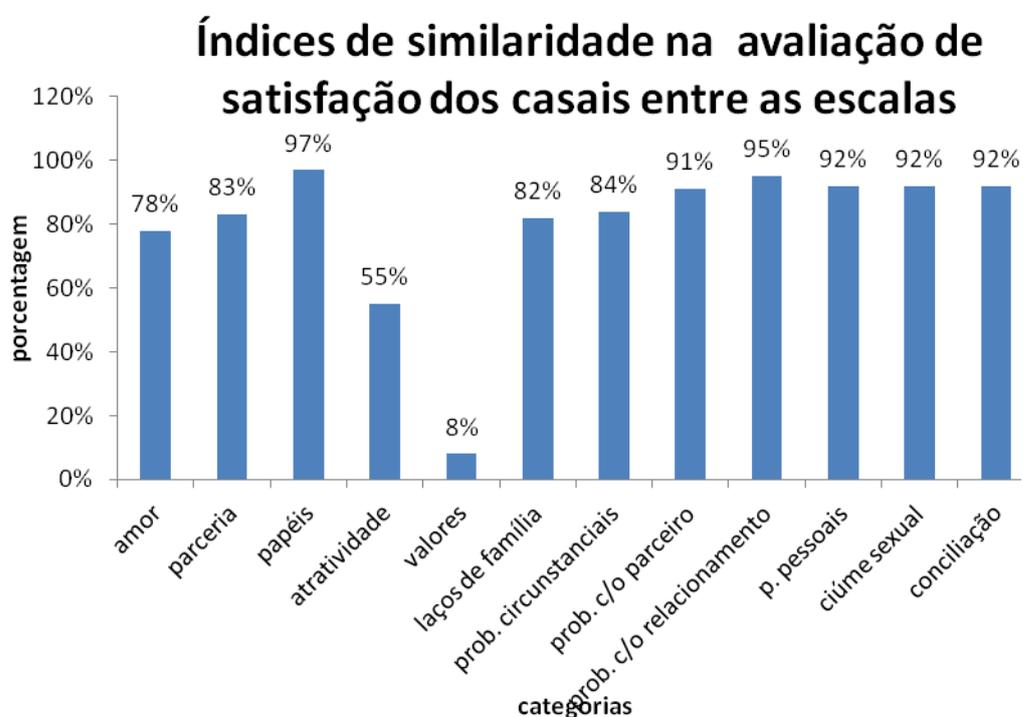
Índices de Satisfação dos Casais:

A pontuação bruta dos escores dos casais nas escalas foi a seguinte: escala do amor M= **3,38** (DP=1,98), escala da parceria M= **3,46** (DP=1,92), escala de papéis =

2,30 (DP=1,37); escala de atratividade M=3,10 (DP=0,87); escala de valores M=1,32 (DP=1,22); escala de laços de família M= 2,96 (DP=1,42); problemas circunstanciais M=2,76 (DP=0,95); problemas com o parceiro M=3,2 (DP=1,22); problemas com o relacionamento M= 2,90 (DP=0,43); problemas pessoais M= 2,84 (DP=0,54); **ciúme sexual** M= **3,61** (DP=1,05) e da escala de conciliação M= 3,00 (DP=0,98).

Os percentuais de satisfação, obtidos pelos casais em cada escala, de acordo com as concordâncias das respostas entre os cônjuges nas mesmas (similaridade nas respostas) seguem ilustrados, na figura 1, a seguir:

Figura 1. Índices de similaridade na avaliação de satisfação dos casais entre as escalas:



Embora existam altos índices de concordância/similaridade entre as escalas de papéis, de problemas com o relacionamento e às demais escalas que ficaram empatadas com 92%, convém ressaltar que estes índices não refletem a pontuação bruta apontada pelos participantes, ou seja, não reflete a importância atribuída ao fator/escala indicado, apenas reflete a distribuição das similaridades entre as escalas.

Vejamos a distribuição destes índices por escalas, entre os casais, consideradas as concordâncias e divergências entre eles, na tabela 1 a seguir:

Tabela 3. Índices de satisfação entre os casais

Escala	Índices de concordância entre os casais
Parceria	83% satisfeitos, 10% insatisfeitos, 7% divergem entre si
Papéis	97% satisfeitos, 2% divergem entre si, 1% insatisfeitos
Amor	78% satisfeitos, 11% insatisfeitos, 11% divergem entre si
Problemas c/parceiro	85% satisfeitos, 6% muito satisfeitos, 2% insatisfeitos 7% divergem entre si
Valores	90% insatisfeitos, 8% satisfeitos, 2% divergem entre si
Laços de Família	82% satisfeitos, 14% insatisfeitos, 4% divergem entre si
Problemas circunstanciais	84% satisfeitos, 15% insatisfeitos, 1% divergem entre si
Atratividade	55% satisfeitos, 41% insatisfeitos, 4% divergem entre si
Ciúme sexual	86% satisfeitos, 8% insatisfeitos, 6% muito satisfeitos
Conciliação	64% satisfeitos, 28% muito satisfeitos, 6% insatisfeitos, 2% divergem entre si
Problemas c/ relacionamento	85% satisfeitos, 10% muito satisfeitos, 5% insatisfeitos
Problemas pessoais	85% satisfeitos, 8% insatisfeitos, 7% muito satisfeitos

Quanto ao nível geral de satisfação no casamento, 86% dos casais foram considerados satisfeitos, 13% considerados muito satisfeitos e 1% deles considerados insatisfeitos.

É importante considerar que os fatores de satisfação adotados neste trabalho foram considerados a partir da pontuação bruta dos cônjuges, lembrando que as maiores foram nas escalas de ciúme sexual (1º lugar), parceria (2º) e amor (3º).

De acordo com os testes t de Student, tanto para medidas emparelhadas quanto para medidas independentes, não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas dos homens e das mulheres aos fatores da escala MARQ, excetuando-se a escala de papéis.

Obtivemos os seguintes resultados: na escala do amor, $t_{99} = -1,923$, $p = 0,057$, $r = 0,189$; e na escala da parceria, $t_{99} = -1,923$, $p = 0,057$, $r = 0,189$. No entanto, observamos tendências muito fortes em direção às diferenças, haja vista que foram quase significativas.

Os resultados na escala de papéis foram: $t_{99}=2,031$, $p = 0,045$, $r = 0,199$. Já os resultados na escala de ciúme sexual, foram: $t_{99}= -0,575$, $p = 0,566$, $r = 0,057$.

Os resultados das demais escalas foram: na escala de atratividade, $t_{99}=0,000$, $p=1,00$, $r = 0$; na escala de valores, $t_{99}=-1,421$, $p=0,158$, $r = 0,141$; na escala de laços de família, $t_{99}=1,00$, $p=0,320$, $r = 0,10$. Na escala de problemas circunstanciais, $t_{99}= -1,00$, $p=0,320$, $r = 0,10$; na escala de conciliação, $t_{99}=1,347$, $p= 0,181$, $r = 0,133$ e por fim, na escala de problemas com o parceiro, $t_{99}= 0,445$, $p=0,657$, $r = 0,0446$.

De acordo com a correlação de Spearman entre a escala das mulheres e dos homens, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 4. Correlações entre as escalas do questionário MARQ de esposas e maridos

Escala	Rô	P	r²	Correlação
Parceria	0,574	0,001	0,329	Positiva e moderada
Papéis	0,500	0,001	0,250	Positiva e moderada
Amor	0,673	0,001	0,452	Positiva e moderada
Problemas c/parceiro	0,754	0,001	0,568	Positiva e forte
Valores	0,885	0,001	0,783	Positiva e forte
Laços de Família	0,854	0,001	0,729	Positiva e forte
Problemas circunstanciais	0,963	0,001	0,927	Positiva e forte
Atratividade	0,922	0,001	0,850	Positiva e forte
Ciúme sexual	0,925	0,001	0,855	Positiva e forte
Conciliação	0,925	0,001	0,855	Positiva e forte
Problemas c/ relacionamento	1,000	0,001	1,000	Perfeita
Problemas pessoais	1,000	0,001	1,000	Perfeita

Como podemos observar na Tabela 3, houve correlação positiva e moderada entre as escala de parcerias e a escala de papéis dos homens e das mulheres, assim como entre as escalas do amor e de problemas com o parceiro.

Podemos observar entre homens e mulheres, correlações positivas e fortes nas escalas de atratividade, valores, laços de família, problemas circunstanciais, ciúme sexual e conciliação. Houve correlações perfeitas nas escalas de problemas com o relacionamento e problemas pessoais. Assim, podemos afirmar que quanto maior a pontuação na escala das esposas, maior a pontuação na escala dos maridos, considerando os percentuais indicados na quarta coluna da tabela indicada.

Discussão:

Neste estudo, buscamos identificar de que forma os casais paraenses avaliaram a satisfação em seu relacionamento conjugal.

Esta avaliação, dada a multidimensionalidade dos fatores envolvidos na satisfação conjugal foi obtida a partir de três perspectivas. A primeira foi a percepção que o cônjuge tem de sua própria satisfação no relacionamento. A segunda, da percepção que possui sobre a satisfação de seu parceiro no casamento. A terceira, da percepção que o cônjuge tem do próprio relacionamento, como uma terceira entidade, geradora de reforçadores positivos e fortalecedora do amor e da satisfação entre o casal. Isto só foi possível graças ao instrumento utilizado para medir a satisfação, pela Escala MARQ, utilizado de forma inédita na população brasileira.

A forma com que as três perspectivas estão distribuídas ao longo do questionário/Escala nos permitiu investigar de maneira eficaz a percepção do casal a respeito do relacionamento e não foi encontrado na literatura instrumento de eficácia semelhante, considerando-se além da multidimensionalidade, os fatores de satisfação considerados (12 fatores ou subescalas).

Os resultados obtidos indicaram a avaliação satisfatória dos relacionamentos conjugais da maioria dos casais e permitem classificar a satisfação como um bom preditor para a estabilidade no relacionamento, conforme proposto por Karney e Brandbury (1995), ressaltando que os mesmos já estão juntos há cerca de 12,63 anos, em média.

Procuramos investigar quais seriam os principais fatores que contribuem para a satisfação no relacionamento. Encontramos que, dentre os 86 de casais paraenses que se encontram satisfeitos em seu casamento, os fatores **ciúme, parceria e amor** foram apontadas como maiores fontes de satisfação do relacionamento entre eles, segundo suas as maiores pontuações brutas e se assemelham aos resultados do estudo transcultural realizado por Lucas e cols (2008).

Isto sugere que a segurança dos cônjuges quanto à fidelidade de seus parceiros, que estão bastante envolvidos emocional e amorosamente com seus cônjuges e que há partilha mútua de sentimentos, respeito e boa comunicação entre si, em consonância com a proposta de Norgren e cols (2004) de que a satisfação aumenta quando existe proximidade emocional e parceria entre os cônjuges.

Podemos inferir a partir destes índices de satisfação global e emocional que os cônjuges gozam de auto-estima elevada, de acordo com Shackelford (2001). Também indica a avaliação positiva dos cônjuges dos seus relacionamentos, considerados, desta perspectiva, como mais benéficos que custosos.

Os índices obtidos na escala de ciúme sexual, escala com a maior pontuação bruta dos cônjuges, indicam a satisfação dos cônjuges com a fidelidade de seus parceiros. Reforça a proposição de Buss (2000, 2007) de que a satisfação dos casais é resultante do monitoramento contínuo dos custos e benefícios com o relacionamento realizado pelos cônjuges, caso contrário estes índices poderiam ser mais baixos. Do mesmo modo, o uso não excessivo desta tática de guarda contribui para a manutenção da satisfação conjugal (Buss e Haselton, 2005).

Os índices de satisfação obtidos na escala da parceria e do amor, que ocuparam o segundo e o terceiro lugar dentre os demais índices, corroboram os achados dos estudos transculturais de Lucas e cols (2008) e fortalecem a hipótese de que ambos sejam componentes filogeneticamente evoluídos da satisfação conjugal, pois seriam culturalmente homogêneos ao redor do mundo, independentemente do país, da cultura e de quaisquer outras variáveis, estes dois componentes seriam fundamentais na satisfação com o relacionamento.

O amor pode ser associado ao sucesso do relacionamento, segundo as proposições de Cassep-Borges (2010) e Masuda (2003). Assim como indicaram os resultados do estudo de Norgren e cols (2005), no qual mesmo dentre os casais insatisfeitos, que tinham proximidade emocional, a relação tende a se manter, fornecendo indícios consistentes de que o mecanismo do amor ainda influencia significativamente o comportamento sexual na atualidade.

Os índices de satisfação dos casais nas escalas de atratividade, parceria e amor dos casais indicam o funcionamento dos sistemas amorosos propostos por Fisher: a luxúria, o amor romântico e o apego (Fisher, 1998, 2004 e Fisher e cols, 2002), especialmente os dois últimos sistemas, incluindo o índice do ciúme, corresponde tanto ao sistema de amor romântico quanto pode refletir a ansiedade de separação do ser amado, característica do sistema de apego.

As menores fontes de satisfação no relacionamento, ainda de acordo com a pontuação bruta dos casais, foram as escalas de valores, papéis e problemas circunstanciais, que ocuparam o primeiro, segunda e terceira pontuação mais baixas, respectivamente. Ressalta-se que a escala de papéis foi inclusive a escala na qual houve diferença estatisticamente significativa entre maridos e esposas.

Isto indica que os casais podem vir a ter problemas, principalmente com a escala de valores, cuja pontuação foi a mais baixa e a qual descreve as atitudes e crenças

sobre o casamento e filhos, possivelmente associadas a divergências entre valores mais tradicionais e mais modernos.

As baixas pontuações na escala de papéis se revelam nas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas de homens e mulheres, foram previstas pelo próprio manual da Escala MARQ. Os estudos de Perlin e Diniz (2005) relacionam esta insatisfação à sobrecarga feminina, decorrente da multiplicidade de papéis das mulheres que trabalham fora e ainda administram a vida doméstica do casal, entre outras questões.

Investigamos também se os casais mais similares ou homogâmicos estariam mais satisfeitos que os mais dissimilares entre si. Os resultados nas respostas às escalas do questionário MARQ apontaram que sim, considerando-se os índices de satisfação entre os casais, observados na tabela 2.

Também identificamos a homogamia da maioria dos casais, em características como a faixa etária, dos homens e mulheres (39 a 41 anos, em média); na classe social em comum, sendo a maioria de classe média (de acordo com a renda bruta e com a escala Hollinshead); na crença religiosa em comum (maioria católica, seguidos pelos evangélicos) e no nível de instrução educacional em comum (maioria ensino médio e superior).

Tais achados estão de acordo com as proposições de Russell e Wells (1991), Epstein e Guttman (1985) a respeito da importância da similaridade na satisfação com o relacionamento amoroso, assim como os estudos de Scharamm, e cols (2011), Sardinha e cols (2009), Norgren e cols (2004), Wilson e Cousins (2003) que especificam os aspectos da similaridade acima citados.

Todavia, não pudemos comprovar a suposição de que haveria aumento da similaridade dos casais no decorrer do tempo (convergência), segundo proposição de Wilson e Cousins (2003), pois seria necessária a realização de estudo longitudinal para testar tal hipótese, o que não seria possível dado o anonimato dos participantes deste estudo.

Os resultados encontrados neste estudo fortalecem os pressupostos da Psicologia Evolucionista a respeito da onipresença do amor e do ciúme, como fatores de coesão, especialmente para formação de pares e/ou parcerias amorosas dos hominíneos, desde nossos ancestrais até a atualidade.

A importância do ciúme apontadas pelos casais indica que o mesmo continua proporcionando adaptabilidade aos cônjuges, uma vez que ele também sinaliza o nível

de comprometimento do parceiro no relacionamento, contribuindo assim para o fortalecimento do amor entre ambos.

Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos já citados, assim como do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/ conjugal, que resulta na satisfação, os mesmos continuam atuando nosso comportamento na contemporaneidade, tanto na China, quanto no estado do Pará.

Homens e mulheres cuidam dos seus relacionamentos e mantêm-se unidos por mecanismos impressos em nossa filogênese, ainda que sejamos influenciados por nossas circunstanciais ambientais e/ou culturais.

Referências:

- Buss, D.M. (2000). A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo, tradução Myriam Campelo, Objetiva. 3ª Ed. Tradução de *The Dangerous Passion*.
- Buss, D.M. (2007). The evolution of human mating. *Acta Psychologica Sinica*, 39 (3), 502-512.
- Buss, D.M. & Haselton, M.H. (2005). The evolution of jealousy. *Trends in Cognitive Sciences*, vol 9, nº 11, November 2005.
- Buss, D.M. & Schmitt, D.P. (1993). Sexual Strategies Theory: An evolutionary Perspective on Human Mating. *Psychological Review*, 100 (2), 204-232.
- Caspep-Borges, V. (2010). Amor e construtos relacionados: evidências da validade de instrumentos de medida no Brasil (Tese de Doutorado). Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília.
- Epstein, E. & Guttman, R. (1985). Mate selection in man: evidence, theory and outcome. *Social Biology*, 31, 351-361.
- Feeney, A. J. (1999). Adult attachment, emotional control and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185. Printed in USA.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1992). Attachment style and romantic love: relationship dissolution. *Australian Journal of Psychology*, 44, 69-74.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1990). Attachment style as predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 2, 281-291
- Fisher, H. (1998). Lust, attraction and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature* 9, 23-52
- Fisher, H. (2000). Lust, attraction, attachment: biology and evolution of the three primary emotions systems for mating, reproduction and parenting. *Journal of Sexual Education and Therapy*, 25, 1, Printed in USA.
- Fisher, H. (2004). *Why we love: the nature and chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt and Company.
- Fisher, H., Aron, A., Mashek, D., Li, H., Strong, G., & Brown, L. (2002). The neural mechanisms of mate choice: a hypothesis. *Neuroendocrinology Letters Special Issue*, 23 (suppl 4), 92-97. December
- _____ Defining the brain systems of lust, romantic attraction and attachment. *Archives of sexual behavior*, 31, 5, 413-419. October.
- Geary, D. C. (2000). Evolution and proximate expression of human paternal

- investment. *Psychological Bulletin*, 126,55-77.
- Gouin, J.P (2009). Marital quality and plasma levels of oxytocin and vasopressin. Dissertação de mestrado. The Ohio State University.
- Kaighobadi, F., Shackelford, T.K. & Buss, D.M. (2009). Spouse mate retention in the newlywed year and three years later . *Personality and Individual Differences*, 48, 414-418.
- Karney, B., R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research *Psychological Bulletin*, 118(1), 3- 34.
- Lalonde, R. N., Hynie, M., Pannu, M., & Tatla, S. (2004). The role of culture in interpersonal relationships: Do second generation South Asian Canadians want a traditional partner? *Journal of Cross Cultural Psychology*, 35, 503-524
- Litcher, D.T.& Carmall, J.H. (2008). XXX Social Science Research,38 (2009), 168-187.
- Lucas, T., Parkhill, M.R., Wendorf, C.A., Imamoglu, E.O., Weisfeld, C.C., Weisfeld, G.E. & Shen, J.: C (2008). Cultural and evolutionary components of marital satisfaction: a multidimensional assessment of measurement invariance. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 39, 109
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: do various love scale measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45 (1), 25-37.
- Mosmann, C. e Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista Spagesp, Ribeirão Preto*, v.12, dez 2011.
- Mosmann, C., Wagner A., & Féres-Carneiro, T. (2007). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 2006, 16(35), 315-325
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, jul-dez, vol12, nº 2, pp.5-16.
- Norgren, M.B.P., Souza, R.M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S.A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 17(2), 575-584.
- Perlin, G.dal B. (2006). Casamento contemporâneo: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal (Tese de Doutorado). Brasília, Distrito Federal. Universidade de Brasília.

- Perlin, G.dal B. & Diniz,(2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clinica*, 17 (2), 15-29.
- Previtti, D. & Amato, P.R. (2004). Is infidelity a cause or consequence of poor marital quality? *Journal of Social and Personal Relationships*, 21,2, 217-230
- Russell, R.J.H. & Wells, P.A. (1991). Personality: similarity and quality of marriage. *Personality and Individual Differences*, 12, 407-412
- Sardinha, A., Falcone, E.M & Ferreira, M.C (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Jul-Set, 2009
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost infliction. *Personality and Individual Differences*, 28, 917-928
- Shackelford, T. K., Schmitt, D.P. & Buss, D. M. (2005). Mate preferences of married persons in the newlywed year and three years later. *Cognition and Emotion*,19(8),1262-1270
- Shackelford, T.K., Goetz, A.T. & Buss, D.M. (2005). Mate retention in marriage: further evidence of reliability of the Mate Retention Inventory. *Personality and Individual Differences*, 39, 415-425.
- Scharamm,.D.G., Marshall, J.P., Harris, V.W. & Lee, R.L. (2011). Religiosity, Homogamy and Marital Ajustment. *Journal of Family Issues*. February 2012, 33: 246-268
- Schimiti,J.A & Sarzedas, L.P. de Melo (2008). Relacionamento estável na visão de casais. *Terra e Cultura*, nº 46, Ano 24, Janeiro a Julho de 2008
- Stutzer,A.& Frey,B.(2004).Does marriage make people happy or do happy people get married? *The Journal of Socioeconomics*. 35 (2006), 326-347.
- Wendorf,C.A, Lucas,T, Imamoglu,E.O., Weisfeld,C.C e Weisfeld,G.E. (2011). Sex differences and similarities in married couples: patterns across and within cultures *Journal Of Cross-cultural Psychology*, 42(3), 340-354.
- Wilson,G.D. & Cousins, J.M. (2003). Partner similarity and relationship satisfaction: development of a compatibility quotient. *Sexual and Relationship Therapy*, vol 18, nº2, 2003

Capítulo 2: Identificando a satisfação conjugal de homens e mulheres paraenses

Resumo:

Neste estudo investigamos as percepções que cada membro do casal tem de seus relacionamentos conjugais. Estas percepções seriam parte dos mecanismos de monitoramento da satisfação com o relacionamento, de acordo com a Psicologia Evolucionista, referencial teórico utilizado neste trabalho, baseado fundamentalmente na teoria evolutiva darwinista. Especificamente, nosso objetivo foi verificar de que forma os homens e mulheres, residentes na região metropolitana de Belém avaliam, separadamente (independentemente do parceiro) a qualidade de seu relacionamento conjugal atual, utilizando a escala MARQ como instrumento de medida de satisfação conjugal. De maneira global, tanto os homens quanto as mulheres avaliaram o ciúme, a conciliação e problemas com o relacionamento como principais fatores para a satisfação conjugal. As pequenas diferenças encontradas nas características sociodemográficas (como a renda e a escolaridade) entre os sexos estão de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Evolucionista a respeito da evolução das preferências na seleção de parceiros para homens e mulheres.

O mecanismo do ciúme estaria influenciando fortemente o comportamento amoroso de homens e mulheres paraenses, assim como influenciou o comportamento dos casais paraenses. Diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos foram bastante diluídas entre as escalas e não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento. Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos do amor, do ciúme e do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/conjugal, que resulta na satisfação, tais mecanismos continuam proporcionando adaptabilidade aos hominíneos na contemporaneidade.

Identificar um parceiro fértil, competir com rivais do mesmo sexo, ser selecionado pelo parceiro do sexo oposto, afastar os rivais, emitir os comportamentos sexuais e socialmente desejáveis para conceber e criar os filhos foram alguns dos desafios enfrentados pelos ancestrais dos hominíneos.

Tais problemas atuaram como pressões seletivas que resultaram na evolução dos complexos mecanismos adaptativos da psicologia humana destinados especificamente para a seleção de parceiros (Buss, 2000, 2007).

Deste modo, aqueles que somaram seus esforços sob a forma de “pares” ou parcerias amorosas e cuidaram da prole, obtiveram êxito na tarefa de transmissão de seus genes à posteridade. Assim, as diversas preferências na seleção de parceiros apresentadas atualmente por homens e mulheres e verificadas em diversas culturas, evoluíram ao longo do tempo evolucionário. Foi necessário que ambos os sexos aprendessem a identificar pistas nos parceiros de que eles poderiam assegurar seu sucesso reprodutivo (Buss, 2007, Miner e Shackelford, 2010).

Homens e mulheres desenvolveram preferências por qualidades em seus potenciais parceiros, em especial para parcerias de longo prazo (Li & Kenrick, 2006; Miner & Shackelford, 2010). As mulheres teriam preferências por um parceiro que tenham características relacionadas à obtenção de recursos como a inteligência, ambição, senso de humor, criatividade, capaz de protegê-la fisicamente, com disposição para cooperar, confiabilidade, estabilidade e cujos valores e objetivos sejam compatíveis com os dela (Brito, Silva Junior & Henriques, 2009, Buss & Schmitt, 1993, Cruz, 2009, Sadala, 2005).

Os mecanismos psicológicos, responsáveis pela detecção de sinais adequados emitidos por potenciais parceiros investidores, guiariam os comportamentos femininos na escolha destes assegurando que seu esforço reprodutivo seja compartilhado com um parceiro que tenha condições de prover recursos para si e sua prole (Buss, 1989, 2000, 2007).

Os homens, por sua vez, demonstram preferências por características relacionadas à fertilidade em uma parceira amorosa, especialmente a juventude e a beleza física, geralmente relacionada à simetria facial, pele limpa, saudável e uma razão cintura quadril adequada, geralmente em torno de 0,7 (Buss & Schmitt, 1993, Buss, Shackelford & Leblanc, 2000).

A preferência por mulheres mais jovens para parcerias de longo prazo estaria relacionada ao potencial reprodutivo destas, conforme estudo transcultural realizado por

Buss, Shackelford e LeBlanc (2000) em 37 culturas localizadas nos seis continentes, no qual foram entrevistadas 9.809 pessoas de ambos os sexos. Foram entrevistados 4.449 homens e 5.310 mulheres cujas idades variavam entre 17 a 30 anos, 66% deles estavam solteiros na época da pesquisa.

Eles responderam um questionário com perguntas a respeito de sua idade atual, a idade que tinham quando do primeiro casamento, a idade do atual parceiro (a) e a idade do parceiro (a) quando do primeiro casamento, a preferência pela diferença entre a sua idade e a de seus parceiros(as) e o número de filhos que desejavam ter.

Os resultados indicaram que os homens que desejaram ter maior número de filhos tiveram maior preferência por mulheres mais jovens, ao contrário daqueles que tiveram menos filhos. Detectaram associação entre a idade das parceiras e o potencial reprodutivo das mesmas, quando o parceiro adotava a estratégia quantitativa, ou seja, quis ter maior quantidade de filhos.

Deste modo, quanto mais velhos os homens, maior a diferença de idade detectada entre eles e suas esposas. O inverso não foi detectado nas preferências das mulheres entrevistadas.

Shackelford, Schmitt e Buss (2005) identificaram em um estudo longitudinal que preferências como boas perspectivas financeiras, boa aparência, estabilidade emocional e maturidade são compartilhadas e valorizadas por ambos os sexos no início do relacionamento.

Eles entrevistaram jovens norte-americanos recém-casados, no primeiro e no quarto ano de casamento e verificaram que tais preferências mantiveram-se importantes mesmo até o quarto ano de casamento. .

Buss (1989) já identificara que homens e mulheres compartilhavam características, além das citadas anteriormente, outras como gentileza, compreensão, inteligência e saúde, atração mútua e amor.

Isto também sugere que ambos os sexos desejam características semelhantes ou homogênicas, e também poderia ser considerado um indício de que ambos desejam estabelecer um compromisso duradouro, do contrário, não faria sentido a evolução destas preferências.

É provável que os mecanismos de preferências específicas de cada sexo tenham atuado no início da seleção de parceiros, quando ainda não se tem certeza de que se deva investir na relação.

A busca de similaridades seria um segundo passo, quando o parceiro decide fortalecer a relação, daí a importância de alguns objetivos serem fundamentalmente compartilhados, o que culminaria na relação de longo-prazo. Aprofundaremos esta discussão a seguir quando abordarmos a importância da satisfação nos relacionamentos.

Uma vez estabelecida a parceria de compromisso, atentemos para a evolução das relações afetivas estabelecidas entre pares, da perspectiva das neurociências sobre as prováveis origens do amor, tido entre os pesquisadores como um dos principais responsáveis pela manutenção das parcerias amorosas.

A evolução do cérebro que ama:

Fisher, Aron, Mashek, Li, Strong & Brown (2000, 2002) e Fisher (1998, 2000, 2004) relataram que os humanos possuem três sistemas neurais de natureza emocional/motivacional relacionados à reprodução: a luxúria, o amor romântico e o apego.

Embora estes três sistemas possam atuar em conjunto, eles também podem operar de modo independente um do outro: podemos nos sentir atraídos e ter intercursos sexuais com pessoas sem desenvolver laços de apego (como na prática de sexo casual); desenvolvemos laços de apego com pessoas (amigos, por exemplo) sem intercursos sexuais com elas (Fisher, 2004, Buss, 2007).

A evolução desta sofisticada circuitaria neural estaria associada aos hormônios sexuais, aos diferentes neurotransmissores e aos aspectos comportamentais relacionados às estratégias reprodutivas de nossa espécie.

Bussab (2000) propõe que o vínculo afetivo se forme como consequência das interações afetuosas e lúdicas, desvinculado da satisfação de necessidades básicas como alimentação, por exemplo. Por isso, o apego é considerado um impulso primário e instintivo.

Hazan e Zeifman (1999) e Diamond (2003) acreditam que o sistema de apego foi co-optado para o propósito de manter os parceiros amorosos juntos, facilitando o cuidado parental e maximizando suas chances de sucesso reprodutivo.

Deste modo, a tendência que nós, hominíneos, temos a formar pares ou pair-bonding e nos vincularmos afetivamente a estes parceiros poderia ser considerada como uma exaptação da relação infante-cuidador (Diamond, 2003).

O papel da oxitocina nos sentimentos de segurança e paz, desde o estabelecimento da relação mãe-bebê assim como no estabelecimento da relação amorosa adulta pode ser considerado um bom argumento a favor desta proposição.

Young, Wang e Insel (1998) relatam o aumento da vasopressina (nos homens) e da oxitocina (nas mulheres) na corrente sanguínea logo após o orgasmo e Gouin (2009) constatou a correlação positiva entre os comportamentos interativos do casal e os níveis de oxitocina e vasopressina no sangue de casais norte-americanos.

Estes dados são mais uma importante base neuroendócrina que fortalece a hipótese da evolução da relação de apego amoroso adulto, geralmente apresentado sob a forma de relacionamentos monogâmicos.

Como seria possível manter junto de si o parceiro preferido, após a adoção da estratégia monogâmica? E quais teriam sido as vantagens adaptativas proporcionadas aqueles que assim o fizeram? A existência do apego e do amor pode contribuir para responder estas indagações.

As principais implicações de se tomar o relacionamento erótico afetivo/amoroso como uma relação de apego seria considerar como uma das suas funções básicas a regulação do senso de segurança dos cônjuges, que lhes trariam benefícios físicos e psicológicos; este senso permitiria o aumento da exploração do ambiente fora da relação, por exemplo, na habilidade de alcançar suas metas pessoais. Talvez este senso de segurança seja tão importante na manutenção da parceria quanto a satisfação com o relacionamento.

As diferenças no estilo de apego adulto influenciariam os processos de apego relacionados ao ajustamento conjugal. Deste modo, o senso de segurança e proximidade, a regulação da fisiologia e do afeto e o aumento da exploração externa seriam típicos dos arranjos conjugais e não requereriam altos níveis de satisfação conjugal.

Além do apego, o cuidado e a sexualidade seriam os principais componentes do amor romântico e poderiam ser considerados preditores da satisfação e da qualidade do relacionamento (Hazan & Shaver, 1994, Feeney, 1999, Feeney & Noller, 1992).

A emergência do amor nos relacionamentos amorosos:

Conforme Buss (2006), o amor teria sido a solução para os relacionamentos de compromisso e, sua existência seria a melhor forma de assegurar a permanência do parceiro na relação.

Assim, o amor teria as funções de prover acesso sexual ao parceiro, sinalizar fidelidade sexual do mesmo, promoveria exclusividade no relacionamento, através do uso das táticas de guarda (o monopólio do tempo do parceiro e o ciúme sexual), bem

como sinalizaria recursos relevantes para a reprodução, como sinais de investimento parental, satisfação sexual e emocional (Shackelford, Goetz e Buss, 2005).

Segundo Daly e Wilson (1996), da perspectiva dos homens, a infidelidade sexual de suas mulheres, os colocaria em risco de investir na prole de outro homem, considerando-se que para estes não havia meios de confirmar a paternidade de sua prole.

Já as mulheres tiveram que evitar a infidelidade emocional masculina, pois haveria maior risco de os mesmos desertarem da relação atual, ao se vincularem emocionalmente à outra mulher, o que as obrigariam a dividir seus recursos, proteção, tempo e energia com outra prole além da sua.

Desta forma, teria evoluído o ciúme, uma das importantes funções do amor, por ter promovido a fidelidade sexual do parceiro amoroso, que somado às demais funções, teriam papel fundamental para a satisfação e na manutenção das parcerias amorosas.

Evidências de que o amor seria um complexo conjunto de adaptações, selecionado por ter auxiliado a resolver problemas específicos de sobrevivência e reprodução em nossa espécie poderiam ser encontradas na circuitaria cerebral proposta por Fisher (1995, 2002, 2004) e entre os diversos estudos realizados nas neurociências (Carter, 1998, Bartels & Zecki, 2000, Diamond, 2003).

Hernandes e Oliveira (2003) investigaram as relações entre os componentes do amor (dependência romântica, compatibilidade romântica, intimidade comunicativa, excitação física) e a satisfação. Eles entrevistaram 146 casais heterossexuais da região metropolitana de Porto Alegre-RS, utilizando a Escala dos Componentes do Amor de Critelli et al (1986), que mediu a intensidade do amor relatado entre os cônjuges, e a escala de Satisfação de Jemont et al (1989), que mediu a intensidade da satisfação; ambas escalas tipo Likert, com cinco opções de resposta. Destes casais, 98 eram casados, 4 considerados companheiros, 8 noivos e 36 namorados, com a média de 36 anos de idade, e média de 12 anos de relacionamento. 105 deles moravam juntos e 75 deles possuíam filhos em comum. A maior parte da amostra tinha no mínimo ensino médio completo.

Os resultados apontaram correlação positiva entre a medida de excitação física e a satisfação dos homens e das mulheres, assim como ocorreu com a compatibilidade romântica (similaridade entre ideais românticos, opiniões e senso de humor) e a satisfação em ambos os sexos.

Os autores concluíram que o componente do amor que mais afeta positivamente a satisfação dos casais é a intimidade comunicativa (comunicação, compreensão, apoio e confiança), considerando-a como aspecto intrínseco do amor.

Feeney e Noller (1990, 1992) e Feeney (1999) apontam o amor como suporte fundamental para a o bem-estar psicológico dos membros da família e o relaciona aos altos índices de satisfação e para a estabilidade do casamento. O amor romântico seria então o “imã” que teria contribuído para a evolução da monogamia em nossa espécie, sugerindo deste modo, conforme os trabalhos citados anteriormente, a universalidade deste mecanismo, como característica filogenética de nossa espécie e o seu papel principal teria sido proporcionar a satisfação nas parcerias, contribuindo para a manutenção destas.

Convém fazermos uma análise mais ampla sobre o papel da satisfação para a manutenção das parcerias amorosas.

A SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO

Uma vez resolvido o problema de selecionar o parceiro desejado, as pessoas tiveram que enfrentar o desafio de manter o interesse deste na relação.

As mudanças às quais estão suscetíveis os cônjuges em relacionamentos de longa duração podem causar problemas que se mal administrados podem resultar na dissolução do relacionamento. Então, por que seria necessário que as pessoas obtenham satisfação em seus relacionamentos diante destes desafios?

Manter a satisfação seria uma das estratégias utilizadas para evitar a deserção do parceiro (Buss, 2007).

Mosmann e cols (2007) identificaram que as variáveis fundamentais que definem a qualidade conjugal relacionam-se aos recursos pessoais (gênero, raça, orientação sexual, personalidade) dos cônjuges (1), ao contexto de inserção do casal (por exemplo, nível socioeconômico, status, cultura) e aos processos de adaptabilidade (3), considerando a qualidade como resultante do caráter interativo e dinâmico do casal e, portanto, da avaliação que cada cônjuge tem do nível de qualidade que experimenta em sua união, caracterizando-a desta forma, como multidimensional.

Portanto, consideraremos que um relacionamento satisfatório é aquele no qual os benefícios nele obtidos são maiores que os custos, segundo a avaliação dos respondentes (Buss, 2007). A discussão sobre o que é considerado custo ou benefício constitui tópico a ser abordado mais adiante neste estudo.

Este conceito multidimensional, baseado na percepção dos respondentes, foi adotado neste trabalho bem como justificou a escolha do instrumento (Escala MARQ) que foi utilizado para medi-la e que será descrito posteriormente neste estudo (na seção Método).

Os benefícios do relacionamento satisfatório:

No ambiente de adaptação evolutiva, a união conjugal teria facilitado a procriação e os cuidados com a prole dos nossos ancestrais hominídeos. A satisfação conjugal seria importante para seu bom desempenho nestas tarefas e proporcionariam melhor adaptabilidade aos filhos resultantes destas uniões que herdassem os mecanismos psicológicos de monitoramento da satisfação no relacionamento (Lucas, Parkhill, Wendorf, Imamoglu, Weisfeld, Weisfeld & Shen (2008).

Karney e Bradbury (1995) consideram a satisfação conjugal um importante preditor para a manutenção do relacionamento conjugal e por isso seria importante investigarmos os fatores que contribuem para a satisfação e quais contribuem para a deterioração das relações, de modo a auxiliar os casais, por meio de intervenções terapêuticas, de modo a prevenir a dissolução dos casamentos.

Além disso, casamentos felizes contribuem para o bem-estar dos casais, dos filhos e da sociedade em geral (Saxbe, Repetti, & Nishina, 2008) e relações felizes diminuem a probabilidade da ocorrência de crimes passionais (Sampson, Laub, & Wimer, 2006).

Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), ao investigarem casamentos de longa duração, entrevistaram 38 casais paulistas, utilizando a escala de ajustamento diádico (DAS, Spaniel, 1976). A duração média do casamento foi de 29 anos, a idade dos cônjuges variou de 42 a 73 anos, todos tinham filhos, provinham de classe média alta, 90% deles eram católicos e nível de instrução educacional superior ou pós-graduados. Os autores concluíram que a satisfação dos cônjuges aumenta quando existem a proximidade emocional (o amor), parceria (boa comunicação entre eles, coesão, estratégias de resolução de problemas e a similaridade entre eles (partilha de valores, status econômico e partilha de crenças religiosas, entre outras).

Interessante observar neste estudo, que tanto entre os satisfeitos, maioria da amostra, quanto entre os insatisfeitos, o amor/proximidade emocional foi apontada como principal motivo para o manutenção do casamento, seguido pela convicção (valor) de que o “casamento é uma parceria para a vida toda” nos casais satisfeitos e, seguido

pela responsabilidade pelos filhos e pela sinceridade dos cônjuges (inclusive em momentos de crise), nos casais insatisfeitos (Norgren e cols, 2004).

Perlin e Diniz (2005) concluíram que os homens têm níveis mais altos de satisfação que as mulheres no relacionamento amoroso. Elas entrevistam 111 casais heterossexuais (222 homens e 222 mulheres), na cidade de Brasília. Ambos os cônjuges tinham trabalho remunerado (funcionários públicos) e idade entre 31 e 40 anos. Como instrumento de medida de satisfação, foi utilizada a Escala de Ajustamento Diádico (DAS, Spanier, 1976). Os resultados apontaram que 67% dos participantes da pesquisa estavam casados, em média há 13,7 anos, mais de 70% deles tinham filhos do atual casamento e embora ambos trabalhassem, os homens contribuía com a maior parte da renda familiar. 49,8% das mulheres eram responsáveis pela maior parte das tarefas domésticas (contra 31,9% dos homens).

As autoras atribuem as diferenças nos níveis de satisfação à sobrecarga de papéis atribuídos às mulheres (mãe, esposa, dona de casa) bem como ao fato de as mesmas buscarem constantemente melhorias na qualidade de seu relacionamento, ao passo que os homens tenderiam ser mais acomodados neste aspecto e possivelmente estes diferentes níveis de exigência explicariam a menor satisfação das mesmas (Perlin e Diniz, 2005).

Entretanto, também encontramos estudos que indicam a satisfação feminina com o casamento, apesar da dupla jornada de trabalho.

Possati e Dias (2002) entrevistaram 132 mães, casadas e profissionais que exerciam atividades remuneradas no setor público e privado, no Estado da Paraíba, a maioria com escolaridade a partir do ensino médio. Concluíram que mulheres trabalhadoras tiveram um bom índice de bem estar psicológico e satisfação com o casamento, considerando que o fato de trabalharem aumenta o poder de decisão feminino, promovendo sua auto-estima e maior equidade no contexto do casamento.

Jablonski (2010) acrescenta que os homens ainda têm papel coadjuvante nas tarefas domésticas, mesmo quando ambos os cônjuges trabalham fora de casa. Ele entrevistou 20 casais cariocas, visando investigar a divisão de tarefas domésticas, entre casais de classe média com filhos. Detectou que apesar da dupla jornada de trabalho feminina, ainda recai sobre a mulher a tradicional atribuição de papéis sexuais às mulheres, como principais responsáveis pelas tarefas domésticas.

Entretanto, diferentemente do que era esperado pelo autor, esta condição não foi identificada como fonte geradora de conflitos entre os casais pesquisados, sugerindo

aceitação de ambos os cônjuges pelos tradicionais papéis sexuais estabelecidos na sociedade brasileira e que ainda são vigentes (Jablonski, 2010).

MÉTODO:

Participantes: ver Método Geral

Instrumentos: ver Método Geral

Procedimento: ver Método Geral

Análise dos Dados:

Para efeito de análise neste estudo, a classificação dos participantes segundo seus *níveis individuais de satisfação* ($N=200$), as sete faixas de satisfação (de 1 a 7) foram subdivididas em **três faixas** (1, 3 e 5), sendo a **faixa 1**, considerada como a dos parceiros **insatisfeitos** (cuja pontuação incluía os escores de 1 a 2 pontos); a **faixa 3** foi considerada a dos parceiros **medianamente satisfeitos** (cuja pontuação incluía os escores de 3, 4 e 5 pontos) e por fim a **faixa 5**, a dos parceiros **satisfeitos** (cuja pontuação incluía os escores de 6 e 7 pontos).

Tratamento dos dados sociodemográficos conforme a Escala de Avaliação de Status socioeconômico de Hollinshead (1975):

De acordo com o manual da Escala Hollinshead, a avaliação do nível de escolaridade levou em conta o número de anos de escolarização formal, e foi apurada em uma escala de 7 pontos (do ensino fundamental incompleto-1 a pós-graduação-7).

O valor registrado foi multiplicado por três e este resultado indicaria o índice do indivíduo neste quesito.

O prestígio ocupacional foi apurado e tabulado em uma escala de 9 pontos. Empregados não qualificados e empregados domésticos obtiveram a menor pontuação na escala(1), enquanto executivos e profissionais liberais obtiveram a maior pontuação da escala (9). O valor registrado foi multiplicado por cinco e este resultado indicaria o índice do indivíduo neste quesito.

Para avaliação do status socioeconômico, somamos os escores da escolaridade com os escores do prestígio ocupacional dos cônjuges para assim obtermos os índices de cada casal, escores que variam de 8 a 66 e que são distribuídos em cinco faixas (8-19, 20-29,30-39,40-54,55-66).

Neste estudo, foram considerados participantes de **baixo nível** socioeconômico aqueles cuja pontuação foi de **8 a 29** pontos; de **médio nível** socioeconômico aqueles

cuja pontuação foi de **30 a 39** pontos e de **alto nível** aqueles que foram de **40 a 66** pontos.

Os dados foram analisados estatisticamente por meio do programa SPSS 18.0 (Statistical Package for the Social Sciences) com o uso de testes paramétricos e não paramétricos.

Para as análises dos dados foram usados testes estatísticos paramétricos de significância (teste t de Student para medidas independentes assim como o teste estatístico não paramétrico de correlação de Spearman).

Primeiramente foram realizadas análises descritivas dos dados socioeconômicos dos casais, em termos de médias, desvios padrão, medianas e modas. Posteriormente, foram realizados testes de correlação de Spearman para identificar o nível de similaridade das respostas das esposas e seus maridos.

Resultados:

1.Descrição geral dos dados coletados:

1.1- Descrição dos principais aspectos sociodemográficos conforme o sexo dos participantes:

Os participantes em união oficial constituíram 65,5% da amostra, 34,50% afirmaram estar em união estável. O tempo de casamento foi, em média, 12,62 anos.

Os participantes com filhos constituem 72,5% da amostra, sendo que destes, a média foi de dois filhos por casal.

Quanto à idade, a média dos homens foi de 39,92 anos e a média das mulheres foi de 37,08 anos.

O índice de escolaridade das mulheres foi de 39,1% com ensino técnico e médio e 45,7% no ensino superior (N= 94). Já os índices dos homens neste quesito foram 49,4% tinham cursado ensino técnico e médio e 34,1% tinham cursado ensino superior (N= 85).

A renda das mulheres foi, em média, R\$ 1.585,99 (DP 2.231,558, N=85). A média dos homens foi de R\$ 2.190, (DP 2.308,175, N=72). Observem que houve muitas respostas omissas neste quesito, conforme os Ns apresentados.

Para visualizar distribuição mais detalhada desta renda, vide a tabela a seguir.

Tabela 1. Distribuição da renda por sexo:

Categoria	Mulheres	Homens
Sem renda	23,5%	2,8%
I a 2 salários-mínimos	34,6%	40,4%
3 a 4 salários-mínimos	28,5%	34,9%
5 a 10 salários-mínimos	9,8%	15,4%
20 ou mais salários-mínimos	3,6%	6,5%
N	85	72

O nível socioeconômico das mulheres, de acordo com a escala Hollinshead, foi $M= 36,10$ ($DP = 20,473$), o dos homens foi $M= 32,17$ ($DP = 21,453$).

Religião:

95% dos homens e das mulheres entrevistados declararam-se religiosos, somente 1% declararam-se ateus e 4% não responderam. As especificidades desta categoria estão descritas na tabela a seguir:

Tabela 2. Distribuição da religião de acordo com o sexo:

Categoria	Mulheres	Homens
Espírita	9%	9%
Católica	63%	64%
Evangélica	19%	19%
Sem religião	4%	4%
Ateu	1%	1%
Não respondeu	4%	4%
N	96	96

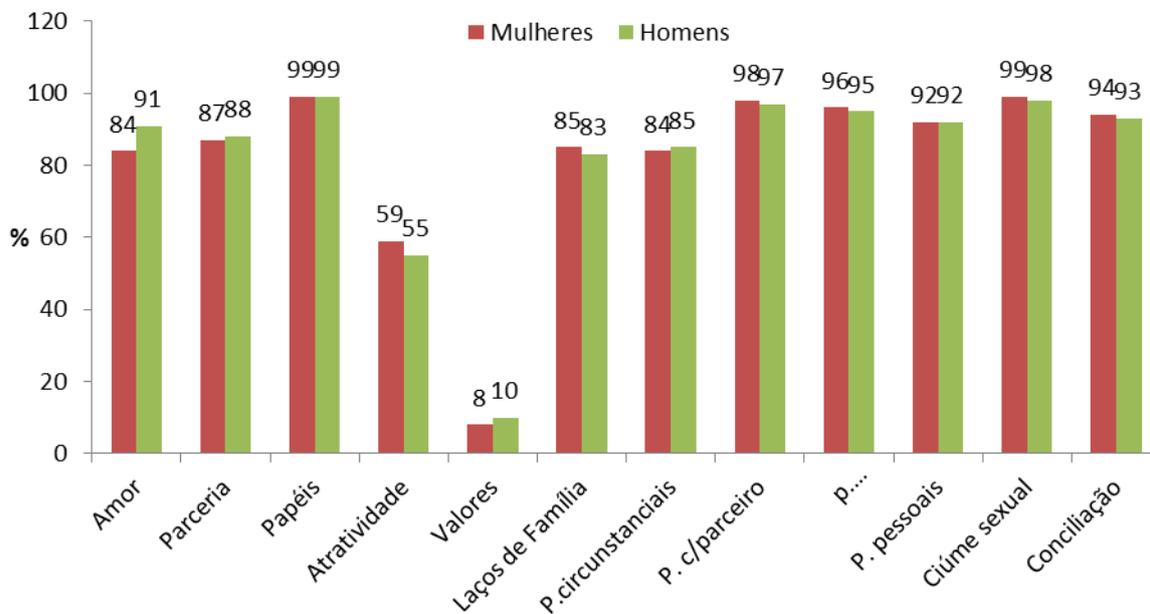
1.2. Descrição dos índices de satisfação nas escalas, conforme o sexo dos participantes:

1.2.1. Índices das diferenças na satisfação conjugal, conforme o sexo dos participantes:

Nesta pesquisa, obtivemos os seguintes índices das diferenças sexuais na satisfação conjugal dos participantes, que podem ser visualizados na Figura 1 abaixo e posteriormente detalhados.

Nesta Figura, agrupamos os escores dos participantes muito satisfeitos com os medianamente satisfeitos, ressaltando que estes escores foram detalhados na tabela 5.

Figura 1. Escores da satisfação dos participantes nas escalas conforme o sexo:



Como podemos observar na Figura 1, a maior parte da amostra das mulheres e homens concentrou-se na escala de papéis, seguidas pelas escalas de ciúme sexual e de problemas com o parceiro. Entretanto, esta concentração nestas escalas não reflete a pontuação bruta obtidas pelos participantes nas referidas escalas. Vejamos as pontuação brutas dos respondentes, na Tabela 5, a seguir:

Tabela 3. Escores brutos da satisfação dos participantes nas escalas:

Escala	Mulheres		Homens	
	Percentis de satisfação	Média de pontos	Percentis de satisfação	Média de pontos
Parceria	88% med satisfeitas 12% insatisfeitas	2,76 (DP= 0, 653)	3% mto satisfeitos 84% med. satisfeitos 13% insatisfeitos	2,808(DP= 0, 686)
Papéis	1% muito satisfeitas 98% med satisfeitas 1% insatisfeitas	3,00 (DP= 0, 284)	1% mto satisfeitos 98% med. satisfeitos 1% insatisfeitos	3,00 (DP= 0, 284)
Amor	84% med satisfeitas 16% insatisfeitas	2,68 (DP= 0, 737)	3% mto satisfeitos 88% med satisfeitos 9% insatisfeitos	2,80 (DP= 0, 686)
Problemas c/parceiro	8% mto satisfeitas 90% med satisfeitas 2% insatisfeitas	3,12 (DP= 0, 624)	8% mto satisfeitos 89% med satisfeitos 3% insatisfeitos	3,10 (DP= 0, 659)

Valores	92% insatisfeitas 8% med.satisfeitas	1,16 (DP= 0, 545)	90% insatisfeitos 10% med.satisfeitos	1,20 (DP= 0,603)
Laços de Família	85% med satisfeitas 15% insatisfeitas	2,70 (DP= 0, 718)	83% med satisfeitos 17% insatisfeitos	2,66 (DP= 0,755)
Problemas circunstanciais	84% med satisfeitas 16% insatisfeitas	2,68 (DP= 0, 737)	85% med satisfeitos 15% insatisfeitos	2,70 (DP= 0,718)
Atratividade	59% med satisfeitas 41% insatisfeitas	2,18 (DP= 0, 989)	55% med satisfeitos 45% insatisfeitos	2,10 (DP= 1,00)
Ciúme sexual (1ª maior pontuação)	25% mto satisfeitas 74% med satisfeitas 1% insatisfeitas	3,48 (DP= 0, 904)	25% mto satisfeitos 73% med satisfeitos 1% insatisfeitos	3,50 (DP= 0, 916)
Conciliação (2ª maior pontuação)	30% mto satisfeitas 64% med satisfeitas 6% insatisfeitas	3,48 (DP= 1,105)	28% mto satisfeitos 65% med satisfeitos 7% insatisfeitos	3,42 (DP= 1,112)
Problemas c/ relacionamento (3ª maior pontuação)	10% mto satisfeitas 86,5% med satisfeitas 4,5% insatisfeitas	3,10 (DP= 0, 772)	10% mto satisfeitos 85% med satisfeitos 5% insatisfeitos	3,10 (DP= 0, 772)
Problemas pessoais	6% mto satisfeitas 86% med satisfeitas 8% insatisfeitas	2,96 (DP= 0, 751)	6% mto satisfeitos 86% med satisfeitos 8% insatisfeitos	2,96 (DP= 0, 751)

As maiores pontuações brutas obtidas ocorreram nas escalas de **ciúme, conciliação e de problemas com o relacionamento**, tanto para homens quanto para as mulheres. A similaridade na percepção da satisfação conjugal entre eles ocorre tanto entre os respondentes que se perceberam como muito satisfeitos, como entre os medianamente satisfeitos e entre os que se percebem como insatisfeitos no relacionamento.

Além das similaridades na percepção da satisfação acima relatada, podemos observar na tabela 6, considerando o nível de significância $p < 0,005$, que nenhuma diferença estatisticamente significativa foi encontrada entre as respostas dos homens e das mulheres às escalas de satisfação.

Tabela 4. Descrição dos níveis de significância estatística entre os sexos nas respostas às escalas de satisfação:

Escala	Valor de t e r	P
Amor	$t_{198} = -1,119, r = 0,079$	0,264.
Parceria	$t_{198} = -1,267, r = 0,0896$	0,207
Ciúme sexual	$t_{198} = -0,155, r = 0,011$	0,877.
Papéis	$t_{198} = 0,000, r = 0$	1,00.
Problemas com o relacionamento	$t_{198} = 0,000, r = 0$	1,00.
Problemas pessoais	$t_{198} = 0,000, r = 0,040$	1,00.
Atratividade	$t_{198} = 0,569, r = 0,040$	0,570
Valores	$t_{198} = -0,492, r = 0,034$	0,623

Laços de Família	$t_{198} = 0,384, r = 0,027$	0,701.
Problemas circunstanciais	$t_{198} = -0,194, r = 0,013$	0,846
Problemas com o parceiro	$t_{198} = 0,220, r = 0,0156$	0,826
Conciliação	$t_{198} = 0,383, r = 0,027$	0,702.

De acordo com os testes de correlação de Spearman, comparando as escalas das mulheres com as escalas dos homens, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 5. Coeficientes de correlação de Spearman, p-valores e variação explicada entre as escalas de homens e mulheres.

Escala	Rho	p	r²	Correlação
Parceria	0,574	0,001	0,329	Positiva e moderada (32%)
Papéis	0,500	0,001	0,250	Positiva e moderada (25%)
Amor	0,673	0,001	0,452	Positiva e moderada (42%)
Problemas c/parceiro	0,754	0,001	0,568	Positiva e forte (56%)
Valores	0,885	0,001	0,783	Positiva e forte (78%)
Laços de Família	0,854	0,001	0,729	Positiva e forte (72%)
Problemas circunstanciais	0,963	0,001	0,927	Positiva e forte (92%)
Atratividade	0,922	0,001	0,850	Positiva e forte (85%)
Ciúme sexual	0,925	0,001	0,855	Positiva e forte (85%)
Conciliação	0,925	0,001	0,855	Positiva e forte (85%)
Problemas c/ relacionamento	1,000	0,001	1,000	Perfeita (100%)
Problemas pessoais	1,000	0,001	1,000	Perfeita (100%)

Como podemos observar na Tabela 7, houve correlação positiva e moderada entre as escala de parcerias e a escala de papéis dos homens e das mulheres, assim como podemos observar entre os mesmos, a correlação positiva e moderada entre a escala do amor.

Podemos observar entre as escalas de homens e mulheres, correlações positivas e fortes na atratividade, valores, laços de família, problemas com o parceiro, problemas circunstanciais, ciúme sexual e conciliação.

Houve correlações perfeitas entre suas escalas de problemas com o relacionamento e problemas pessoais. Deste modo, podemos afirmar que quanto maior a pontuação na escala das esposas, maior a pontuação na escala dos maridos, considerando os percentuais indicados na quarta coluna da tabela indicada.

Os valores de r^2 observados entre as escalas dos homens e das mulheres indicam que elas têm influencia direta umas sobre as outras, sendo pouco provável a interferência de outras variáveis nestas respostas. Isto indica que os parceiros apresentam percepções muito semelhantes e têm concordância entre si na percepção da satisfação com o relacionamento.

Discussão:

Neste estudo, buscamos identificar de que forma homens e mulheres avaliaram a satisfação em seu relacionamento conjugal. Os resultados indicaram que a maioria deles avaliou seu relacionamento como satisfatório e então podemos considerar a satisfação bom preditor para a estabilidade no relacionamento, conforme proposto por Buss (2000, 2007), Karney e Brandbury (1995) e Lucas e cols, (2008).

Identificamos neste trabalho, considerando-se os índices de satisfação obtidos nas escalas, homens e mulheres partilharam muitas semelhanças/similaridades na forma de avaliar a satisfação com o relacionamento, tendo, os homens em geral, obtido níveis ligeiramente mais altos de satisfação que as mulheres, conforme pressuposto por Perlin e Diniz (2005) e Possatti e Dias (2002).

De maneira global, tanto os homens quanto as mulheres avaliaram o *ciúme sexual, a conciliação e problemas com o relacionamento* como os fatores mais importantes para a satisfação, visto que estes alcançaram as maiores pontuações brutas.

Os 99% de satisfação na escala do **ciúme sexual** das mulheres foram muito próximos dos 98% de satisfação dos homens, o que indica preocupação dos cônjuges com a fidelidade do parceiro. Esta avaliação individual dos participantes coincidiu com a avaliação dos casais, que também apontaram o ciúme como a maior fonte de satisfação em seus relacionamentos conjugais.

É possível que este resultado esteja relacionado ao próprio tempo de relacionamento como também à idade dos cônjuges participantes, consideradas as

preferências dos homens por mulheres mais jovens, detectada na amostra. Isto explicaria em termos evolucionários o ciúme das mulheres, como também explicaria o ciúme dos homens, considerando que ambos poderia buscar parceiros melhores que os atuais, em termos educacionais ou até mesmo financeiros.

O mecanismo do ciúme atua na utilização de táticas de guarda ou retenção do parceiro no relacionamento, como parte das funções do amor romântico, no intuito de promover a fidelidade sexual do parceiro (Shackelford, Goetz e Buss, 2005)

De modo similar, os 94% de satisfação com a **escala de conciliação** das mulheres foram muito próximos dos 93% de satisfação dos homens na mesma escala, que ocupou a segunda maior pontuação. Isto indica que os mesmos estão satisfeitos quanto ao nível de assertividade ou submissão dos cônjuges no contexto do relacionamento, ao qual podemos atribuir uma possível intimidade comunicativa e boa comunicação entre eles, afetando positivamente a satisfação dos casais, conforme pesquisas de Hernandez e Oliveira (2003) e Norgren e cols (2004).

A similaridade entre homens e mulheres se repetiu nos índices obtidos na escala de **problemas com o relacionamento**, que ocupou a terceira maior pontuação, resultando nos percentis de 96,5% para as mulheres e 95% para os homens. Concluimos que ambos estão satisfeitos com o nível de comprometimento do cônjuge com o relacionamento, somada à correlação perfeita que houve entre as escalas masculinas e femininas deste fator, podemos considerar estes resultados como bom preditor para a estabilidade do casamento.

Considerando a segurança que ambos experimentam com o comprometimento do cônjuge e que os índices de satisfação dos participantes em grande parte da amostra tenham sido medianos, podemos supor que a relação de apego estaria bem estabelecida entre ambos, possivelmente regulando o afeto entre eles, conforme proposição de Secult, Zayas & Hazan (2010), sendo necessários estudos posteriores para aprofundar esta discussão a respeito do apego.

Lembrando que o apego e o cuidado, assim como o ciúme sexual são alguns dos componentes principais do amor romântico, segundo Hazan & Shaver (1994), Feeney (1999), Feeney & Noller (1992).

Embora a escala de amor romântico não tenha sido apontada entre as três mais importantes escalas para a satisfação, podemos inferir a importância do amor e do apego, quando atrelamos os resultados do ciúme sexual ao resultado dos problemas com o relacionamento, pois os mesmos são sinalizadores do nível de comprometimento dos

cônjuges com o relacionamento e da preocupação em afastar rivais, evitando a deserção de um parceiro que considera valioso. Esta proposição reforçada pelo fato de a escala do amor também não ter recebido as piores pontuações e/ou não foi apontada como fator de insatisfação neste estudo. Segundo Buss (2000), o ciúme e o amor seriam paixões entrelaçadas.

Procuramos investigar se haveriam diferenças na satisfação conjugal entre homens e mulheres, considerando aspectos sociodemográficos como a faixa etária, a renda e escolaridade. Encontramos que, no aspecto da faixa etária, os homens são ligeiramente mais velhos que suas esposas, o que corrobora os pressupostos de Buss & Schmitt (1993), Buss, Shackelford & Leblanc (2000), Li & Kenrick (2006) e Miner & Shackelford (2010) sobre a preferência destes por mulheres mais jovens para estabelecimento de parceiras de longo prazo. Também foi encontrada a preferência das mulheres por parceiros com boas perspectivas financeiras, pois os homens tiveram renda superior às de suas mulheres.

É importante considerar que embora o nível socioeconômico das mulheres tenha sido ligeiramente maior que o dos homens, estes obtiveram os maiores índices de atividade laboral remunerada e seus rendimentos foram superiores aos das mulheres em suas atividades profissionais. O que contribuiu significativamente para aumentar este nível socioeconômico das mulheres foi a escolaridade das mesmas, que foi maior que o dos homens, tanto no ensino médio quanto no ensino superior

Isso talvez se deva ao fato de mulheres ainda sejam mal pagas no nosso país, assim como ao fato de a entrada maciça das mesmas no mercado de trabalho seja um fenômeno relativamente recente e ainda marcado por fortes contrastes, que se refletem tanto nos baixos salários pagos, quanto no fato de os cargos de alto poder ainda serem ocupados em sua grande maioria pelos homens.

Concluimos que as pequenas diferenças encontradas nas características sociodemográficas (como a renda e a escolaridade) entre os sexos estão de acordo com os pressupostos teóricos da Psicologia Evolucionista a respeito da evolução dos diferentes mecanismos de seleção de parceiros para homens e mulheres.

Estes mecanismos, especialmente o ciúme e o amor, ainda estariam influenciando o comportamento sexual e amoroso dos homens e mulheres paraenses, assim como podem ter favorecido nossos ancestrais, em nosso passado evolucionário.

Ainda que tenhamos encontrado pequenas diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos, estas foram bastante diluídas entre as escalas e não

afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento, apoiando os achados de Jablonski (2010).

Talvez, estejamos caminhando para uma sociedade com maior equidade, apesar das diferenças, com apoio da educação, que possivelmente tenha contribuído para a formação destes homens e mulheres que participaram deste estudo, e que possivelmente repassarão estes valores para as novas gerações.

Referências:

- Bartels, A. & Zecki, S. (2000) The neural basis of romantic love. *Neuroreport* 11, 1-6
- Brito, R. C. S., Silva, M. D., Jr., & Henriques, A. L. (2009). Critérios de escolha de parceria amorosa em mulheres climatéricas e menopausadas. *Revista do Nufen*, vol. 1, nº 2, pp. 55 – 74.
- Buss, D.M. & Schmitt, D.P.(1993). Sexual Strategies Theory: An evolutionary Perspective on Human Mating. *Psychological Review*, 100 (2), 204-232.
- Buss, D.M. (1989). Sex differences in human mating preferences: evolutionary hypothesis tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*.12,1-49
- Buss, D.M. (2000). A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo, tradução Myriam Campelo, Objetiva. 3ª Ed. Tradução de The Dangerous Passion.
- Buss, D.M. (2006). Strategies of human mating. *Psychological Topics*, 15 (2), 239-260
- Buss, D.M. (2007). The evolution of human mating. *Acta Psychologica Sinica*, 39 (3), 502-512.
- Buss, D.M., Shackelford, T.K. & Leblanc, G.J. (2000). Number of children desired and preferred spousal age difference: context-specific mate preference patterns across 37 cultures. *Evolution and Human Behavior*, 21, 323-331
- Bussab, V. S. R. (2000). Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: A adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), 233-243.
- Carter, C.S (1998). Neuroendocrine perspectives on social attachment and love. *Psychoneuroendocrinology*, 23, 8, 779-818. Elsevier Science Ltd.
- Cruz, M. M. S. (2009). *Relações de fertilidade feminina com a escolha de parceiros*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Daly, M. & Wilson, M. (1996). Evolutionary Psychology and Marital Conflict: The Relevance of Stepchildren. In D.M. Buss & N. Malamuth (Eds.), *Sex, power, conflict: feminist and evolutionary perspectives*. New York: Oxford University

Press, pp 9-28.

- Diamond, L. M. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological Review*, 110, 173-192.
- Feeney, A. J. (1999). Adult attachment, emotional control and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185. Printed in USA.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1992). Attachment style and romantic love: relationship dissolution. *Australian Journal of Psychology*, 44, 69-74.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1990). Attachment style as predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 2, 281-291
- Fisher, H. (1995). Anatomia do amor: a história natural da monogamia do adultério e do divórcio/ Helen E. Fisher; tradução, Magda Lopes, Maria Carbajal.- Rio de Janeiro: Eureka. Tradução de Anatomy of Love: the natural history of monogamy, adultery and divorce.
- Fisher, H. (1998). Lust, attraction and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature* 9, 23-52
- Fisher, H. (2000). Lust, attraction, attachment: biology and evolution of the three primary emotions systems for mating, reproduction and parenting. *Journal of Sexual Education and Therapy*, 25, 1, Printed in USA.
- Fisher, H. (2004). Why we love: the nature and chemistry of romantic love. New York: Henry Holt and Company.
- Fisher, H., Aron, A., Mashek, D., Li, H., Strong, G., & Brown, L. (2002). The neural mechanisms of mate choice: a hypothesis. *Neuroendocrinology Letters Special Issue*, 23 (suppl 4), 92-97. december
- _____ Defining the brain systems of lust, romantic attraction and attachment. *Archives of sexual behavior*, 31, 5, 413-419. October.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1 – 22.
- Hazan, C. & Zeifman, D. (1999) Pair-bonds as attachments: Evaluating the evidence. Cassidy J., Shaver P.R. (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (pp.336–354). New York: Guilford.

- Hernandes, J.A.E. & Oliveira, I.M.B (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21 (3), 58-69
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2010, 30 (2) 262-275
- Karney, B., R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research *Psychological Bulletin*, 118(1), 3- 34.
- Kaighobadi, F., Shackelford, T.K. & Buss,D.M. (2009). Spouse mate retention in the newlywed year and three years later . *Personality and Individual Differences*, 48, 414-418.
- Li, N.P., & Kenrick, D.T. (2006). Sex similarities and differences in preferences for short-term mates: What, whether and why. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 468-489.
- Miner, E.J. & Shackelford, T.K. (2010). Mate, attraction, retention and expulsion. *Psicothema*. 22 (1), 9-14.
- Mosmann, C., Wagner A., & Féres-Carneiro, T. (2007). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 2006, 16(35), 315-325
- Norgren, M.B.P., Souza, R.M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S.A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 17(2), 575-584.)
- Perlin, G.dal B. (2006). Casamento contemporâneo: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal (Tese de Doutorado). Brasília, Distrito Federal. Universidade de Brasília.
- Perlin, G.dal B. & Diniz,(2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clinica*, 17 (2), 15-29.
- Possati, I.C. & Dias, M. R. (2002). A multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem estar psicologia. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 15 (2), 293-301
- Sadala, K. Y. (2005). *Estudo dos critérios de eleição de parceria amorosa em mulheres de 40 a 60 anos de idade*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Saxbe, D. E., Repetti, R. L., & Nishina, A. (2008). Marital satisfaction, recovery from work, and diurnal cortisol among men and women. *Health Psychology*, 27, 15 –25.
- Selcuk, E.,Zayas, V. & Hazan, C. (2010). Beyond satisfaction: the role of attachment on marital functioning. *Journal of Family Theory & Review* 2, 258-279.

Shackelford, T. K., Schmitt, D.P. & Buss, D. M. (2005). Mate preferences of married persons in the newlywed year and three years later. *Cognition and Emotion*, 19(8), 1262-1270

Young, L.J., Wang, Z. & Insel, T.R.(1998). Neuroendocrine basis of monogamy. *Trends Neurosci*, 21, 71-75

Discussão Geral:

Neste estudo, buscamos identificar de que forma os casais paraenses avaliam a qualidade de seus relacionamentos amorosos atuais.

Esta avaliação, dada a multidimensionalidade dos fatores envolvidos na satisfação conjugal foi obtida a partir de três perspectivas. Isto só foi possível graças ao instrumento utilizado para medir a satisfação, pela Escala MARQ, utilizado de forma inédita na população brasileira.

Os resultados indicaram que a maioria dos casais avaliou seu relacionamento como satisfatório e indicam que a satisfação pode ser um bom preditor para a estabilidade no relacionamento.

Buscamos também identificar quais seriam os fatores mais importantes para esta satisfação no relacionamento.

Enquanto casais, os fatores apontados como mais importantes foram o **ciúme, parceria e amor**. Isto sugere que os mesmos estão seguros quanto à fidelidade de seus parceiros, que estão bastante envolvidos emocional e amorosamente com seus cônjuges e que há partilha mútua de sentimentos, respeito e boa comunicação entre si, em consonância com a proposta de Norgren e cols (2004) de que a satisfação aumenta quando existe proximidade emocional e parceria entre os cônjuges como também indica que os cônjuges avaliam seus atuais relacionamentos como mais benéficos que custosos.

Os índices obtidos na escala de ciúme sexual, escala com a maior pontuação bruta dos cônjuges, indicam a satisfação dos cônjuges com a fidelidade de seus parceiros. Reforça a proposição de Buss (2000, 2007) de que a satisfação dos casais é resultante do monitoramento contínuo dos custos e benefícios com o relacionamento realizado pelos cônjuges, caso contrário estes índices poderiam ser mais baixos.

Os índices de satisfação obtidos na escala da parceria e do amor, que ocuparam o segundo e o terceiro lugar dentre os demais índices, corroboram os achados de Lucas e cols (2008) e fortalecem a hipótese de que ambos sejam componentes filogeneticamente evoluídos da satisfação conjugal, pois seriam culturalmente homogêneos ao redor do mundo, independentemente do país, da cultura e de quaisquer outras variáveis.

Procuramos identificar se, analisadas individualmente, haveriam diferenças na percepções da satisfação de **homens e mulheres** (individualmente) com seu relacionamento conjugal. Ainda que tenham sido detectadas pequenas diferenças, homens e mulheres partilharam muitas semelhanças/similaridades na forma de avaliar a

satisfação com o relacionamento, tendo, os homens em geral, obtido níveis ligeiramente mais altos de satisfação que as mulheres, conforme pressuposto por Perlin e Diniz (2005) e Possatti e Dias (2002).

De maneira global, tanto os homens quanto as mulheres avaliaram o *ciúme sexual, a conciliação e problemas com o relacionamento* como as mais importantes para a satisfação, visto que estas alcançaram as maiores pontuações.

Os 99% de satisfação na escala do **ciúme sexual** das mulheres foram muito próximos dos 98% de satisfação dos homens, o que indica preocupação dos cônjuges com a fidelidade do parceiro. Esta avaliação individual dos participantes coincidiu com a avaliação dos casais, que também avaliaram o ciúme como a maior fonte de satisfação em seus relacionamentos conjugais.

É possível que este resultado esteja relacionado ao próprio tempo de relacionamento como também à idade dos cônjuges participantes, consideradas as preferências dos homens por mulheres mais jovens, detectada na amostra.

Isto explicaria em termos evolucionários o ciúme das mulheres, como também explicaria o ciúme dos homens, considerando que ambos poderia buscar parceiros melhores que os atuais, em termos educacionais ou até mesmo financeiros.

O mecanismo do ciúme atua na utilização de táticas de guarda ou retenção do parceiro no relacionamento, como parte das funções do amor romântico, no intuito de promover a fidelidade sexual do parceiro (Shackelford, Goetz e Buss, 2005).

Entretanto, é provável que os casais tivessem um nível maior de satisfação se não estivessem tão preocupados em proteger o relacionamento de rivais, considerando a possibilidade de os mesmos vivenciarem situações de risco, ainda que todos tenham negado a existência de relacionamentos extra-conjugais, uma das questões da Escala MARQ. Além disso, a existência de filhos, a própria idade dos cônjuges (especialmente as mulheres, próximas do final do período reprodutivo), assim como o tempo e os recursos investidos no relacionamento seriam fatores que poderiam explicar esta pontuação atribuída ao ciúme.

Investigamos ainda o efeito se os casais mais similares ou homogâmicos estariam mais satisfeitos com o relacionamento. Os resultados obtidos apontaram que sim.

Além das similaridades na percepção dos cônjuges sobre o relacionamento conjugal, também identificamos a homogamia em características socioedemográficas

discutidas no capítulo. É importante considerar que pequenas diferenças entre eles foram detectadas, porém em índices bastante reduzidos.

Todavia, não pudemos comprovar a suposição de que haveria aumento da similaridade dos casais no decorrer do tempo (convergência), segundo proposição de Wilson e Cousins (2003), pois seria necessária a realização de estudo longitudinal para testar tal hipótese, o que não seria possível dado o anonimato dos participantes deste estudo.

Considerando a segurança que ambos experimentam com o comprometimento do cônjuge e que os índices de satisfação dos participantes em grande parte da amostra tenham sido medianos, podemos supor que a relação de apego estaria bem estabelecida entre ambos, possivelmente regulando o afeto entre eles, conforme proposição de Secult, Zayas & Hazan (2010), sendo necessários estudos posteriores para aprofundar esta discussão a respeito do apego.

Lembrando que o apego e o cuidado, assim como o ciúme sexual são alguns dos componentes principais do amor romântico, segundo Hazan & Shaver (1994), Feeney (1999), Feeney & Noller (1992).

Embora a escala de amor romântico não tenha sido apontada entre as três mais importantes escalas para a satisfação, podemos inferir a importância do amor e do apego enquanto sistemas neurais importantes e em pleno funcionamento quando atrelamos o resultado do ciúme sexual e ao de problemas com o relacionamento, pois os mesmos são sinalizadores do nível de comprometimento dos cônjuges com o relacionamento e da preocupação em afastar rivais, evitando a deserção de um parceiro que considera valioso. Segundo Buss (2000), o ciúme e o amor seriam paixões entrelaçadas.

Procuramos investigar se haveriam diferenças na satisfação conjugal entre **homens e mulheres**, considerando aspectos sociodemográficos como a faixa etária, a renda e escolaridade.

Encontramos que, no aspecto da faixa etária, os homens são ligeiramente mais velhos que suas esposas, o que corrobora os pressupostos de Buss & Schmitt (1993), Buss, Shackelford & Leblanc (2000), Li & Kenrick (2006) e Miner & Shackelford (2010) sobre a preferência destes por mulheres mais jovens para estabelecimento de parceiras de longo prazo. Também foi encontrada a preferência das mulheres por parceiros com boas perspectivas financeiras, pois os homens tiveram renda superior às de suas mulheres.

É importante considerar que embora o nível socioeconômico das mulheres tenha sido ligeiramente maior que o dos homens, estes obtiveram os maiores índices de atividade laboral remunerada e seus rendimentos foram superiores aos das mulheres em suas atividades profissionais. O que contribuiu significativamente para aumentar este nível socioeconômico das mulheres foi a escolaridade das mesmas, que foi maior que o dos homens, tanto no ensino médio quanto no ensino superior

Isso talvez se deva ao fato de mulheres ainda sejam mal pagas no nosso país, assim como ao fato de a entrada maciça das mesmas no mercado de trabalho seja um fenômeno relativamente recente e ainda marcado por fortes contrastes, que se refletem tanto nos baixos salários pagos, quanto no fato de os cargos de alto poder ainda serem ocupados em sua grande maioria pelos homens.

Ainda que tenhamos encontrado pequenas diferenças na avaliação do relacionamento entre sexos, estas foram bastante diluídas entre as escalas e não afetaram significativamente a satisfação de ambos com o relacionamento, apoiando os achados de Jablonski (2010). Talvez, estejamos caminhando para uma sociedade com maior equidade, apesar das diferenças, com apoio da educação, que possivelmente tenha contribuído para a formação destes homens e mulheres que participaram deste estudo, e que possivelmente repassarão estes valores para as novas gerações.

Ainda que milhares de anos tenham decorrido entre a seleção dos mecanismos já citados, assim como do monitoramento dos custos e benefícios de um relacionamento amoroso/ conjugal, que resulta na satisfação, os mesmos continuam atuando nosso comportamento na contemporaneidade, tanto na China, quanto no estado do Pará.

Homens e mulheres cuidam dos seus relacionamentos e mantêm-se unidos por mecanismos impressos em nossa filogênese, ainda que sejamos influenciados por nossas circunstanciais ambientais e/ou culturais.

Referências:

- Ahlborg, T., Misvaer, N. & Möller, A.(2009). Perception of marital quality with small children: a follow-up study when the firstborn is 4 years old. *Journal of Family Nursing*, 15, 2, 237-263.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C , Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Barbosa, D. R.(2008). Império do amor romântico: diferenças culturais e sexuais entre casais de noivos no Brasil e na Itália. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia.Universidade de São Paulo.
- Bartels, A. & Zecki, S. (2000) The neural basis of romantic love. *Neuroreport* 11, 1-6.
- Bereckzei, T. & Csanaky, A.(1996): Mate choice, marital success and reproduction in a modern society, *Ethology and Sociobiology*, 17, 17-35
- Bereckzei, T.; Gyuris, P., Koves, P. & Bernath, L.(2001): Homogamy. Geneticsimilarity and imprinting: parental influence on mate choice preferences. *Personality and Individual Differences*, 33, 677-690
- Bereckzei, T.; Gyuris, P.; Weisfeld, G.E.(2004). Sexual imprinting in human choice. *The Royal Society. B*, 271, 1129-1134
- Bowlby (1989). Uma base segura. Aplicações clínicas da Teoria do Apego.Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Brito, R. C. S., Silva, M. D., Jr., & Henriques, A. L. (2009). Critérios de escolha de parceria amorosa em mulheres climatéricas e menopausadas. *Revista do Nufen*, vol. 1, nº 2, pp. 55 – 74.
- Buss, D.M. (1989). Sex differences in human mating preferences: evolutionary hypothesis tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*.12,1-49
- Buss, D.M. (2000). A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo, tradução Myriam Campelo, Objetiva. 3ª Ed. Tradução de The Dangerous Passion.
- Buss, D.M. (2006). Strategies of human mating. *Psychological Topics*, 15 (2), 239-260
- Buss, D.M. (2007). The evolution of human mating. *Acta Psychologica Sinica*, 39 (3), 502-512.
- Buss,D.M.& Haselton, M.H. (2005). The evolution of jealousy. *Trends in Cognitive Sciences*, vol 9, nº 11, November 2005.

- Buss, D.M. & Schmitt, D.P.(1993). Sexual Strategies Theory: An evolutionary Perspective on Human Mating. *Psychological Review*, 100 (2), 204-232.
- Buss, D.M., Shackelford,T.K. & Leblanc, G.J. (2000).Number of children desired and preferred spousal age difference: context-especific mate preference patterns across 37 cultures. *Evolution and Human Behavior* , 21, 323-331
- Bussab, V. S. R., & Ribeiro, F. L. (1998/2002). Biologicamente cultural. Em: L. Souza, M. F. Q. Silva, & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia - Reflexões (im)pertinentes* pp.175-194. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bussab, V. S. R. (2000). Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: A adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), 233-243.
- Carter, C.S (1992).Oxytocin and sexual behavior. *Neuroscience and Biobehavior Reviews* 16, 131-144.
- Carter, C.S (1998).Neuroendocrine perspectives on social attachment and love. *Psychoneuroendocrinology*, 23, 8, 779-818. Elsevier Science Ltd.
- Cassep-Borges, V. (2010). Amor e construtos relacionados: evidências da validade de instrumentos de medida no Brasil (Tese de Doutorado). Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília.
- Cruz, M. M. S. (2009). *Relações de fertilidade feminina com a escolha de parceiros*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Daly, M. & Wilson, M. (1996). Evolutionary Psychology and Marital Conflict: The Relevance of Stepchildren. In D.M. Buss & N. Malamuth (Eds.), *Sex, power, conflict: feminist and evolutionary perspectives*. New York: Oxford University Press, pp 9-28.
- Diamond, L. M. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological Review*, 110, 173-192.
- Dion, K.L., & Dion, K.K. (1993). Individualistic and collectivistic perspectives on gender and the cultural context of love and intimacy. *Journal of Social Issues*, 49, 5-69.
- Epstein, E. & Guttman, R.(1985). Mate selection in man: evidence, theory and outcome. *Social Biology*, 31, 351-361.
- Eysenck, H.J. & Barrett, P. (1985). A revised version of the psychoticism scale.

- Personality and Individual Differences*, 6, 21-29.
- Feingold, A. (1992). Gender differences in mate selection preferences: a test of the parental investment model. *Psychological Bulletin*.
- Feeney, A. J. (1999). Adult attachment, emotional control and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185. Printed in USA.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1992). Attachment style and romantic love: relationship dissolution. *Australian Journal of Psychology*, 44, 69-74.
- Feeney, J. A. & Noller, P. (1990). Attachment style as predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 2, 281-291
- Fisher, H. (1995). Anatomia do amor: a história natural da monogamia do adultério e do divórcio/ Helen E. Fisher; tradução, Magda Lopes, Maria Carbajal.- Rio de Janeiro: Eureka. Tradução de Anatomy of Love: the natural history of monogamy, adultery and divorce.
- Fisher, H. (1998). Lust, attraction and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature* 9, 23-52
- Fisher, H. (2000). Lust, attraction, attachment: biology and evolution of the three primary emotions systems for mating, reproduction and parenting. *Journal of Sexual Education and Therapy*, 25, 1, Printed in USA.
- Fisher, H. (2004). Why we love: the nature and chemistry of romantic love. New York: Henry Holt and Company.
- Fisher, H., Aron, A., Mashek, D., Li, H., Strong, G., & Brown, L. (2002). The neural mechanisms of mate choice: a hypothesis. *Neuroendocrinology Letters Special Issue*, 23 (suppl 4), 92-97. december
- _____ Defining the brain systems of lust, romantic attraction and attachment. *Archives of sexual behavior*, 31, 5, 413-419. October.
- Geary, D. C. (2000). Evolution and proximate expression of human paternal investment. *Psychological Bulletin*, 126, 55-77.
- Gouin, J.P (2009). Marital quality and plasma levels of oxytocin and vasopressin. Dissertação de mestrado. The Ohio State University.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1 - 22.

- Hazan, C. & Zeifman, D. (1999) Pair-bonds as attachments: Evaluating the evidence. Cassidy J., Shaver P.R. (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (pp.336–354). New York: Guilford.
- Hazan, C., Campa, M., & Gur-Yaish, N. (2004). What does it mean to be attached? In W. S. Rholes, & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 55–85). New York: Guilford Publications.
- Hernandes, J.A.E. & Oliveira, I.M.B (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21 (3), 58-69
- Hollinshead, A.B (1975). Unpublished working paper. Department of Sociology. Yale University. New Havens CT.
- Imamoglu, E.O. & Yasak, Y. (1997). Dimensions of marital relationships perceived by Turkish husbands and wives. *Genetic, Social and General Psychology Monographs*, 123 (2) 211-232.
- Insel, T. R. (2000). Toward a neurobiology of attachment. *Review of General Psychology*, 4, 176-185.
- Insel, T. R. & Young, L.J. (2001). The neurobiology of attachment. *Nature Review*, 2, 129-136.
- Jankowiak, W.R. & Fischer, E.F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31, 2, 149.
- Kaighobady, Shackelford e Buss (2009).
- Karney, B., R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research *Psychological Bulletin*, 118(1), 3-34.
- Kirkpatrick, L. A. (1998). Evolution, pair-bonding and reproductive strategies: A reconceptualization of adult attachment. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*, 353-393. New York: Guilford Press.
- Kurdek, L. A. (1999). The nature and predictors of the trajectory of change in marital quality for husbands and wives over the first 10 years of marriage. *Developmental Psychology*, 35, 1283-1296
- Lalonde, R. N., Hynie, M., Pannu, M., & Tatla, S. (2004). The role of culture in interpersonal relationships: Do second generation South Asian Canadians want a traditional partner? *Journal of Cross Cultural Psychology*, 35, 503-524
- Lewin, R. (1999). *Evolução humana*. (D. Munford, Trad.). São Paulo: Atheneu.
- Li, N.P., & Kenrick, D.T. (2006). Sex similarities and differences in preferences

- for short-term mates: What, whether and why. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 468-489.
- Litcher, D.T. & Carmall, J.H. (2008). XXX Social Science Research, 38 (2009), 168-187
- Lucas, T., Parkhill, M.R., Wendorf, C.A., Imamoglu, E.O., Weisfeld, C.C., Weisfeld, G.E. & Shen, J.: C (2008). Cultural and evolutionary components of marital satisfaction: a multidimensional assessment of measurement invariance. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 39, 109.
- Marazziti, D. Akiskal, H. S., Rossi, A., Cassano, G. B., (1999). Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. *Psychosomatic Medicine*, 29, 741-745.
- Marazziti, D & Canale, D. (2004). Hormonal changes when falling in love. *Psychoneuroendocrinology*, 29, 931-936.
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: do various love scale measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45 (1), 25-37
- Miner, E.J. & Shackelford, T.K. (2010). Mate, attraction, retention and expulsion. *Psicothema*. 22 (1), 9-14.
- Moinhos MVdC, Lordelo EdR, Moura MLSd (2007). Metas de socialização de mães baianas de diferentes. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*; 17(1):114-125.
- Mosmann, C., Wagner A., & Féres-Carneiro, T. (2007). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 2006, 16(35), 315-325
- Mosmann, C. e Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista Spagesp*, Ribeirão Preto, v.12, dez 2011.
- Murray, S.L. & Holmes, J. G.(1997). A lap of faith? Positive illusions in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 586-604.
- Norgren, M.B.P., Souza, R.M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. & Sharlin, S.A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9(3), 17(2), 575-584.)
- O'Brien, M., & Peyton, V. (2002). Parenting attitudes and marital intimacy. A longitudinal analysis. *Journal of Family Psychology*, 16, 118-127.
- Perlin, G.dal B. (2006). Casamento contemporâneo: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal (Tese de Doutorado). Brasília, Distrito Federal. Universidade de Brasília.
- Perlin, G.dal B. & Diniz,(2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clinica*, 17 (2), 15-29.
- Possati, I.C. & Dias, M. R. (2002). A multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem estar psicologia. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 15 (2), 293-301

- Previtti, D. & Amato, P.R. (2004). Is infidelity a cause or consequence of poor marital quality? *Journal of Social and Personal Relationships*, 21,2, 217-230
- Russell, R.J.H. & Wells, P.A. (1991). Personality: similarity and quality of marriage. *Personality and Individual Differences*, 12, 407-412
- Russell, R.J.H. & Wells, P.A. (1993). Marriage and the relationship questionnaire: MARQ Handbook. Sevenoaks: Hodder and Stoughton.
- Russell, R.J.H. & Wells, P.A. (1994). Personality and quality of marriage. *British Journal of Psychology*, 85, 161-168.
- Rushton, J.P., Russell, R. J. & Wells, P.A.(1984).Genetic Similarity Theory: Beyond Kin Selection. *Behavior Genetics*, Vol 14, nº 3, 1984.
- Sadala, K. Y. (2005). *Estudo dos critérios de eleição de parceria amorosa em mulheres de 40 a 60 anos de idade*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Sampson, R. J., Laub, J. H., & Wimer, C. (2006). Does marriage reduce crime? A counterfactual approach to within-individual causal effects. *Criminology*, 44, 465 – 508.
- Sardinha, A., Falcone, E.M & Ferreira, M.C (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Jul-Set, 2009
- Saxbe, D. E., Repetti, R. L., & Nishina, A. (2008). Marital satisfaction, recovery from work, and diurnal cortisol among men and women. *Health Psychology*, 27, 15 –25.
- Selcuk, E.,Zayas, V. & Hazan, C. (2010). Beyond satisfaction: the role of attachment on marital functioning. *Journal of Family Theory & Review* 2, 258-279.
- Scharamm, Marshal, Harris & Lee (2011).
- Shackelford, T.K. (2001). *Personality and Individual Differences*, 30, 371-390
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost infliction. *Personality and Individual Differences*, 28, 917-928
- Shackelford, T. K., Schmitt, D.P. & Buss, D. M. (2005). Mate preferences of married persons in the newlywed year and three years later. *Cognition and Emotion*,19(8),1262-1270
- Shackelford, T.K., Goetz, A.T. & Buss, D.M. (2005). Mate retention in marriage: further evidence of reliability of the Mate Retention Inventory. *Personality and Individual Differences*, 39, 415-425
- Schimiti,J.A & Sarzedas, L.P. de Melo (2008). Relacionamento estável na visão de casais. *Terra e Cultura*, nº 46, Ano 24, Janeiro a Julho de 2008.

- Sousa, M. B. C.; Hattori, W. T. & Mota, M. T. S. (2009). Seleção sexual e reprodução. Em E. Otta & M. E. Yamamoto (Ed.), *Fundamentos de Psicologia: Psicologia Evolucionista* (pp. 114 - 126). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Stutzer, A. & Frey, B. (2004). Does marriage make people happy or do happy people get married?. *The Journal of Socioeconomics* 35 (2006), 326-347.
- Symons, D. (1979). *The evolution of human sexuality*. New York: Oxford University Press.
- Tennov, D. (1979). *Love and limmerence: The experience of being in love*. New York. Stein and Day.
- Young, L.J., Wang, Z. & Insel, T.R. (1998). Neuroendocrine basis of monogamy. *Trends Neurosci*, 21, 71-75
- Young, L.J. & Wang, Z. (2004). The neurobiology of pair-bonding. *Nature Neuroscience*, 10, 1048-1054.
- Trivers, R.L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbel (ed) *Sexual Selection and Descent of man, 1871-1971*, p-136-179, Chicago, Aldine.
- Wendorf, C.A, Lucas, T, Imamoglu, E.O., Weisfeld, C.C e Weisfeld, G.E. (2011). Sex differences and similarities in married couples: patterns across and within cultures *Journal Of Cross-cultural Psychology*, 42(3), 340-354.
- Wilson, G.D. & Cousins, J.M. (2003). Partner similarity and relationship satisfaction: development of a compatibility quotient. *Sexual and Relationship Therapy*, vol 18, nº2, 2003

ANEXOS

ANEXO 1



Universidade Federal do Pará
Núcleo de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

OBJETO: Qualidade da relação conjugal dos casais heterossexuais

Sou aluna do curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Pará e este é um convite para que você participe de uma pesquisa que será realizada como pré-requisito para obtenção de título de Mestre no curso. O título do projeto é “Qualidade da relação conjugal: uma avaliação por casais residentes no Pará”. Os objetivos deste estudo são investigar como os casais avaliam a qualidade de suas relações conjugais atuais assim como identificar, dentre aqueles que estão mais satisfeitos, quais as principais variáveis que contribuem para esta satisfação dos cônjuges.

A pesquisa será realizada através da aplicação de dois questionários, sendo que neste em nenhum momento será mencionado o nome das participantes. Não há despesas pessoais para a participante e também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Gostaria de ressaltar que caso você se sinta desconfortável ou incomodado (a), por qualquer motivo, poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento.

Os resultados finais da pesquisa serão apresentados na forma de dissertação de mestrado da pesquisadora, bem como em artigos científicos que derivarem da mesma e apresentações em congressos. Um resumo do trabalho poderá ser fornecido às participantes que tiverem interesse em conhecer o produto final da pesquisa. Não há riscos relacionados à pesquisa. O benefício que esse trabalho poderá trazer às participantes não é direto e imediato, mas os resultados poderão contribuir identificar quais os principais fatores responsáveis pela satisfação no casamento. Gostaria de contar com sua colaboração e coloco-me à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento. Caso você concorde em colaborar, assine abaixo.

Belém, ____/____/____

Assinatura do participante

Belém, ____/____/____

Assinatura do pesquisador que colheu o TCLE

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido desta participante ou de sua representante legal para a participação neste estudo.

ASSINATURA DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Nome: Keila do Socorro da Silva Rebello
End: Rua Cafezal nº 155, Marambaia. CEP: 66620-190.
Fone: (091) 8433-1580

Belém, ____/____/____

ANEXO 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

I- Responsável pelo preenchimento deste questionário:

() esposa () marido

II – Dados do casal:

Esposa:

a) Escolaridade (em anos) _____

Nunca foi à escola Até a quarta série Quinta à oitava série Segundo grau incompleto

Segundo grau completo Curso técnico completo Superior incompleto

Superior completo (especificar o curso) _____ pós graduação: _____

b) Trabalha: sim não

Profissão _____ Ocupação atual _____

Carga horária _____ Renda pessoal em Sal.Mín.: _____

Natureza: eventual; autônomo; fixo; carteira assinada

Marido:

a) Escolaridade (em anos) _____

Nunca foi à escola Até a quarta série Quinta à oitava série

Segundo grau incompleto Segundo grau completo Curso técnico completo

Superior incompleto Superior completo (especificar o curso) _____ pós graduação: _____

b) Trabalha: sim não

Profissão _____ Ocupação atual _____

Carga horária _____ Renda pessoal em Sal. Mín.: _____

Natureza: eventual; autônomo; fixo; carteira assinada

Renda familiar em Sal.Mín.: _____

III- Dados sobre a residência:

a) Casa ou apto própria () casa/apto alugada () casa/apto cedido ()
outros _____

b) Quantidade de cômodos (incluir quarto, cozinha, banheiro):

c) Assinale abaixo qual dos itens abaixo você possui e especifique a quantidade:

televisão em cores: _____ aparelho de DVD: _____ rádio: _____

Aspirador de pó: _____ Máq. Lavar roupa: _____ banheiro: _____

Automóvel de passeio: _____ Empregada mensalista: _____ geladeira: _____

(simples) Geladeira duplex ou freezer: _____

d) Quantas pessoas residem na casa? _____

Qual o parentesco delas com você? _____

Obrigada pela participação.

ANEXO 3

INSTRUÇÕES (Q.FEMININO)

Este questionário contém algumas perguntas simples sobre casamento. Por favor, responda todas elas, mesmo que você sinta que algumas delas são muito pessoais. Não serão pedidos nomes, e suas respostas serão tratadas de forma estritamente confidencial. Não consulte seu cônjuge para responder as perguntas. Quando você tiver terminado, **coloque o questionário dentro do envelope, lacre e devolva-o** para o pesquisador.

Muitas das perguntas possuem várias possibilidades de respostas. Cada resposta possui uma letra correspondente. Responda o questionário **marcando cada resposta** que você escolheu.

Não existem respostas certas ou erradas. Não gaste muito tempo em cada questão – é sua primeira impressão que importa.

Lembre-se:

- Suas respostas são confidenciais.
- Responda todas as questões.
- Responda de acordo com sua primeira impressão.
- Escolha a resposta que mais se aproxima da sua opinião.
- Marque a letra próxima a sua resposta.
- Devolva o **questionário** quando **você tiver** terminado.

AGORA COMECE AQUI:

1) Quantos anos você tem?

2.1) Você é casada legalmente?

A – Sim

B – Não

**2.2) Se sim, quanto tempo vocês viveram juntos antes de se casarem? _____ anos
_____ meses (aproximadamente)**

**3) Há quanto tempo você está casada com seu parceiro? _____ anos _____
meses**

4.1) Você já teve outros parceiros antes do atual?

A – Sim

B – Não

4.2) Se sim, quantos? _____

4.3) Qual a duração de cada parceria?

A) _____ anos _____ meses

B) _____ anos _____ meses

5) O quanto você se considera sociável?

A – Nem um pouco

- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

6) Seu casamento é tradicional?

- A – Sim
- B – De maneira geral
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

7) Seu parceiro é feliz?

- A – Extremamente
- B – Muito
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

8) Você ganha quanto da renda familiar?

- A – Toda.
- B – Mais que a metade
- C – Quase a metade
- D – Menos que a metade
- E – Nada

8.1 A sua renda (citada na questão anterior) é de origem:

- A) do seu emprego formal
- B) do seu trabalho informal
- C) de pensão
- D) de locação de bens ou imóveis

9) Você acha que seu parceiro é alguém fácil de se lidar?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

10) Você acha que a principal razão para o casamento é ter filhos?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Em algum grau
- D – Bastante
- E – Definitivamente

11) Seus pais se divorciaram?

- A – Sim
- B – Não

12) Você gosta da companhia de seu parceiro?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

13) Vocês dois vieram de ambientes semelhantes?

- A – Muito semelhantes
- B – Quase semelhantes
- C – Mais ou menos
- D – Bastante diferentes
- E- Muito diferentes

14) Seu parceiro é mais inteligente que você?

- A – Muito mais
- B – Um pouco mais
- C – É tão inteligente quanto eu
- D – Um pouco menos
- E – Muito menos

15) Quando era criança, você era próxima de seus pais?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Muito
- E – Extremamente

16) Você tem sentimentos conflitantes sobre seu parceiro ?

- A – Definitivamente
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

17) Dinheiro é um problema em seu casamento?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

18) Você estava grávida quando vocês se casaram?

- A – Sim
- B – Não

19) Você se sente possessiva em relação a seu parceiro?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos

- D – Não muito
- E – Nem um pouco

20) Você gosta de crianças?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

21) Seu parceiro é ocupado demais para falar com você?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

22) Se você já foi casada anteriormente, isso ainda causa problemas?

- A – Não se aplica
- B – Não
- C – Não muito
- D – Bastante
- E – Muito

23) Você é gentil com seu parceiro?

- A – Muito
- B – De maneira geral
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

24) Você se preocupa muito?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E- O tempo todo

25) Você pode contar com um ou dois bons amigos?

- A – Sim
- B – Não

26) Você sente falta de seu parceiro quando vocês estão separados?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

27) Vocês dois possuem a mesma visão de vida?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – De maneira geral
- E – Completamente

28) Você é a primeira a fazer as pazes depois de uma discussão?

- A – Sempre
- B – Quase sempre
- C – Às vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

29) Quanto, em geral, você se empenha no trabalho?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Quase nada
- E – Nem um pouco

30) Quanto você acha que seu parceiro ama você?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

31) Você acha que sexo passa a ter menos importância à medida que você fica mais velho?

- A – Sim
- B – Sim, um pouco
- C – Talvez
- D – Não muito
- E – Não

32) É tolice ficar junto pelo bem das crianças?

- A – Sim
- B – Não

33) Seu parceiro envergonha você em público?

- A – O tempo todo
- B – Muitas vezes
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

34) Seu humor oscila?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Um pouco

- D – Bastante
- E – Muito

35) Você valoriza seu parceiro ?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

36) Você é influenciado pelo que as outras pessoas pensam?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

37) Se você está triste, consegue discutir com seu parceiro sobre isso?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – Sempre

38) Você certifica-se que seu parceiro parece ajeitado e arrumado antes que ele saia?

- A – Sempre
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

39) Você acha que divorciar-se é errado?

- A – Sim
- B – Não

40) Você entende seu parceiro?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Um pouco
- D – Bastante bem
- E – Muito bem

41) Seu casamento é bem-sucedido?

- A – Não
- B – Não muito
- C – Em alguns aspectos
- D – Sim, de maneira geral
- E – Sim, muito

42) Seu parceiro se sente possessivo em relação a você?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

43) Vocês são felizes?

- A – Extremamente
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

44) Quem toma as decisões importantes?

- A – Meu parceiro toma todas as decisões importantes.
- B – Meu parceiro toma a maioria das decisões importantes.
- C – Tomamos as decisões importantes juntos.
- D – Eu tomo a maioria das decisões importantes.
- E – Eu tomo todas as decisões importantes

45) Quando há um problema, é culpa seu parceiro?

- A – Sempre
- B – Quase sempre
- C – Às vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

46) Vocês dormiam juntos antes de se casarem?

- A – Sim
- B – Não

47) Quanto o dinheiro é realmente importante para um bom casamento?

- A – Nada
- B – Não muito
- C – Em alguma medida
- D – Bastante
- E – Muito

48) Seu parceiro deixa você irritada?

- A – O tempo todo
- B – Frequentemente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

49) Você cede quando há uma discordância?

- A – Sempre
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes

- D – Raramente
- E – Nunca

50) Você acha seu parceiro atraente?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

51) Qual a importância do companheirismo em seu casamento?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

52) Você sente que teve sorte por casar com seu parceiro?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Sim, de maneira geral
- E – Definitivamente

53) Você pode contar com sua família quando precisa de ajuda?

- A – Sim
- B – Não

54) O humor de seu parceiro oscila?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Um pouco
- D – Bastante
- E – Muito

55) Vocês gostam de fazer coisas juntos?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Se estende a isso
- D – Bastante
- E – Muito

56) Você já se sentiu atraído por pessoas do mesmo sexo que você?

- A – Nunca
- B – Uma ou duas vezes
- C – Algumas vezes
- D – Muitas vezes
- E – Frequentemente

57) Seu parceiro tem hábitos irritantes?

- A – Uma grande maioria
- B – Muitos
- C – Alguns
- D – Quase nenhum
- E – Nenhum

58) Você pensa que pessoas casadas sofrem quando os filhos saem de casa?

- A – Não
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

59) Se seu parceiro foi casado anteriormente, isso ainda causa problemas?

- A – Não se aplica
- B – Nem um pouco
- C – Não muito
- D – Bastante
- E – Muito

60) Você tem fortes crenças religiosas a respeito de casamento?

- A – Sim
- B – Não

60.1) Você tem religião? Qual e há quanto tempo você é adepta desta religião?

61) Você deixa suas preocupações para trás ao fim do dia?

- A – Não
- B – Não muito
- C – Algumas vezes
- D – Sim, de maneira geral
- E – Sim

62) Você fica contente se alguns amigos aparecem para visitá-la inesperadamente?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Não me importo
- D – Bastante
- E – Muito

63) Você já pensou em se separar de seu parceiro?

- A – Nunca
- B – Uma ou duas vezes
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – Eu pretendo fazê-lo

64) Você concorda com quem faz o quê em seu casamento?

- A – Totalmente
- B – De maneira geral
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

65) Seu parceiro acha você atraente?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

66) Seu parceiro é totalmente honesto em relação a ele mesmo?

- A – Sim
- B – De maneira geral
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Não

67) Você era mais feliz antes de se casar?

- A – Sim
- B – Não

68) Seu parceiro é gentil com você?

- A – Muito
- B – De maneira geral
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

69) Você se sente sexualmente satisfeito em seu casamento?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

70) Você se sente bem com seus sogros?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Não muito
- D – Nem um pouco
- E – Não se aplica

71) Seu parceiro sente orgulho de você?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos

- D – Bastante
- E – Muito

72) Sua saúde é boa?

- A – Ruim
- B – Pobre
- C – Normal
- D – Muito boa
- E – Excelente

73) Sem ser a trabalho, seu parceiro sai sem você?

- A – Muito frequentemente
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

74) Você se casou, em partes, por motivos financeiros?

- A – Sim
- B – Não

75) Seu parceiro é compreensivo quando você está sob pressão?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

76) Você sente ciúmes dos antigos relacionamentos de seu parceiro?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Muito pouco
- E – Nem um pouco

77) Quanto dos afazeres domésticos você faz?

- A – Nada
- B – Não muito
- C – Quase a metade
- D – A maior parte dele
- E – Todo

78) Você se sente próxima de seu parceiro?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Bastante
- D – Muito próximo(a)
- E – Extremamente próxima(a)

79) Você se importa muito com sua aparência?

- A – Sim
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Não

80) Seu parceiro preocupa-se muito?

- A – Nunca
- B – Ocasionalmente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

81) Alguma vez você já pediu ajuda externa para seu casamento?

- A – Sim
- B – Não

82) Você considera seu parceiro sociável?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

83) Você tem hábitos irritantes?

- A – Uma grande maioria
- B – Muitos
- C – Alguns
- D – Quase nenhum
- E – Nenhum

84) Seu parceiro sabe o que você realmente pensa e sente?

- A – Sempre
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

85) Vocês andam de mãos dadas?

- A – Muito frequentemente
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Não muito frequentemente
- E – Nunca

86) Você se considera rica?

- A – Muito rico
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Abaixo da média

E – Pobre

87) Você deseja que seu parceiro fosse sexualmente mais responsivo a você?

- A – O tempo todo
- B – Frequentemente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

88) Vocês são de diferentes grupos étnicos?

- A – Sim
- B – Não

89) Você sente que seu casamento prende você?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Muito
- E – Completamente

90) Com que frequência seu parceiro faz você rir?

- A – Muito frequentemente
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

91) Qual a importância do sexo no seu casamento?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Bastante
- D – Bastante importante
- E – Muito importante

92) Você esconde seus sentimentos?

- A – Nunca
- B – Não muito frequentemente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

93) Você acha que seus pais tiveram um casamento feliz?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Não

94) Seu parceiro acha outras mulheres atraentes?

- A – Nunca
- B – Raramente

- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

95) Você ama seu parceiro agora mais do antes?

- A – Sim
- B – Não

96) Em anexo

97) Você pode contar com seu parceiro em uma crise?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – Sempre

98) Você gosta de ficar abraçada com parceiro?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Um pouco
- D – Bastante
- E – Muito

99) Com que frequência você tem uma discussão séria?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Ocasionalmente
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

100) O trabalho de seu parceiro atrapalha seu casamento?

- A – Não se aplica
- B – Nem um pouco
- C – Um pouco
- D – Bastante
- E – Muito

101) Você acha outros homens atraentes?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

102) Para você, seu casamento se parece com o de seus pais?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – De alguma forma
- D – Não muito

E – Nem um pouco

103) Você já esteve separada por algum tempo?

A – Sim

B – Não

104) Você se sentiria perdida sem seu parceiro?

A – Nem um pouco

B – Não muito

C – Um pouco

D – Bastante

E – Completamente

105) Você pensa que seu parceiro é atraente para outras pessoas?

A – Nem um pouco

B – Não muito

C – Um pouco

D – Bastante

E – Completamente

106) Você se casou para fugir de seus pais?

A – Nem um pouco

B – Não muito

C – Em parte

D – Principalmente

E – Completamente

107) Você se sente impaciente com seu parceiro?

A – O tempo todo

B – Com muita frequência

C – Algumas vezes

D – Ocasionalmente

E – Nunca

108) Você está satisfeito com o local onde vive?

A – Nem um pouco

B – Não muito

C – Moderadamente

D – De maneira geral

E – Muito

109) Você quer tocar em seu parceiro?

A – Nunca

B – Raramente

C – Algumas vezes

D – Geralmente

E – Muito frequentemente

110) Você vê o casamento como um importante contrato público?

A – Sim

B – Não

111) Você é ocupada demais para falar com seu parceiro?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

112) Você seria feliz vivendo por conta própria?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Muito
- E – Extremamente

113) Quanto de educação você teve?

- A – Muito pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

114) Seu parceiro mudou desde que vocês casaram?

- A – Completamente
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Um pouco
- E – Nem um pouco

115) Você encontra satisfação sexual fora de seu casamento?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Alguma
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

116) Seu parceiro gosta de fazer tarefas de casa?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – De alguma forma
- D – Bastante
- E – Muito

117) Seu parceiro dá atenção suficiente para a aparência dele?

- A – Sim
- B – Não

118) Seu parceiro lhe dá razão com frequência?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito

- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

119) Seus pais eram ricos?

- A – Muito ricos
- B – Bastante ricos
- C – Mais ou menos
- D – Abaixo da média
- E – Pobre

120) Seu parceiro ajuda você a escolher suas roupas?

- A – Sempre
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

121) Você tem expectativas realistas sobre casamento?

- A – Completamente
- B – De maneira geral
- C – De alguma forma
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

122) Seu parceiro entenderia se você fosse infiel?

- A – Sim, totalmente
- B – Sim, de maneira geral
- C – Talvez
- D – Não muito
- E – Não

123) Quanto tempo vocês gastam um com o outro, apenas?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Algum
- D – Não muito
- E – Muito pouco

124) Há privacidade suficiente na vida da sua família?

- A – Sim
- B – Não

125) Há trocas suficientes em seu casamento?

- A – Não
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Sim, de maneira geral
- E – Sim

126) Você gosta de fazer tarefas de casa?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – De alguma forma
- D – Bastante
- E – Muito

127) Quando você e seu parceiro têm opiniões diferentes, você esconde isso das outras pessoas?

- A – Sempre
- B – Frequentemente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

128) Você respeita seu parceiro?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

129) Você acredita que filhos mantém um casal unido?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Não muito
- D – Nem um pouco
- E – Eles podem piorar a situação

130) Se você pudesse escolher, você casaria com a mesma pessoa novamente?

- A – Definitivamente
- B – Provavelmente
- C – Talvez
- D – Provavelmente não
- E – Definitivamente não

131) Você tem um emprego de período integral?

- A – Sim
- B – Não

132) Você sente orgulho de seu parceiro?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

133) Seu casamento tem um lado romântico?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – De alguma forma

- D – Bastante
- E – Muito

134) Você está feliz com seu papel na vida?

- A – Muito
- B – De maneira geral
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

135) Você tem transado contra sua vontade?

- A – Muito freqüentemente
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

136) Você discute suas preocupações cotidianas com seu parceiro?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Muito freqüentemente
- E – Sempre

137) Como sua família reagiu ao seu casamento?

- A – Aprovaram completamente
- B – Alguns aprovaram
- C – De forma irrelevante
- D – Alguns desaprovaram
- E – Desaprovaram completamente

138) Você tem uma idéia clara do homem dos seus sonhos?

- A – Sim
- B – Não

139) Quanto você ama seu parceiro?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

140) Você acha que possui boa aparência?

- A – Não
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Sim

141) Você sente solidão?

- A – Nem um pouco

- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Bastante
- E – O tempo todo

142) Você gosta de livros ou vídeos sexuais/eróticos/sensuais?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Não me importo
- D – Bastante
- E – Muito

143) Quão bem seu parceiro conhece seus amigos?

- A – Muito bem
- B – Bastante bem
- C – Moderadamente
- D – Levemente
- E – Nem um pouco

144) Seu parceiro importuna você?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – O tempo todo

145) Você já se divorciou?

- A – Sim
- B – Não

146) Você estaria em uma posição difícil se você se divorciasse agora?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Moderadamente
- D – Não muito
- E – Não

147) Seu parceiro entende você?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Um pouco
- D – Bastante bem
- E – Muito bem

148) Você se casou na mesma época que seus amigos?

- A – Muito antes
- B – Um pouco antes
- C – Quase na mesma época
- D – Um pouco depois
- E – Muito depois

149) Você se preocupa quanto a seu parceiro ser infiel?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

150) Você sai e vê seus amigos sem seu(sua) parceiro(a)?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – Muito frequentemente

151) Seu parceiro apóia você naquilo que você está tentando fazer?

- A – Completamente
- B – De maneira geral
- C – Algumas vezes
- D – Não muito
- E – Não

152) Seus pais participaram da sua escolha de parceiro?

- A – Sim
- B – Não

153) Seu parceiro é ciumento em relação a seus relacionamentos anteriores?

- A – Nem um pouco
- B – Muito pouco
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

154) Seu trabalho atrapalha seu casamento?

- A – Não se aplica
- B – Nem um pouco
- C – Um pouco
- D – Bastante
- E – Muito

155) Seu parceiro respeita você?

- A – Muito
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

156) Com quantas pessoas você teve um relacionamento sério antes de se casar?

- A – Nenhuma
- B – Uma ou duas
- C – Algumas

- D – Várias
- E – Muitas

157) Seu parceiro é realmente desagradável para você?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – Muito freqüentemente

158) Com que freqüência você vê os membros de sua família?

- A – Muito freqüentemente
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

159) Foi amor à primeira vista?

- A – Sim
- B – Não

SE VOCÊ NÃO TEM FILHOS, POR FAVOR RESPONDA ESSA QUESTÃO:

160) Por que você não tem filhos?

- A – Nenhum de nós quis tê-los
- B – Eu não os queria
- C – Meu(minha) parceiro(a) não os queria
- D – Nós não os quisemos ainda
- E – Nós ainda estamos tentando tê-los.
- F – Eu sou infértil
- G – Meu(minha) parceiro(a) é infértil
- H – Nós não podemos tê-los
- I – Outras razões _____

SE VOCÊ TIVER FILHOS (AINDA VIVOS), POR FAVOR RESPONDA ESSAS QUESTÕES:

161) Você teve tantos filhos quanto desejava?

- A – Definitivamente muito mais
- B – Talvez muito mais
- C – Tantos quanto
- D – Talvez muito menos
- E – Definitivamente muito menos

162) Seus filhos vivem com você?

- A) Sim
- B) Não. Vivem com _____

163) Seu parceiro é próximo de seus filhos?

- A – Extremamente
- B – Muito
- C – Bastante
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

164) Vocês concordam a respeito de como as crianças deveriam ser educadas?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – De alguma forma
- D – De maneira geral
- E – Totalmente

165) Você abraça seus filhos freqüentemente?

- A – Muito freqüentemente
- B – Geralmente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

166) Você perde a paciência com seus filhos?

- A – O tempo todo
- B – Freqüentemente
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

167) É você quem cuida dos seus filhos?

- A – O tempo todo
- B – A maior parte do tempo
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

168) Você sente que seus filhos controlam sua vida?

- A – Completamente
- B – De maneira geral
- C – Em parte
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

169) Você aprova a forma com que seu parceiro se comporta com seus filhos?

- A – Completamente
- B – De maneira geral
- C – De alguma forma
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

170) Seus filhos deixam você nervosa?

- A – O tempo todo

- B – Bastante
- C – Algumas vezes
- D – Raramente
- E – Nunca

171) Seu parceiro coloca você antes de seus filhos?

- A – Nunca
- B – Não muito freqüentemente
- C – Ocasionalmente
- D – Geralmente
- E – O tempo todo

172) Você faz aquilo que seus filhos desejam?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Algumas vezes
- D – De maneira geral
- E – Completamente

173) Seus amigos tem filhos?

- A – Todos eles
- B – Muitos deles
- C – Alguns deles
- D – Poucos deles
- E – Nenhum deles

174) Algum de seus filhos é física ou mentalmente deficiente?

- A – Sim
- B – Não

175) Seu parceiro é um bom pai?

- A – Definitivamente
- B – De maneira geral
- C – De alguma forma
- D – Não muito
- E – Não

176) Sua perspectiva de vida mudou depois que você teve filhos?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Completamente

177) Você tem discussões na frente de seus filhos?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – O tempo todo

178) Você é próximo de seus filhos?

- A – Nem um pouco
- B – Não muito
- C – Bastante
- D – Muito
- E – Extremamente

179) Você foi negligenciado por seu parceiro quando seu primeiro filho nasceu?

- A – Totalmente
- B – Bastante
- C – Mais ou menos
- D – Não muito
- E – Nem um pouco

180) Seus filhos são demais para você?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Geralmente
- E – O tempo todo

181) Seus filhos lhe trazem felicidade?

- A – Sim
- B – Não

182) Você gosta de estar com seus filhos?

- A – Nem um pouco
- B – Um pouco
- C – Mais ou menos
- D – Bastante
- E – Muito

183) Seu parceiro perde a paciência com seus filhos?

- A – Nunca
- B – Raramente
- C – Algumas vezes
- D – Frequentemente
- E – O tempo todo

184) Você é uma boa mãe?

- A – Definitivamente
- B – De maneira geral
- C – De alguma forma
- D – Não muito
- E – Não

185) Seus filhos são felizes?

- A – Extremamente
- B – Muito

C – Bastante
D – Não muito
E – Não

**MUITO OBRIGADO POR RESPONDER ESSAS QUESTÕES. © R. J. H. Russell
& P. A. Wells, 1993**

Se você desejar fazer qualquer comentário, por favor, escreva-o abaixo.

Por favor, escreva detalhes de TODOS os seus filhos aqui:

	Idade	Sexo M/F	Ainda vivos? S/N	São seus próprios filhos? S/N	Adotados por você? S/N	Você tem enteados? S/N	Os enteados são deste casamento S/N?	Vivem com você agora? S/N
Filho 1								
Filho 2								
Filho 3								
Filho 4								
Filho 5								
Filho 6								
Filho 7								
Filho 8								
Filho 9								
Filho 10								
Filho 11								
Filho 12								

*** Se algum dos filhos tiver falecido, por favor, diga a idade que tinha quando morreu.**

ANEXO 4



Universidade Federal do Pará

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 118/11 CEP-ICS/UFPA

Belém, 03 de Agosto de 2011.

Prof^a. Dr^a. Regina Célia Souza Brito

Senhora Pesquisadora,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa “Qualidade da relação conjugal: uma avaliação por casais residentes no Pará” CAAE 0095.0.073.000-11 e parecer nº104/11 CEP-ICS/UFPA, foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano CEP-ICS/UFPA, do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará na reunião do dia 30 de junho de 2011.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 30 março de 2013, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Wallace Raimundo Araujo dos Santos.
Coordenador do CEP-ICS/UFPA